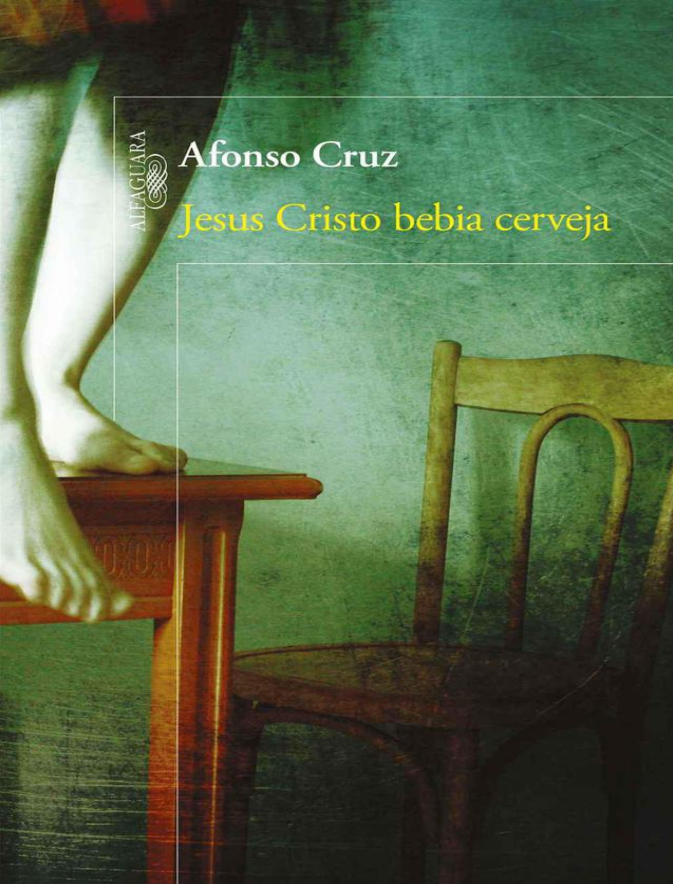


The background of the book cover is a painting of a person's legs and feet resting on a wooden table. The person is wearing a red garment. The background is a textured green wall. A wooden chair is visible in the lower right corner.

ALFAGUARA



Afonso Cruz

Jesus Cristo bebia cerveja

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ALEAGUARA



Afonso Cruz

Jesus Cristo bebia cerveja

© Afonso Cruz, 2012
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Rodrigo Rodrigues

Imagem de capa
Raluca Deca/Trevillion Images

Revisão
Lília Zanetti
Ana Kronemberger
Fatima Fadel

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C96j

Cruz, Afonso
Jesus Cristo bebia cerveja [recurso eletrônico] / Afonso Cruz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7962-312-7 (recurso eletrônico)
1. Ficção portuguesa. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-11008 CDD: 869.3
CDU: 821.134.3-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)
[73](#)
[74](#)

À Picas. Sem ela não haveria literatura.

Da corrupção falo com pompa e propriedade e até posso melhor que a parábola de Cristo Jesus, a tal do cereal que tem de morrer para viver, pois do cereal não faço apenas nascer cereal, faço um verdadeiro milagre. Do podre, que é morto e corrupto, torno pão líquido que é a cerveja, néctar de reis, alimento de pobres e ambrosia dos sábios.

(FOUQUERET, citado por F. CONRAD)

Antónia agacha-se na rua e o chão vai-se enchendo com o som da urina acastanhada. O sol cai a pique e todas as janelas de todas as casas estão fechadas para dentro, deixando a aldeia sem ninguém, os largos vazios como fotografias velhas.

Rosa está com a avó, e sente muita vergonha de estar ali no meio da rua, junto dela. Afasta um pouco os pés quando a urina lhe toca as solas dos sapatos, mas não pode afastar-se tanto como desejaria, pois Antónia agarra-lhe o vestido para se equilibrar melhor.

Ali, e em situações como aquela, é quando sente mais falta do avô. Se ele ainda fosse vivo, as coisas seriam diferentes. Nessa altura vem-lhe à memória o dia em que ele se atirou para dentro do poço.

Rosa tinha quase cinco anos quando o avô, com hálito de aguardente, lhe disse que já voltava, que não demorava nada. E de seguida coxeou até ao poço, deixando-se cair de cabeça. O corpo bateu nas paredes de pedra, pois era Verão e havia pouca água. Rosa ficou parada, sem saber o que fazer, mas depois de alguns minutos com o corpo a tremer debaixo do sol, dirigiu-se até ao murete e chamou por ele. Quando a avó a encontrou, ela ainda o chamava. O velho boiava lá em baixo, com um braço torcido por cima da cabeça e sem parte da camisa, que ficara agarrada às paredes do poço.

Parece que a morte vem sempre à tona de água.

Ao fundo, uma nuvem de poeira anuncia a passagem da guarda. O cabo conduz com o braço de fora e com um cigarro na boca. A seu lado, o sargento Oliveira assobia ao mesmo tempo que bate com as mãos nas coxas, a fazer uma espécie de percussão. Param numa berma, junto ao calor do princípio da tarde, perto de uma oliveira acinzentada cuja sombra mal chega para ela mesma. O cabo sai do carro e encosta-se à porta. O calor do metal faz aparecer algum calão na sua boca. Desencosta-se num pulo e cospe para o lado. No chão há uma raposa morta e o guarda vira-a ao contrário usando a ponta da bota. Não há sangue e quase não há insetos, exceto umas poucas formigas junto aos olhos e na boca do animal. Acabou de morrer, pensa. Nem sequer cheira mal. Pega-lhe na cauda, põe a cabeça dentro da janela, e diz:

— Acabou de morrer atropelada.

— És parvo? Deita isso fora.

O guarda ganha balanço com a mão esquerda e atira o zorro por cima de uma oliveira. O cadáver bate num ramo, fica preso entre as folhas por uns segundos e cai em cima de uma vedação de arame farpado. O sargento Oliveira sai do carro e acende um cigarro, põe uma bota em cima do pneu traseiro e apoia os braços no joelho. Quando acaba de fumar, os dois guardas entram no carro e dirigem-se para a aldeia. Passam pelo cemitério, conduzindo muito devagar até ao largo do jardim. Os correios acabam de abrir e Manuel Moita dirige-se para lá. Tem oitenta e três anos, Alzheimer, e vai aos correios várias vezes por dia para saber se tem correspondência. As pessoas têm paciência e lamentam aquela insistência que nasce da solidão e da doença.

Os guardas sorriem quando o veem. O cabo buzina enquanto o sargento Oliveira acena para o velho, que se assusta, encostando-se à parede. Então, no meio da confusão da sua cabeça, parece reconhecer aquelas caras e também acena, retomando a caminhada, mas em sentido contrário. Já não se lembra de que ia aos correios e volta para casa.

Antônia ainda está acororada, agarrada ao vestido da neta, quando o carro da guarda se aproxima. O cabo quer parar e sair.

— Deixa a velha em paz — diz-lhe o sargento.

— Está a mijar na rua.

— Não sabes quem é, pois não? Estás cá há dois anos e ainda não ouviste falar

da Antónia?

— Não.

— Um dia conto-te.

— Conta agora.

— Encosta o carro aí na sombra.

O sargento acende um cigarro e atira o fumo para fora da janela.

— Há uns anos houve uma série de assassinatos aqui na zona. Todas as vítimas

tinham objetos do quotidiano espetados no corpo. Um homem com uma colher de pau enfiada no pescoço, uma mulher com cacos de uma tarefa de barro espetados ao longo das coxas, coisas dessas. O capitão andava obcecado com os crimes e desconfiava do marido da Antónia, o Gago, que era ganadeiro. O capitão, sempre que o via nos campos, metia-o no jipe e levava-o para o posto. Depois espancava-o. Uma das vezes estendeu-o no chão e passou-lhe com o carro por cima de uma perna. O homem ficou coxo para o resto da vida e deixou de conseguir trabalhar. O Gago andava desesperado, cheio de medo, e um dia atirou-se para dentro do poço lá de casa. Estava com a neta, que viu tudo. A gaiata não tinha mais de cinco anos. Ela e a avó ficaram a viver de umas pensões miseráveis e de alguns legumes da horta. Agora, a velha quase não consegue trabalhar a terra, e eu acho que devem passar fome. Foi tudo um grande erro, até porque dois meses depois da morte do Gago, descobre-se o assassino, ou melhor, a assassina. Era a mulher do capitão. Uma história louca. Imagina que ela só matava para ter a atenção do marido. Por isso é que usava objetos do dia a dia. Quando ela casou com o capitão, como em quase todas as relações, havia ali muita paixão. O capitão de vez em quando oferecia-lhe flores do campo e levava-a a bons restaurantes a comer caça ou marisco. Mas como normalmente acontece, a coisa foi-se diluindo na rotina e já não havia ali relação nenhuma. Ora, daquela maneira, a mulher conseguiu fazer com que o capitão voltasse a pensar nela, que só pensasse em encontrá-la, andasse obcecado. Antes não lhe ligava nenhuma, mas agora ela tinha conseguido voltar a ser a razão da sua existência. Sem ele saber, claro, que o objeto da sua obsessão era a própria mulher. Mas ela não se importava com isso, pois tinha voltado a sentir-se desejada. Estava completamente louca. É isto que faz a solidão. Quando o capitão soube nem pestanejou. Sacou da pistola e deu um tiro na própria cabeça. Até na ventoinha do teto havia bocados do capitão.

O cabo, depois de ouvir contar a história, liga o carro e dá um estalido com a língua.

— Está na hora de voltar para casa — diz.

Ao fundo, Antónia e a neta caminham de mãos dadas. Junto à estrada há uma estátua da Virgem, com as mãos postas em oração. Quando tinha três anos, Rosa, ao ver a estátua com as mãos naquela posição, julgava que a Santa batia palmas. Agora, claro, já não pensa assim.

Por entre as estevas aparece uma cabeça. Os olhos pequenos piscam e olham em todas as direções. A cabeça volta a desaparecer na vegetação. Não há vento, e o cheiro das flores está parado junto às pétalas, como criminosos numa prisão. Do meio das estevas surge um homem, mal a claridade desmaia. O homem tem mais de setenta anos, mas move-se com destreza. Leva consigo uma arma que ele próprio considera a mais perigosa de todas as armas.

Rosa lembra-se muito bem da sua infância. Lembra-se de uma estátua da Virgem, como aquela que está junto à estrada à saída da aldeia, só que mais pequena. A mãe era uma mulher bonita que gostava de whisky e de ler. O pai era um homem baixo e franzino, mas surpreendentemente possante, católico, seco e capaz de arrancar árvores com uma mão. Tinha um nariz que era uma foice, lábios que pareciam duas cicatrizes, e gostava de adormecer de barriga para cima como adormecem os mortos. Bebia demasiado e depois saía para a rua a gritar com toda a gente, e ninguém se atrevia a pará-lo. Se alguém lhe fazia frente, pegava num copo de vinho com a mão esquerda e lutava usando a direita, sem nunca entornar uma gota. Depois punha o pé em cima do inconsciente que se atrevera a desafiá-lo e bebia o copo de um trago, limpando de seguida a boca ao braço e cuspiendo para o chão. Chamava-se João Lucas Marcos Mateus, pois a sua mãe, a avó de Rosa, achara que seriam nomes capazes de o proteger pelas veias da vida: um evangelista à frente, outro atrás, outro à esquerda e outro à direita. Por cima ficava Deus e por baixo o nome de família, junto à terra, que é onde estão todos os antepassados. Assim, teria um nome que o protegia para sempre, contra todas as direções do espaço, apenas aberto para o céu, onde Deus seria um guarda-chuva.

A mãe de Rosa era arqueóloga. Quando — mal terminou o curso — começou a trabalhar numa escavação no Baixo Alentejo, apaixonou-se. Isabel nunca gostara de rapazes polidos, de portes urbanos. Preferia homens feitos de lama e de trabalho, com as unhas sujas de bebedeiras de aguardente caseira, com hálito a metanol. Homens que tivessem mãos mas que a apalpassem como se tivessem cascos, e que, quando se deitassem em cima dela, respirassem o ar do campo, das pedras, das tempestades e fodessem como uma vara de porcos a passar por cima de um canteiro de lírios.

Quando viu os braços finos mas tensos de João Lucas Marcos Mateus, Isabel suspirou, e isso não passou despercebido. Nessa mesma noite, o pai de Rosa deitava-se em cima de Isabel, com o seu cheiro a bode, a alecrim e a Deus.

Quando acordaram de manhã, na mesma cama, ela disse-lhe que queria ter um passado com ele. Não era um futuro, que é uma coisa incerta, mas um passado, que é isso que têm dois velhos depois de passarem uma vida juntos. Quando disse que queria ter um passado com alguém, queria dizer tudo. Não desejava uma incerteza, mas a História, a verdade. Foi o que ela lhe disse. Era muito nova e preferia umas mãos arranhadas e grossas às mãos intelectuais dos amigos e dos colegas. João Lucas Marcos Mateus tinha as mãos cheias de alfaces plantadas e de açoitos nos cães. Os nós dos seus dedos pareciam os cotovelos de Isabel e o cheiro que trazia era como o de Deus. Deus cheira a touro, a terra e ao ventre das coisas. Os dedos dos colegas de Isabel, dos seus amigos, dos seus ex-namorados, eram como os seus cabelos molhados, acabados de lavar. Tocavam-na, mas eram feitos de palavras perfumadas. Preferiu João Lucas Marcos Mateus e expulsou os literatos da sua vida. Alguns eram, certamente, geniais. Sabiam versos gregos e escavavam coisas. Mas as suas mãos eram como um mau penteado.

João Lucas Marcos Mateus não sabia dizer nada, mas sabia quando plantar e quando colher, e isso refletia-se no corpo dela. Tinha um profundo conhecimento das suas coxas, das suas virilhas, das suas mamas. Ele tocava-lhe e fazia florescer os seus suspiros.

Isabel nunca cometeu o erro de tentar domesticá-lo, mesmo quando a paixão começou a desvanecer e o charme da animalidade passou a ser o defeito da animalidade. Os anos que se seguiram àquele casamento improvável foram transformando tudo aquilo

que de início era arrebatador em motivo de asco. A rotina foi-se instalando. O sexo tornou-se uma coisa prazenteira quando não o tinha. Isabel, que deixara de trabalhar — vivia à custa do marido e das rendas de duas casas que recebera de herança —, começou a beber. Deu à luz uma filha a quem chamaram Rosa, por ser o nome da avó paterna de João Lucas Marcos Mateus. O pai de Rosa era dócil e gentil com a menina, contrariando toda a sua natureza de cavalo selvagem, enquanto a mãe era fria como o Inverno — Rosa lembra-se bem das mãos da sua mãe, que pareciam de porcelana, como as das santas.

Um dia, João Lucas Marcos Mateus deixou de cheirar a Deus. Chegou a casa com desodorizantes e coisas afins e disse a Isabel que nunca mais cheiraria mal. Podia ser um labrego, mas não seria um labrego malcheiroso. Não queria que a filha se envergonhasse dele, queria ser um novo homem, e isso fez com que Isabel sentisse um repúdio ainda maior. Já não suportava João Lucas Marcos Mateus como era, selvagem, mas a nova versão revelava-se ainda mais deprimente. Sem o fulgor de outrora, parecia um cavalo cansado com os sovacos cheios de desodorizante barato.

Enquanto João Lucas Marcos Mateus trabalhava no campo, Isabel bebia e recebia cada vez mais homens em casa. Sempre que o marido não estava, havia máquinas para reparar, correio enganado, pão para entregar. Rosa via homens que não conhecia a entrar e a sair, ouvia risos e suspiros a rastejarem por baixo da porta do quarto dos seus pais. Por vezes ficava deitada no chão, parecia um tapete, com a cabeça encostada à madeira da porta. Gostava que o riso que passava por ali, que os suspiros e gemidos, a encontrassem a ela. Era por isso que deitava a cabeça no chão, junto à porta, para sentir, vindo da sua mãe, algo que não fosse frio como mãos de porcelana.

Um dia, a mãe de Rosa decidiu sair dali. Já não aguentava mais, parecia que tinha a cabeça a rastejar pela sua vida, esfomeada. Aquilo não era para ela. O pai havia tido razão quando se opusera à sua união com João Lucas. Agora, com uma filha agarrada aos joelhos do seu destino, era difícil mudar. Mas ela mudou.

Aconteceu numa manhã de ressaca, mas luminosa, com os pássaros a chilrear pelo meio da dor de cabeça de Isabel. Rosa estava sentada no sofá a brincar quando a mãe abraçou um homem qualquer que tinha acabado de entrar. Rosa saltou do sofá e agarrou as pernas da mãe com ciúmes. Riram-se todos (menos Rosa). O homem qualquer sentou-se a fumar e a beber, e passados minutos Isabel apareceu na sala com uma mala. Saíram os dois, e Rosa correu atrás deles até onde pôde, até à porta da rua, onde ficou encostada a bater com os punhos, a gritar, a chorar.

Quando se acalmou, foi para o quarto. Tirou o terço que a avó materna lhe dera e pôs-se a rezar junto à cama. Rezou com tanta força, com os olhos tão fechados que até doía, que a mãe voltou a aparecer. Rosa ouviu a fechadura da porta e foi ver o que era. Quando viu aquela figura, percebeu de imediato: aquela mulher não era a sua mãe. Era uma substituta, era a Virgem, que decidira atender às suas preces e ocupar o lugar da sua mãe. Era mais doce, mais sensível, era outra pessoa, apesar de visualmente idêntica. Depois das suas preces, o milagre havia acontecido: a Virgem, para não ir contra o livre-arbítrio, tão fundamental para a teologia da Igreja, decidira que, na impossibilidade de mudar o caráter de uma pessoa, apenas restaria a solução de a substituir, mas com as características que essa mesma pessoa deveria ter.

Quando fez a primeira comunhão, Rosa disse ao padre que a sua mãe não era a sua mãe, mas sim a Virgem, que a tinha substituído. O padre, horrorizado, admoestou-a e chegou a puxar-lhe as saias e dar-lhe umas palmadas no rabo. Castigo esse que o clérigo apreciou e passou a prodigalizar com alguma frequência. Rosa, teimosa, mantinha a teoria de que a sua mãe não era a sua mãe, mas a Santa das santas, a própria Mãe de Deus, a Virgem, a Rainha do Céu.

O caso era ainda mais perverso, pois Isabel (ou a Santa) havia começado a frequentar a igreja diariamente, coisa que jamais tinha feito. Em criança, a mãe dela ensinara-lhe alguns conceitos básicos do catolicismo e havia conseguido, contra a vontade do marido, que fizesse a primeira comunhão. Mas a religiosidade que a mãe de Isabel se esforçava por fazer crescer na filha era apagada pela educação humanista e atea que o marido impunha, sublinhando em eternas discussões conjugais o seu desprezo pela Igreja e pelo pensamento religioso em geral. Para ele era tudo de uma ignorância primária, uma superstição atroz que deveria ser considerada crime e erradicada da sociedade. Assim, Isabel acabou por abraçar a falta de Deus que o pai pregava.

Rosa sabia, apesar da sua idade ainda tão ingênua, que a mãe não gostava de padres nem de crucifixos, que não era devota como o pai nem como os avós maternos. O fato de ver agora a mãe a rezar reforçava a sua crença: aquela não era Isabel, a sua mãe, mas Maria, a mãe de Deus. Havia ainda outro pormenor muito fácil de verificar e que confundia Rosa: as mãos da sua mãe já não eram frias como as da Virgem de porcelana. Pelo contrário, eram quentes e ásperas, menos ossudas e mais carinhosas. Eram mãos que a agarravam e a penteavam e eram a anunciação do corpo todo que aí vinha. Agora, a mãe abraçava-a, fazia-lhe festas e beijava-a, uma demonstração de afetos que antes era de uma raridade confrangedora e que passou a ser de uma frequência desconfortável. Rosa achava aquela proximidade aberrante e esquivava-se sempre que podia. Reparava que havia algumas lágrimas nos olhos da mãe, mas isso ainda a assustava mais, tornando-a mais esquiua.

Agora, depois da transformação divina, a mãe de Rosa chegava a passar horas ajoelhada na penumbra da igreja, nas últimas filas da nave central, a rezar com a cabeça encostada às mãos. Chegava a casa e voltava a rezar em frente da estátua da Virgem de porcelana. Quando acabava, arrumava o terço e pendurava-o nas mãos frias da imagem.

A princípio, havia alguma diferença de temperatura entre a porcelana pintada e a sua pele, mas essa diferença foi-se esbatendo. Pouco a pouco, as mãos de Isabel voltaram a arrefecer.

Nossa Senhora foi-se esquecendo, aos poucos, da sua origem e de onde tinha vindo. O quotidiano dava-lhe cabo da memória, da eternidade toda. De cada vez que João Lucas Marcos Mateus se deitava todo suado em cima dela, com nós dos dedos que eram como cotovelos, a Santa gemia de dor, agarrando-se aos lençóis, enjoada e enojada, mas mexendo as ancas, contudo. O instinto é um processo admirável que se sobrepõe a todas as virtudes, mesmo às mais celestiais, castas e abençoadas. Aos poucos, a Virgem começou a beber das mesmas garrafas de que bebera a verdadeira mãe de Rosa e começou a comprar outras. Andava por casa com calças de fato de treino de acrílico, com saltos altos ou pantufas, a desentalar as cuecas do rabo, a praguejar, e a beber whisky barato. Quando João Lucas Marcos Mateus chegava a casa, ela estava quase sempre bêbeda, não havia jantar, e o homem enfurecia-se. Batia-lhe, possesso, mas ela parecia não se importar. A condição divina da Santa estava completamente esquecida. Agora, era

apenas uma mulher pobre e sem esperança. Rosa, que antes andara tão esquivada, voltava a ter vontade de a agarrar e de a abraçar, mas agora a Santa tinha as mãos frias como as da sua mãe, como a porcelana da estátua da Virgem, e era ela que se esquivava da filha. E, naturalmente, deixou de pegar no terço que estava pendurado nas mãos de porcelana da estátua da Virgem, pois já não se lembrava de rezar, já não sabia murmurar nenhuma oração. Quando era assediada nas ruas, sentia uma languidez estranha e soltava os seus sorrisos. Aos poucos foi preenchendo a vida com novos amantes e, por fim, acabou por fugir com um, abandonando a filha e o marido, e passando a viver como uma puta, ela que era a Santa das Santas, Dei Genetrix, a do ventre abençoado.

João Lucas Marcos Mateus, quando soube que havia sido abandonado, ficou em casa sem dizer nada, a cheirar a desodorizante e completamente perdido, durante mais de uma semana. Rosa passava por ele sem nunca ouvir uma palavra. O pai fazia o que tinha a fazer, mecanicamente, apenas torcendo os lábios de uma maneira que Rosa achava esquisita. Ao fim de algum tempo, recomeçou a sair, mas já não falava a ninguém nem gritava à noite, não ficava a cair de bêbedo nem desafiava os homens da aldeia a lutarem com ele.

O professor Borja é um homem com mais de setenta anos. O seu passado prova-o. Tem vivido com toda a sua ciência, pois é um homem cheio dela. Usa barbas muito grandes e óculos de massa, a imitar tartaruga, muito graduados, por onde os olhos tentam espreitar. Tem as pestanas grandes e sonha com peixes na escuridão, usa fatos de flanela e uma pulseira de prata que, em vez de ter o seu nome gravado, tem uma frase que diz "à noite também". Escreveu e publicou, na sua juventude, um grande insucesso de divulgação científica misturado com tratado político-social e qualquer coisa de particularmente místico, mas que Borja considera apenas pura ciência. Titulado com pompa Uma perspectiva antidarwiniana da evolução do homem: do macaco às amibas que vemos por aí, acrescido do subtítulo "A origem dos daquela espécie". Não vendeu nada, mas o professor ainda hoje considera esse insucesso uma enorme injustiça. Gostaria, e acharia lógico, que as suas teses se tornassem provérbios, fórmulas químicas da sabedoria popular. Além desse livro, publicou também Apologia das minhocas e Jesus Cristo bebia cerveja.

O professor Borja, remetido ao quarto escuro da sua existência (meio-inexistência), pena na solidão da razão — o último lugar deserto da terra —, com a qual mistura demasiada emoção. Passeia de manhã com as mãos atrás das costas, calçada abaixo, calçada acima. Pensa na Lei da Gravidade e em como as coisas caem tão eficientemente; pensa no Princípio da Incerteza de Heisenberg; pensa na Teoria das Cordas e por vezes no cravo de Bach. Gosta de música, que é a mesma coisa que ouvir geometria.

Borja entra na sua casa alugada, um espaço de homem solitário, e, extenuado, abre caminho através da ciência que impregna o ar denso. Já mais rarefeito, mas ainda em estado sólido, senta-se na sua poltrona, pousa a lata que carrega consigo, abre um livro como quem abre um vinho e ouve um bocadinho da aritmética de um compositor qualquer, alemão ou francês ou russo. Aos seus pés está uma lata pousada em cima do tapete. É a arma mais poderosa do mundo e o professor treme ao olhar para ela. Mas a sua missão está cumprida.

O caseiro Rato pega no cajado e caminha até à rua. O sol nasceu há pouco e há algum nevoeiro espalhado pelo chão. O muro que limita a propriedade de Miss Whittemore, a milionária inglesa para quem trabalha, tem quase três metros de altura e a parte da frente tem mais de oitenta metros de comprimento. É um muro impecavelmente branco, caiado todos os anos, que reflete a luz de todos os dias. O caseiro Rato olha para o muro e cerra os punhos. Não é a primeira vez que acontece, e é por isso mesmo que se sente rebentar de fúria: o muro está pintado com versos em tinta preta que escorre gotas até ao chão. Assinados por um tal de Diógenes de Oenoanda.

Toda a gente sabe quem faz aquelas coisas, quem anda a pintar versos da antiguidade grega, mas é preciso apanhá-lo em flagrante. O sargento Oliveira ficou uma semana de vigia, mas nesse período não aconteceu nada. Mal o sargento se foi, logo na manhã seguinte, a parede apareceu pintada outra vez. O sargento retomou a vigília, desta vez por um período maior. Não teve sucesso e, mal desistiu, o muro apareceu pintado mais uma vez. Decidiram que o sargento deveria aparecer de surpresa, mas o muro continuava a ser alvo de vandalismo filosófico, mais concretamente, epicurista. O caseiro Rato mandava limpar e cair a parede mal aquilo acontecia, e a dona da mansão, Miss Whittemore, parecia completamente alheia do que se passava.

O caseiro odeia aquela tinta preta a estragar a paisagem branca e luminosa do muro. Há um grande esforço dos homens, da civilização, por manter paredes brancas, e o caseiro Rato abomina a noite, que é o tempo dos inimigos da ordem: os homens caíam as casas de branco, mas a noite pinta tudo de preto. Ele sabe que o autor só pode ser o professor, e isso ainda o irrita mais.

Quando o caseiro e o professor Borja se encontram na taberna do Zé Romão, insultam-se e, por vezes, têm de os agarrar para não andarem à pancada. Conhecem-se desde miúdos e detestam-se desde miúdos. O caseiro Rato ainda anda com um dente do professor na carteira e exhibe-o sempre que o quer enfurecer: é um troféu de uma das suas brigas, de quando ambos tinham sete anos e Rato fez saltar da boca do professor, com um soco bem aplicado, um dente incisivo.

O caseiro usa calças de fazenda com um padrão geométrico, seja Inverno ou Verão, botas de pele cosidas à mão e um chapéu de feltro preto. Tem um nariz muito grande, braços cheios de veias salientes e mãos rudes, um corpo essencialmente analfabeto. Cresceu a lidar com os animais, especialmente touros e ovelhas. O pai era forçado e deixava-o a apascentar o gado quando andava nas touradas. A sua mulher, Guilhermina, tem cara de boi e é mesmo assim que a chamam: Cara de Boi. O próprio marido faz piadas sobre isso e toda a gente se ri da cara dela. É Guilhermina que caía o muro de cada vez que o professor Borja o pinta com tinta preta. De tanto os apagar, já sabe de cor alguns versos do epicurista Diógenes de Oenoanda.

A taberna de Zé Romão tem azulejos até meio da parede e mesas de metal pintado de azul com tampo a imitar mármore. A metade superior das paredes está pintada de um amarelo muito claro. Os móveis são de mogno e a seleção de vinhos é relativamente boa. Zé Romão cheira a enchidos e tem corpo de farinha, olhos pequenos e sobrelhas finas como se tivessem sido depiladas. As olheiras negras como a morte dançam debaixo dos olhos que quase não existem.

— Toda a gente sabe que és tu — diz Zé Romão.

O professor Borja encolhe os ombros. Há uns meses, o sargento Oliveira encostou-o a uma parede e deu-lhe uns tabefes. Dois dias depois, foi violentamente

espancado por um homem encapuzado. A marca que lhe ficou na cara não deixava dúvidas: era a marca do anel do sargento Oliveira. No entanto, não tem medo dele e continuará a pintar o muro. Mas não o admite a ninguém, não há testemunhas.

— Não sei quem é que anda a pintar o muro, mas eu não sou. Se fosse eu, eu saberia, não é?

— Tretas.

— Mas acho curioso e aprovo. Houve um gajo chamado Diógenes de Oenoanda que era tão rico, Deus o perdoe, que mandou construir um muro como o da inglesa e nele mandou gravar uma sùmula do pensamento de Epicuro. Vinte e cinco mil palavras num muro para ensinar as pessoas a viverem felizes. Não há melhor maneira de aplicar a fortuna. E aquilo era o oposto da publicidade, fazendo publicidade. Todas as campanhas nos dizem para comprar, mas aquele muro dizia o oposto: fazia publicidade contra o consumo, contra a ganância, contra os excessos. Não é possível imaginar um muro tão bonito quanto aquele. Já vi muita mulher nua e nenhuma se compara com uma parede epicurista. Quando apareceu este muro pintado aqui na terra, quase tão belo como o original, pensei: se deixassem o tal criminoso pintar os versos com os ensinamentos de Epicuro, que lição seria para a sociedade.

— Ninguém duvida que és tu que anda a pintar o muro.

— Nunca faria isso. Sou cumpridor. A puta da lei é sagrada. Serve-me mais um tinto.

— Foda-se — diz Manel Papo. — Confessa lá.

O professor olha para ele.

— Não tenho nada para confessar. Se os versos de Diógenes de Oenoanda aparecem neste século, ele deve ser o culpado. Parece que a sabedoria teima em reaparecer, como os fungos. A gente pinta a parede, mas não adianta, pois não? O fungo reaparece, como a sabedoria.

— Há muitas maneiras de dizer as coisas — diz Papo enquanto coça o nariz inchado da aguardente. — Quem é que paga a cal?

— Que se foda a cal. Estamos a falar de cultura — diz o professor.

— Não és tu que a pagas.

— Aquele muro é um ser vivo. Quando começam a aparecer palavras sobre os muros, sobre a cal, sobre a terra, sobre as coisas inanimadas, quando começam a surgir pensamentos, estamos perante um homem. A parede começa a pensar, já não é só cal, é como nós, que também somos de pedra com pensamentos a aparecerem pintados na nossa superfície.

— É uma parede, caralho — diz Zé Romão. — Ou vais preso porque és tu que andas a vandalizar aquilo ou então...

— Não sou eu. Jamais vandalizaria uma parede.

Miss Whittemore dorme dentro de um cachalote que um antepassado seu caçou nos mares do Sul. A ossada da baleia mede dezasseis metros e a sua cama, instalada entre as costelas, tem quase três metros de comprimento. Quando acorda, bem como ao deitar, bebe um chá de jasmim-pérola importado de Singapura, com duas gotas de leite: uma gota de leite de burra e outra de leite de porca. Veste-se e penteia-se antes de descer para o salão.

A casa principal tem dois andares, mas Miss Whittemore é dona de toda a aldeia. Na década de 1980, quando a povoação era habitada por apenas um casal, Miss Whittemore comprou todas as casas do lugar, todos os terrenos rurais e urbanos. Deu início à recuperação dos edifícios e, quando viu terminado o restauro, encomendou habitantes, a maioria de zonas limítrofes. Quis juntar à aldeia algumas personagens de relevo intelectual, por isso achou que seria edificante mandar vir um sábio hindu e um feiticeiro iorubá, acrescentando a estes um padre (que morreu após o primeiro almoço na aldeia) e o professor Borja, a contraparte laica e ateia. A desculpa eclética e a educação humanista, contudo, são apenas um disfarce para as saúdes que tem das colônias e dos lugares em que viveu na sua infância, nomeadamente a Índia e a África Ocidental.

Miss Whittemore cruza as pernas e suspira. Está sentada à oriental em cima de uma cadeira e, com os braços apoiados numa pesada mesa de carvalho, olha para a parede em frente. Depois dá um grito e chama a criada, que aparece ofegante, a perguntar o que se passa, se aconteceu alguma coisa, algum acidente.

— Não aconteceu nada — diz-lhe Miss Whittemore. — O que eu quero saber é onde estão o indiano e o nigeriano e o professor.

A criada encolhe os ombros, não faz ideia. Miss Whittemore contratou um sadhu indiano e um babalão nigeriano para alegrarem os seus serões com a sabedoria própria de cada uma das suas religiões. Além destes, obriga o professor a um almoço semanal, a que chama de Os Novos Deipnosofistas. O professor abomina estes encontros, enquanto os outros dois sentem uma repulsa quase idêntica mas que sabem aceitar, pois há algo no seu feitio, mais do que na sua religião, que os faz, de certo modo, tolerantes para com inglesas que dormem dentro de baleias. Adê Obá serviu o pai de Miss Whittemore quando este viveu no Gana. Vem de uma velha família de sacerdotes, e um dos seus avós foi um dos mais conhecidos adivinhos da região. Outro dos seus antepassados morreu na Alemanha. Adê Obá é um negro alto, de braços largos e cabelo grisalho. Tem dois cortes rituais nas têmporas e usa anéis de prata com decorações típicas do norte de África, do Mali e da Mauritânia. Miss Whittemore aprecia muito as canções que ele canta, acompanhadas por um tambor e um chocalho, instrumentos com nomes iorubás que a inglesa insiste em pronunciar erradamente, apesar de o sacerdote nigeriano os chamar simplesmente de tambor e chocalho. O hindu já não é tão magro quanto era quando veio para o Ocidente e aos poucos foi-se interessando mais pela gastronomia local do que pelo panteão oriental.

Ana Maria, a criada, está junto a Miss Whittemore. Está parada como uma estátua de barro, mal pintada, mal acabada. O seu olhar parece uma daquelas torneiras que não param de pingar. Diz, para si mesma, que se avizinha uma catástrofe. Vê isso nas manchas da parede, pois tem a mania, ou o dom, de interpretar as manchas das paredes, dos fungos, do salitre. O maior pesadelo da construção civil é o seu oráculo. Miss Whittemore, ao ouvi-la murmurar, pergunta o que se passa. Ana Maria não responde, está concentrada.

— Do que é que está à espera? — pergunta Miss Whittemore.

— Desculpe? — diz Ana Maria, que apesar de estar a olhar para a umidade da parede da sala não se apercebeu do problema presente. Muitas vezes acontece assim: conhecer o futuro dá cabo do presente.

— Do que é que está à espera?

— Não compreendo...

— Para chamar esses três? Onde é que eles estão? Procure-os e traga-os para almoçar.

Ana Maria sai da sala e fecha a porta demasiado devagar. É a sua maneira de protestar: quando faz alguma coisa contrariada, fá-lo com rigor e método maquinais. Com gestos contidos, lentos e precisos, levando Miss Whittemore a irritar-se para dentro, pois sente-se incapaz de repreender a criada que está a executar aquilo que ela ordenou com uma perfeição absoluta. Ana Maria, desta vez, para em frente à porta, muito reta, ergue o braço direito num movimento geométrico, roda ligeiramente a mão, aperta a maçaneta durante dois segundos, aclara a garganta, puxa a porta para si. Larga a maçaneta e encosta o braço ao corpo, dá dois passos em frente. Roda cento e oitenta graus ficando de frente para Miss Whittemore — que está muito vermelha, a engolir sabe-se lá que vernáculo —, ergue a mão esquerda com a mesma geometria com que antes moveu a direita e segura na maçaneta. Fica assim dois segundos antes de começar a puxar a porta para si até se ouvir um clique. Miss Whittemore sente uma dor logo abaixo do esterno, que é a raiva a ser digerida.

A casa de Miss Whittemore é conhecida por casa de Leste, em contraponto ao campo de Oeste, que é o nome do cemitério. A casa fica realmente orientada para nascente, como uma igreja. As suas divisões são chamadas versos, como se tudo fosse um grande poema. O salão é chamado, pela inglesa, de Verso Maior, e o seu quarto de Verso Deitado, e o corredor de Verso Longo, e a copa de Verso Angular e a sala de jogo de Verso de Fumo.

À entrada da casa há um tabuleiro nepalês de cabras e tigres, um gamão da Valáquia, um baralho árabe — de origem síria —, e outro renascentista, pintado em Bolonha no século XVI. Há armários de gim por toda a casa e louça veneziana para servir chá.

Em pequena, Miss Whittemore levava flores aos empregados. Dizia que eram do pai ou de um outro empregado. Isso melhorava a relação entre as pessoas, mesmo quando descobriam que era tudo iniciativa da criança rica e mimada. Também bebia gim às escondidas, e embebedava-se desde os oito anos. Miss Whittemore sentia, em criança, que aquelas florinhas do campo eram capazes de atar as pessoas umas às outras, como as letras compõem palavras, e imaginou fazer isso pelo mundo todo. Depois foi percebendo que o mundo não acabava nos muros da feitoria, como sempre achara. Então, entrou numa igreja e deixou uma flor no altar: Deus que distribuisse pelos homens.

Um dia, contou essa história ao professor Borja:

— Em pequena, deixava flores às criadas do meu pai com o nome de outra criada. E a criada que recebia a flor ficava encantada e dava uma flor de volta. Punha toda a gente a dar flores a toda a gente. Era assim que eu acreditava em Deus.

— Deus não estava envolvido. Não precisamos dele para nada.

— Pelo contrário, foi assim que passei a acreditar. Deus era o gesto de dar aquelas flores. Era criança, mas percebi isso claramente. Era o gesto, professor, o gesto, e não o objeto. O gesto humano e não um sujeito castigador, enorme, barbudo e onipotente.

— Ridículo.

— O meu pai costumava usar um argumento curioso, que não perfilho mas partilho consigo, que sei que aprecia um bom copo ao fim da tarde: não faz sentido nenhum que o mar não seja doce e potável. Fazer da maior parte do planeta uma coisa intragável é hediondo, e só Deus poderia lembrar-se disso. É a prova de que existe. Se fosse a ciência ou a razão, o que fariam? Um mar estupidamente salgado ou uma coisa que se pudesse beber do balcão dum bar?

— Ha, ha, ha, ridículo. É um argumento de uma estupidez atterradora. A complexidade não é fruto da razão e há um motivo para o sal no mar. É muito fácil confundir as mentes ingênuas com argumentos desses.

— Concordo, mas continuo a ter pena de que o mar não seja potável.

Ninguém diz muito alto o nome da inglesa, pois todos têm medo dela, e muitas das coisas estranhas que acontecem na região são-lhe atribuídas. Quando aparece uma cobra no Inverno, a culpa só pode ser dela. Desde que a inglesa se instalou na aldeia, aparecem asinino-homens com mais frequência e não apenas na lua cheia. Toda a gente sabe que Fernando Valim se transforma em burro em certas noites. O que, aliás, no caso dele, nem é uma grande transformação. Mas essas metamorfoses são mais frequentes desde a chegada da inglesa, ou assim creem as pessoas, de cada vez que um burro se solta e

corre, de noite, pelas ruas. Todos temem o exotismo do sacerdote nigeriano e do brahmin, sempre com tão poucas roupas, mesmo no Inverno. O hindu foi visto certa vez com uma cobra pendurada no pescoço, e quando os peitos de Genoveva começaram a mirrar e o seu bebê a emagrecer, a população achou, de imediato, que a culpa era dele, do indiano quase nu, que instruía a cobra para que, quando a mãe adormecesse com o bebê ao colo, lhe sugasse o leite das tetas, deixando Genoveva crente de que fora a criança a mamar e não a cobra. A esta atitude de receio, que os dois sacerdotes acham ser reverência ou adoração, soma-se um profundo asco. A crença errônea que os dois alimentam, a ideia de que são respeitados, é corroborada pelas inúmeras dádivas com que os prodigalizam. Quando passam na rua, dão-lhes frutas, queijos e enchidos. O hindu começou por recusar, acima de tudo por obrigação religiosa, mas aos poucos foi-se rendendo à carne de porco e vaca, ao borrego e ao cabrito, aos enchidos. Por vezes come de imediato as coisas que lhe oferecem, devora-as como um esfomeado, e depois atira os ossos aos cães vadios. Arrota e limpa a boca ao braço, aponta para os cães e exhibe a sua sabedoria: o autoconhecimento é uma coisa muito difícil, é como os cães, que roem ossos, mas não roem os seus próprios ossos.

Os aldeões ficam a olhar para ele, sem compreender, espantados com a sua voracidade e com aquelas palavras ditas em inglês. Um dia, estava o hindu a dormir no chão, sentado em cima de uma sombra de eucalipto, quando Fernando Valim passou por ele, cautelosamente para não o acordar. Vinha a correr, mas estacou, ergueu a perna esquerda com cuidado e fê-la passar por cima das pernas estendidas do indiano. Ao passar a perna direita, o hindu acordou e desatou aos berros, pois os orientais não gostam que lhes passem por cima das pernas. Fernando, assustado, começou a correr com os braços no ar, também ele a gritar. Quando, poucos dias depois, à noite, se soltou um burro, todos concluíram que era Fernando Valim, ainda mais amaldiçoado do que era costume, pois agora acumulava às suas metamorfoses trágicas os gritos furiosos do indiano.

O pastor Ari está sentado ao lado de Rosa, por entre as ovelhas, num campo de funcho e alabaças. Rosa está sentada no chão com os braços à volta das pernas, dobradas contra o peito. Ao fundo, vê-se o monte da sua avó, branco e azul e preto, com duas chaminés e um grande forno para cozer o pão. Ari fuma um cigarro enquanto toca uns acordes no cavaquinho. O cão está deitado à sombra de um loureiro, a dormir.

Ari é o único amigo de Rosa, uma amizade que vem de criança, da escola primária. Ari é mais velho seis anos, mas quando Rosa entrou na escola, ele ainda por lá andava cultivando o seu insucesso escolar. É um rapaz forte, de cabelos encaracolados, cujo maior desejo, em criança, era trabalhar no teatro da vila, no meio dos atores e dos encenadores, dos coreógrafos, no meio dos filmes a cores e a preto e branco. Acabou por ver esse sonho concretizado e, aos sábados de manhã, quando há projeção de filmes na velha sala do teatro, é Ari quem senta as pessoas nas cadeiras com a ajuda de uma lanterna. Pega-lhes no bilhete e indica-lhes o lugar e isso enche-o de orgulho. Anda com a sua lanterna, à semelhança de Diógenes, o cínico, mas não procura um homem como o outro. Aponta a luz para o número que corresponde ao destino de cada espectador e vaticina-lhes:

— Eis o seu lugar, ao lado do cavalheiro de chapéu castanho.

A senhora que trabalha na bilheteira, bem mais velha do que ele, óculos na ponta do nariz e dedos a cheirar a lixívia, admira os seus caracóis rebeldes e diz-lhe:

— Ari, quando o vejo, lá no escuro (abro sempre uma fresta nos cortinados para espreitar), é uma luz na minha vida.

— É da lanterna...

— A sua lanterna ilumina-me a vida.

— É muito simpática. Eu nem mereço, só aponto a lanterna para o lugar...

— Só aponta a lanterna? Quem dera que na nossa vida houvesse um arrumador como o Ari, a apontar a lanterna para o lugar a que nos deveríamos dirigir, a iluminar o nosso caminho. Mas não, não temos ninguém. A minha mãe, que Deus a tenha, esperava isso do Senhor Jesus, mas eu nunca lhe vi a lanterna nem o vi arrumar coisa nenhuma.

— Só a senhora é que acha isso. Sou um pastor com a quarta classe, a mim ninguém me liga.

— É esta sociedade, sabe... São uns tolos. É a sua luz que os ofusca, está a apontar-lhes a lanterna aos olhos e eles não aguentam tanto brilho. Ficam cegos, são incapazes de ver o belo ser humano que a aponta.

Enquanto apascenta as ovelhas, Ari anda com a sua lanterna e nunca a larga. À noite aponta-a para as estrelas e para os olhos de Rosa. Ela fica sempre aborrecida com isso, às vezes furiosa, pois deixa de ver durante uns momentos e pensa: posso cair e magoar os joelhos e não há nada mais feio do que uma mulher com feridas nos joelhos. Ainda por cima, gosto de tirar as crostas com as unhas, em vez de as deixar cair como os dentes dos velhos. Fico a sangrar outra vez e tenho medo de que apareçam mais crostas e eu queira tirá-las com as unhas e isto nunca mais acabe e os meus joelhos fiquem horríveis.

Os sapatos de Rosa estão ao seu lado, as ervas chegam-lhe ao peito e Ari, encostado a ela, pousa o cavaquinho. Deita-se no chão com as mãos atrás da cabeça.

— O padre diz que o meu nome quer dizer “leão”.

— Leão?

— Pois. Já viste isto, Rosa? É como a profecia de Isaías: o leão deitar-se-á com

as ovelhas. E cá estou eu, deitado.

— Tenho de ir para casa. Não posso deixar a minha avó sozinha tanto tempo.

Mas vai-se deixando ficar, até sentir alguma coisa no corpo, uma espécie de dor, que lhe diz que já é tarde. Abre os olhos e começa a caminhar para casa. Junto à parede de uma ruína, que foi em tempos uma queijaria, encontra um ninho caído e um pássaro morto. Baixa-se e sente que o cadáver ainda está quente. Pega no ninho e repara que tem um pequeno ovo, inteiro. Pega no ovo com cuidado, limpando-o dos raminhos e da sujidade, e guarda-o no bolso do casaco. Quando era criança e encontrava pássaros mortos, semeava-os junto a árvores e esperava que se transformassem em novos pássaros. Ou, na pior das hipóteses, e se fossem preguiçosos, em árvores, em bichos que abrem os braços mas não voam, que ficam com os pés enterrados como palavras profundas. Os pássaros mortos também a fazem recordar-se do pai, João Lucas Marcos Mateus, que costumava sentar-se no alpendre a fumar e a beber, depois de ter espalhado aveia junto ao poço para atrair passarinhos e matá-los com a pressão de ar. Cozinhava-os com massa de pimentão, abria-os como livros, e fritava-os em banha, vinho branco, vinagre, alho e louro. Comia-se tudo, até a cabeça e os ossos, e a única coisa que ia para o lixo era o bico. Desfazia-se tudo na boca. João Lucas costumava dizer que comer passarinhos era ir além da morte. A morte come muita coisa, mas deixa os ossos, não é, Rosa? Quando comemos pardais estamos a escarrar na cabeça da puta da morte, estamos a dizer-lhe que somos capazes de fazer coisas de que ela não é capaz.

João Lucas Marcos Mateus tinha uma profunda aversão à morte e a tudo o que isso implicava, e quando Rosa caminhava pelas ruas, de mão dada com o pai, ele olhava para as mulheres que passavam e dizia: putas das mulheres, que estão sempre a envelhecer. E ficava furioso, com as sobrançelas caídas, chegando a pontapear as paredes depois de passar uma mulher que ele conhecera mais nova e que agora, depois de vários anos, já não exibia a frescura de outrora. Socava uma parede até o sangue começar a escorrer-lhe das mãos e Rosa começar a chorar e a enrolar os cabelos nos dedos. Então, João Lucas Marcos Mateus agarrava-lhe a mão e beijava-a, dizendo muito baixinho: putas das mulheres.

Rosa corre para casa com os olhos a encherem-se de lágrimas, não por causa de alguma dor, mas por causa do vento. Leva os braços abertos e uma espécie de sorriso, uma boca de braços abertos, enquanto desce o monte. Pássaros fogem do poço e da romãzeira onde pousam. As ervas mais bicudas arranham-lhe as pernas. Descer o monte é mais rápido do que subir o monte, o tempo rebola para baixo mais depressa do que para cima.

Chega arquejante ao alpendre e entra em casa, dirigindo-se logo para o seu quarto. Senta-se no chão, em cima do tapete, e tira o ovo de tordo do bolso do casaco. Põe-no na boca com muita cautela, pousado na língua úmida, no ninho das palavras, e deita-se na cama, a olhar para o teto. Tenta relaxar ao máximo, tendo muito cuidado para não partir o ovo. Leva a mão esquerda à cara e, fazendo uma pinça com o indicador e o polegar, massaja o espaço entre as duas sobrançelas. A mão direita repousa sobre o ventre, e, em poucos minutos, Rosa adormece. Sonha que voa por cima do mundo. Sente os olhos com lágrimas como se corresse pelo monte abaixo e o vento lhe batesse na cara.

— Rosa!

A avó chama-a da cozinha, mas ela não ouve. Está a voar e a gritar os nomes dos quatro evangelistas, como a avó lhe ensinou a fazer. Os evangelistas aparecem em cada uma das quatro direções, um a norte, outro a sul, outro a oeste e outro a leste, e

protegem o viajante, diz a avó. É preciso chamá-los quando se caminha sozinho. E esses nomes juntos fazem o nome do seu pai, que ainda anda, com toda a certeza, ao lado dela para a proteger, ou então por cima dela, como um guarda-chuva, como Deus.

Rosa acorda e trinca o ovo. Mastiga-o com a casca e engole tudo, enquanto alguma gema se mistura com a clara e lhe escorre pelo queixo. Já não precisa dele, já lhe serviu de balão, para voar nos sonhos. É isso que o ovo tem lá dentro: vontade de voar. Rosa limpa o queixo com os dedos e os dedos ao tapete do chão. Só então corre para ver o que quer a avó.

A velha está sentada numa cadeira de madeira, na cozinha, com o rosário no colo. Os lábios pendem como candeeiros de teto e os braços escorrem ao longo do corpo. Rosa assusta-se, a avó parece morta, com o olhar revirado para fora deste mundo. Abana-a e grita. Não tanto por nervosismo, mas porque a avó é quase surda. Rosa encosta os lábios aos ouvidos dela e grita-lhe o nome. Não há reação. Recua uns passos e corre para o corredor, pega no telefone e marca o número dos bombeiros. Precisa de ligar mais do que uma vez, porque se engana, e à primeira tentativa atende-lhe o talhante. Volta para a cozinha e pega nas mãos da avó, que estão murchas como cabelos brancos. Esfrega-as para que aqueçam e de vez em quando grita, ordena-lhe que acorde. Invoca Cristo e todos os santos, a Virgem e os beatos. Que são surdos como a avó e não comparecem.

Dentro de casa, a gineta domesticada dorme junto à lareira. Rosa anda de um lado para o outro, a tremer, e a gineta levanta-se e roça-se nas pernas dela, quase que a faz tropeçar. Rosa dá-lhe um pontapé e a gata afasta-se para debaixo da cadeira onde está Antónia.

Rosa ouve o barulho de um motor. São os bombeiros, e ela corre para a entrada a gesticular, dizendo:

— Depressa, que a minha avó está-me aqui a morrer.

— Ela já não tem idade para morrer — diz Branco ao sair da ambulância. Faia sai pelo outro lado, abre as portas traseiras e tira a maca.

Os bombeiros deveriam andar a combater o fogo, o elemento de Heráclito. Em vez disso, lutam contra o tempo. Uma luta quimérica. Para combater o fogo usam o seu grande inimigo, a água, mas para combater o tempo só têm uma maca, um medidor de tensão e uma garrafa de oxigénio. E, claro, os velhos continuam a morrer. Os bombeiros deveriam ter mangueiras a deitar juventude, deveriam andar a apagar a velhice.

Pegam na avó de Rosa e pousam-na na maca. Faia deixa-a cair e o outro repreende-o.

— As velhas caem muito — diz Faia.

— Caem mas é o caralho. Tens de agarrar nela como deve ser.

— É como te digo, são como a chuva, só sabem cair.

O bombeiro Branco mede-lhe a tensão. Faz uns estalidos com a língua, parece preocupado, e solta uns números que não dizem nada a Rosa.

— É grave? — pergunta ela, enquanto anda à volta dos bombeiros e tenta ajudar de alguma maneira, ao mesmo tempo que dá um beijo na testa da avó e grita por Deus: valha-me Deus, valha-me Deus.

Levam Antónia para a ambulância e Rosa acompanha-os. O bombeiro Branco vai a conduzir e o bombeiro Faia vai com as mulheres na parte de trás. O condutor assobia uma música popular enquanto Faia prepara a garrafa de oxigénio.

— Não há-de ser nada — diz, para descansar Rosa. E pega num bloco para preencher um formulário.

O hospital tem um cheiro que Rosa abomina, dizem que é éter, mas para ela é o cheiro dos últimos dias. Rosa tem a certeza de que a morte cheira a éter e que é assim que a reconhecemos, não é pela gadanha nem pelos ossos.

O médico diz qualquer coisa que Rosa não compreende.

— Compreende? — pergunta o médico, e Rosa faz que sim com a cabeça. Mas não percebe nada, nem o que tem de fazer. Olha para o chão, intimidada pela situação.

— São dois destes às refeições.

Rosa empurra a cadeira de rodas do hospital. A avó já está melhor, respira normalmente e, apesar de abatida, com olheiras escavadas pela vida, tem um sorriso nos lábios. Os olhos estão muito abertos, como se perguntasse alguma coisa. Os bombeiros voltam a pô-la na ambulância e Faia pergunta:

— Era o quê?

Rosa encolhe os ombros. Não sabe. Repara que a avó adormeceu e parece estar bem.

Faia olha para ela, toda enfiada, e repara nas suas pernas, com uma penugem exuberante. Pede-lhe para lhe mostrar as cuecas. Rosa olha para ele com um sorriso, não é de alegria, mas de nervosismo. Não sabe como reagir. O bombeiro Faia estende a mão e puxa-lhe um pouco a saia. Ela reage por instinto, afastando as pernas para o lado. O bombeiro insiste e é ela que acaba por arregaçar a saia. O bombeiro sorri e tenta abrir-lhe as pernas. Rosa faz força, mas acaba por ceder. O bombeiro abre a braguilha quando Branco pergunta, da parte da frente da ambulância, se está tudo bem. Faia diz que sim, mas aquela interrupção dá cabo do momento: Rosa já fechou as pernas, já puxou a saia para baixo, e o bombeiro Faia acaba por meter o pênis para dentro das calças.

Ao chegar ao monte, os bombeiros tiram Antónia da ambulância e deitam-na na cama. Ela nem acorda.

Rosa chupa pequenas pedras como rebuçados. São pedras que apanhou em lugares onde viveu algum tipo de felicidade ou de dor, momentos que não quer esquecer. Por exemplo, tem um seixo que apanhou junto ao rio onde ela e os seus pais foram comer borrego na Páscoa. Algumas pedras são bicudas e Rosa fere a boca ao chupá-las como rebuçados, mas gosta da sensação, da dor que se mistura com a recordação da felicidade e com o sabor a ferrugem do sangue ou da vida. Diz umas ave-marias e umas salve-rainhas e pede a alegria ou a dor, a mesma que a pedra ainda tem dentro dela. A pedra que a faz lembrar a mãe é pontiaguda e fá-la sangrar.

Limpa a boca à roupa e levanta-se para ir buscar um livro de cowboys. Pertenciam ao pai e são uma das suas poucas distrações, além de jogar à bisca dos sete quando a avó se mostra capaz de alguma lucidez. Há dois baralhos em casa, um com imagens de Viena e outro com mulheres nuas. Nenhum dos dois está completo, faltando um oito de espadas ao primeiro e um sete de copas ao segundo — uma mulher ruiva deitada de lado com um colar de pérolas e os lábios pintados de vermelho. Antónia faz sempre batota, jogando as cartas com as suas mãos lentas, com aquele tremor que parece água a ferver, e a neta finge não perceber as artimanhas ingênuas, ficando, no entanto, irritada e desistindo rapidamente. Por vezes nem chegam a acabar o primeiro jogo. Antónia diz que a neta tem mau perder e normalmente retorna ao seu estupor, volta àquela dormência da cabeça que se prolonga pelos braços, pelas pernas, até às unhas duras e amarelas das mãos e dos pés.

A estante do quarto de Rosa tem dezenas de westerns e alguns policiais. Já os leu todos mais do que uma vez e o livro que escolhe naquele momento, que é também o seu preferido, é A morte não ouve o pianista. A personagem principal, um pistoleiro chamado Harold Estefania, acaba por morrer no final, depois de matar a mulher que amava — uma loira roliça que nunca falhava um tiro — deixando uma carta que termina assim:

Morro por amor, sem isso não vale a pena estar vivo. A minha vida foi feita para se entranhar na tua, como uma faca espetada no coração.

Rosa chora sempre que relê esta passagem e o parágrafo seguinte, em que o pianista, sem saber que no quarto do primeiro andar do saloon há dois mortos, começa a tocar no piano uma melodia alegre que põe toda a gente a dançar.

Depois de ler um pouco, Rosa levanta-se para tratar da horta — que está cada vez mais pequena — e dar de comer às duas galinhas. Volta para casa mal termina de arrumar a saca de milho na casota, pois precisa de dar de comer à avó. Faz um piso de alhos e poejos e coentros que frita num bocadinho de azeite com louro. O pão é duro, mas ainda aguenta mais uma semana dentro da gaveta do móvel da sala. Estende uma toalha velha, puída, cansada do peso da comida, dos tachos e dos talheres, e serve dois pratos de sopa com a caldeta que cozinhou para o almoço. Senta a avó com muito cuidado e põe-lhe um pano a servir de babete. Antónia treme muito das mãos e quando leva a colher à boca é sempre uma operação delicada e lenta. Por vezes, quando entorna a comida ou em alturas em que se sente mais debilitada e não consegue acertar na boca, vêm-lhe as

lágrimas aos olhos. Começa a piscá-los compulsivamente e a soluçar.

Rosa levanta-se, pois batem à porta. O vulto do outro lado, negro, deixa-a assustada.

O padre Teves, ainda adolescente, informou o pai de que queria ser um profeta como os do Antigo Testamento.

— Serei um profeta para corrigir os povos e os costumes.

Foi imediatamente espancado. O pai, que era um livre-pensador, era capaz de suportar tudo menos a estupidez:

— Não quero preguiçosos na família.

O cinto ia e vinha com a destreza de um metrônomo, cavando-lhe sulcos no traseiro.

Desse barulho do cinto contra a carne o jovem Teves nunca se esqueceu. Haveria de pautar a sua vida. Cada bocadinho de palavra usada nos seus sermões trazia um bocadinho de couro. Esse cabedal jamais se desprende das suas frases.

— Profeta?

— Sim!

O cinto era só gestos de certezas e mantinha a sua respiração ritmada: para cima, para baixo, e um som de bife batido entre uma ida e uma vinda.

O pai, depois de cumprido o castigo de cabedal e fivela, depois de mais algumas acometidas, voltava a colocar o cinto nas calças, pegava na cerveja que deixara a meio e sentava-se no sofá. Ainda se interrogava sobre o que seria aquilo: um filho maricas, ou padre ou o que era.

O jovem Teves sentia-se exalar sabedoria, palavras profundas como poços. Quando respirava, não era ar que saía, eram aliterações, hipérboles, comparações. Quando respirava, era o cinto a ir e a vir. Ou, pelo menos, ele assim pensava.

— Os meus sermões são de carne — dizia. — De carne e osso.

Foi espancado muitas mais vezes. O pai não gostava nada de maricas.

Em tempos, o adolescente Teves tivera um marcante desgosto de amor. A mulher tinha mais nove anos do que ele e trocou-o por um aspirante a oficial da Academia Militar. Um dia Teves passeava com ela no jardim, no outro via-a montar no cavalo do futuro oficial e partir contra o poente, uma silhueta negra, abandonando-o à sua solidão. O jovem militar que lhe levava a mulher, no entanto, impressionara Teves com a sua figura. Parecia um Ion ou outro centauro qualquer, de farda engomada, calças muito justas e bigode aparado com precisão. Mas o que mais marcou o espírito inexperiente de Teves foi a chibata. O cavaleiro, quando partiu com a silhueta que acabara de o abandonar (em direção ao ocaso), dramaticamente batera com a chibata na garupa da besta provocando um trote curto. Uma nova chibatada e já se moviam a galope, no sentido do pôr do sol. Teves não pôde deixar de reparar, com o seu espírito imaturo, na ferida que se abria na garupa do cavalo, sem dúvida devido a chibatadas que o levavam em direção ao sol. Já em casa, voltou-se para a sua própria garupa e baixou um pouco as calças em frente ao espelho do quarto. Também ele tinha feridas na retaguarda, fruto do vaivém de um cinto de couro e do desejo obstinado de ser profeta como os do Antigo Testamento, cheio de vísceras e capaz de fazer tremer o mundo. Um dia, sentia Teves enquanto passava a mão carinhosamente pelas suas feridas, trotaria e, mais do que isso, galoparia em direção ao sol como um aspirante a oficial da Academia Militar ou um centauro, mas chegaria mais além, à própria luz. Passou a aceitar as dores que o cinto do seu pai provocava na sua garupa como um sacramento mágico. O cinto era a sua chibata, que o faria correr desalmadamente pela vida. De cada vez que o cinto lhe abria as carnes mais tenras das nádegas, sentia-se galopar destino fora. Desde então, Teves passou a viver os

espancamentos misturados com êxtases místicos, como uma Santa Teresa de Ávila e, quando puxava as calças para cima, enquanto o pai abria mais uma cerveja, não conseguia evitar uma aura de luz à sua volta e um leve sorriso nos lábios congestionados pela dor.

Teves começou a devotar uma constante atenção àquela área tão desprezada — ou tão amada — da anatomia. Quando conheceu Rosa e as suas nádegas mitológicas, sentiu que havia ali uma estranha empatia difícil de explicar: aquele aparato traseiro, para ele, não era somente sexo. Havia ali qualquer coisa de esotérico, com uma bochecha para cada lado.

O rabo, qualquer um, do mais achatado ao mais rotundo, serve a verticalidade humana, aguenta a coluna contra o céu. Mas para Teves, o rabo ferido, fustigado, é que lhe dava impulso, não era o rabo ileso. Os glúteos, os maiores músculos do ser humano, não lhe importavam para esse efeito. Eram as dores e as chagas que sofriam que poderiam fazer erguer o homem à glória de Deus.

Quando bate à porta de Rosa e Antónia, o padre está muito sério. Vem saber como está Antónia e se precisam de alguma coisa. A velha está sentada, com a gineta ao colo e com o rosário nas mãos, um rosário já gasto pelos dedos e quase sem orações. O padre dá uma palmada afetuosa no rabo de Rosa e chama-a de “a minha herege predileta”.

— Cristo também preferia as ovelhas tresmalhadas, não era, Rosa?

— Sim.

Rosa pergunta se o padre quer um chá, mas o clérigo recusa. A avó, que não ouviu nada, manda Rosa aquecer água para fazer um chá de camomila para o senhor padre.

— O senhor padre não quer.

— Vai aquecer água, rapariga.

— ELE NÃO QUER.

— Não tenho tempo — diz o padre ao ouvido de Antónia, enquanto a gineta se refugia debaixo da cadeira. — Só vinha saber como estava.

A avó de Rosa agarra nas mãos do padre e beija-as, num gesto que demora um tempo constrangedor.

— Espero-vos no domingo, na missa — diz ele.

— Não sei se conseguimos — diz Rosa. — A minha avó está muito fraca e por vezes...

— Conseguimos milagres quando nos esforçamos um bocadinho, Rosa.

O velho Fartaria arranja os cardos com uma luva, separando os caules das folhas bicudas. Olha para Rosa quando a vê passar na estrada. Um caminhão surge na curva e buzina. Fartaria estende o braço para saudar o motorista e depois volta a concentrar-se nos cardos.

Quando Rosa chega a casa, está lá um homem vestido com um fato cinzento, calvo, sentado em frente à avó. Também lá está Amélia, encostada à lareira, sentada num mocho, com as mãos pousadas no avental. Foi ela que levou Santos & Santos até ao monte de Antónia — sabendo das dificuldades que passavam avó e neta, encontrou aquilo que lhe pareceu uma boa solução. Amélia tira as mãos do avental para se levantar e começar a falar, explica que aquele senhor será a salvação de ambas, será como Jesus. Rosa irá trabalhar na casa dele, terá comida e cama e poderá trazer algum dinheiro para o lar. O homem sorri. O cheiro a perfume inunda as narinas de Rosa, os dedos dele tamborilam nos braços da cadeira. São dedos gordos e Rosa pensa: detesto dedos gordos, pois têm as unhas amareladas e depois agarram-nos de uma maneira mole. Lembro-me dos dedos do meu pai, que eram tão magros, cheios de ossos, duros como pedras da calçada. Eram dedos honestos que sabiam agarrar as coisas. Tenho medo de que tudo caia, de que as loiças caiam, de que a alma caia, tenho medo de que as mãos assim não saibam agarrar a gente e se parta tudo no chão.

— É uma bela casa, na cidade — diz Santos & Santos.

— O quê? — pergunta Antónia.

— É UMA BELA CASA — grita Amélia. E a velha baixa a cabeça, enquanto esfrega as mãos de nervosismo.

Santos & Santos levanta-se e manda sentar Amélia.

— Precisamos de uma empregada. Temos outra jovem como tu, Rosa, e está muito feliz lá em casa. Tem mais uns cinco ou seis anos e tenho a certeza de que irás gostar dela, é muito dedicada, trabalhadora e séria.

Rosa vai para ao pé da avó, que levanta a cabeça. Antónia tem uma ramela nos olhos, e Rosa molha os dedos e tira-a. De seguida, agarra as mãos da avó e esta sorri. Rosa não consegue evitar chorar.

— Ao princípio vai ser difícil — diz Amélia —, mas será pelo melhor. A tua avó já não consegue trabalhar a horta e vocês não podem viver só da caridade. Eu virei aqui todos os dias para a ajudar no que for preciso, podes ficar descansada.

Amélia é a vizinha mais próxima, a sua casa fica a oitocentos metros do monte de Antónia. Durante a ditadura, serviu um PIDE, um homem baixo, também fisicamente. Ele costumava levar prisioneiros para a sua casa de campo, torturava-os com o chilrear dos pássaros ao fundo e incumbia Amélia de os alimentar. Quando se deu a revolução, o homem desapareceu e Amélia ficou a viver naquela casa juntamente com um prisioneiro. Foi alimentando o homem, longe das notícias que o haveriam de ter libertado. Passados dois anos, percebeu que as coisas haviam mudado e decidiu, depois de algumas noites sem dormir, libertar o prisioneiro. Não sabia se estava a fazer bem ou mal. Ele, quando lhe foi aberta a porta, preferiu ficar; certamente por falta de perspectiva, mas esta relutância em abraçar a liberdade também poderá ter como explicação a síndrome de Estocolmo, essa paixão que desenvolvemos por quem nos prende. O homem havia-se habituado aos barulhos dos grilos e das rãs e ao cheiro a madeira dos móveis velhos que havia pela casa e, claro, a Amélia. Na verdade, quando esta o libertou, ele tomou isso como um insulto: a prisão é uma forma de amor, quer dizer que não queremos que o objeto da paixão se

afaste de nós. Libertá-lo é o fim, é o desinteresse. Mas Amélia, depois de o libertar, continuou a alimentá-lo, mais por hábito do que por generosidade ou culpa. Casaram-se no ano seguinte, numa cerimônia simples em que Antónia foi uma das testemunhas.

— Eu trato da tua avó, não te preocupes, Rosa — diz ela.

— Vai — diz a avó, com os olhos todos cheios de lágrimas e as mãos a tremer, cheias de veias e sangue velho.

Rosa começa a gritar, agarrada às pernas da avó, dizendo que não quer ir. Que não quer ir. Que não quer ir. Que não quer ir.

Mas as pernas da avó não são o suficiente para a salvar, e Rosa vai, como a água da chuva.

Os almoços em casa de Miss Whittemore são lentos. Os Novos Deipnosofistas, como ela chama aos participantes dos seus almoços, sentam-se sem vontade nenhuma de debater ideias, mas o vinho acaba por vencer essas reservas.

— Como é que uma espécie de budista como a senhora tem tanto ego? — pergunta o professor a Miss Whittemore.

— Usa-se a lisonja para encher o ego — responde ela. — Este torna-se obeso, as artérias entopem, e o ego acaba por morrer de forma fulminante. É nessa altura que o Eu superior se manifesta.

A inglesa tem uma grande ruga a riscar-lhe a testa, olhos desaparecidos pela vida, lábios cheios de palavras por dizer. O cabelo é branco e preto, usa vestidos com que sonhou na adolescência, a maior parte deles orientais. Os seus sapatos já pisaram muitos países distantes e traz um relógio que era do seu tio, de ouro, com uma corrente que o prende ao pescoço, uma corrente que prende o tempo ao corpo.

— Ridículo — diz o professor Borja. — Isso do budismo não passa de uma superstição transmitida por um sujeito obeso de pernas cruzadas. O problema do Eu é medíocre. Fica bem a príncipes indianos com grandes lóbulos das orelhas, mas falta-lhes ciência. Vocês, pessoas de budismos e teosofias, interrogam-se sobre o que é o Eu. Fazem isso constantemente. Compreem uma televisão e vejam telenovelas, divirtam-se com qualquer outra coisa fútil, porque isso de andar a tentar compreender o Eu é uma palermice. E essa coisa incrível que pregam, o tal Eu superior, o que é realmente? Uma pessoa como a senhora não tem um Eu superior, tem, quando muito, um Eu com a mania que é superior.

— Não é assim, professor. É o problema mais profundo do Homem. Descortinado, não resta nada. Nada, é o vazio. É o mahabindu: um vazio só alcançável pela meditação — intervém o hindu.

— Ridículo! — diz o professor. — E a verdade não vem embrulhada em hindi mais do que em português. Meus senhores, esqueçam esse calão indiano e concentrem-se nos conteúdos. Este problema resume-se assim: como é que um homem não perde a sua identidade se perder um braço? Continua a ser ele. Se deixar de ser do seu clube de futebol e se deixar de ter por cor preferida o amarelo, continua a ser ele. Se alguém o caracterizar como uma pessoa inteligente e ele deixar de o ser, continua a ser ele. Se ficar paraplégico, continua a ser ele. Desmemoriado, também. Quando uma pessoa é criança, é ele; quando é velho, também é ele. Mesmo que entre essa criança e esse velho haja mais distância e menos semelhanças do que entre outras duas crianças ou entre dois velhos. E há o problema do barco de Teseu: enquanto ele navega, o barco vai perdendo peças que ele vai substituindo como pode. Ao ponto radical de, a certa altura, nenhuma das peças originais fazer parte do barco e de todo ele ser constituído por peças diferentes, novas, que não lhe pertenciam. No entanto, e apesar de nenhuma peça ser comum ao barco inicial, ele mantém o seu eu e toda a gente diria que estamos perante o barco de Teseu. Ou, pelo contrário, foi-se, evoluiu-se? Mas imagine-se que atrás deste barco vai outro a recolher as peças que o primeiro perde. Com essas peças constrói um barco de Teseu igual ao outro, igual ao que o outro era no início. Neste momento tem as peças originais, é mais parecido com o barco de Teseu do que o primeiro. Tudo isto gera um nó filosófico difícil de desatar. Onde está o Eu, o que é que o pode definir ou caracterizar?

— O budismo diz que a resposta é “mu”, que significa vazio. A natureza das coisas é o vazio — explica Miss Whittemore.

O hindu aprova com a cabeça enquanto mastiga um pedaço de chouriço.

— Rídiculo — repete o professor. — Eu, em nome da ciência, avatar das verdades provadas em laboratório, dir-vos-ei o que é essa coisa infame do Eu. A descoberta é minha, somente minha, mas o que é que vale hoje uma descoberta? Nada. Há uns tempos, um homem podia subir um monte no Nepal e ficava na História. Levava com uma maçã e descobria a Lei da Gravidade. Tomava banho e gritava "Heureka". Dormia uma sesta e inventava a lâmpada. Hoje em dia, malditos tempos sem futuros, um homem pode descobrir o Eu, que não passa de mais uma teoria que poderá, um dia, almejar o anonimato. Vou explicar-vos, por A mais B, o que é isso tão escorregadio que procuram e não encontram. O Eu não é vazio nenhum, isso não existe. O vazio é uma mentira budista. Mas, visto sem microscópios, o Eu é difícil de definir e tendemos, cada vez que pensamos nisso, a chegar a conclusão vazia, ao vazio, ao tal "mu". Mas a resposta é simples: o Eu é o sistema imunitário. Se, por exemplo, se define o Eu como uma pessoa saudável, inteligente, boa, má, peluda, etc., pode perder-se isso tudo, fazendo operações plásticas no Brasil, cortando a cabeça, adoecendo, estupificando, fazendo a depilação, enfim, mudando completamente. Contudo, continuará a existir o tal Eu. Mesmo que nos tornemos uma pessoa radicalmente diferente, alguma coisa parece manter a nossa identidade. Diriam os ilustres comensais aqui presentes, exceto o nigeriano, que já está a dormir e a ressonar, que o cimento que liga esta embrulhada e mantém o Eu apesar de todas as mudanças, mesmo as mais radicais, é aquilo a que uns charlatães chamam de essência e outros de Eu Superior. Um apreciador de Aristóteles, por outro lado, diria que é o telos, o desígnio das coisas, mas isso para mim é bruxaria, misticismo, tal como o vosso calão hindu. Está bem para vocês, sábios irracionais, mas não serve a verdade. O Eu é isto: é o sistema imunitário, é o código genético. Mantém-se sempre o mesmo por mais que se mude tudo o resto. Arranque-se um cabelo, arranque-se um braço, arranque-se os miolos, e continuamos a ser Eu porque continuamos a ter em todos os núcleos das nossas células o mesmo código, o nosso ADN. Enfie-se um bocado de carne estranha, um transplante, e o corpo tenderá a rejeitá-lo. O corpo, o sistema imunitário, sabe que esse pedaço de estranheza não faz parte do Eu, porque o código é outro. Isso é que é o Eu. O resto é budismo.

— Ha, ha, ha! — ri o sábio hindu, para mostrar confiança.

— Não tem piada, caro brahmin, estamos aqui a construir tragédias. Essas superstições asiáticas dizem, juntamente com teosofias e alquimias, que esse Eu superior é a essência. Que o resto é manifestação ilusória. E têm toda a razão, esses charlatães. A essência é uma bolinha pequenina, é o núcleo das células, tudo o resto é a manifestação dos ordens que provêm dessa bolinha. Somos todos manifestações dos ordens desse pontinho recheado de letras, do nosso próprio código genético. Diz o judaísmo que o inefável nome de Deus é composto por quatro letras. Que esse nome é um tabu, que é impronunciável. Digo-vos que eles têm razão, e que isto é ciência da mais profunda. As letras que compõem o nome de Deus são quatro: A, T, C, G. Adenina, timina, citosina e guanina. É isso que faz o nosso código, um código gigante, uma palavra tão grande que é impronunciável.

— Ha, ha, ha! — volta a rir o hindu.

— É no ácido desoxirribonucleico que devem procurar os vossos segredos. O homem é que é um Deus e no centro do seu universo tem um ácido impronunciável que, na verdade, é a abreviatura de uma das palavras mais longas do mundo, o nosso próprio nome, um código feito com quatro blocos, quatro letras, e que nos define enquanto

persona, que nos caracteriza o Eu. O nosso Deus abscondito não passa de um ácido.

— Foi o que eu sempre disse — concorda Miss Whittemore. — Não fiz inúmeras peregrinações na Índia só para fumar erva. Sou uma metassolipsista. Está tudo dentro de nós.

— Isso é conversa para impressionar os ignorantes. O meu amigo brahmin fique sabendo que esta imitação de primata que nos paga um salário para debatermos estas coisas acredita que Berkeley é Deus. Digo isto literalmente. Já ouviu falar em Berkeley, caro indiano? Esse est percipi? Pois bem, Berkeley era um bispo irlandês que, grosso modo, dizia que tudo se passava na cabeça dele. Acreditava que o universo só existia dentro daqueles centímetros de caixa craniana.

— Faz todo o sentido. Vivemos todos dentro da cabeça do bispo — diz a inglesa.

— Ridículo.

— Vou mais longe do que isso, professor Borja. Uso Berkeley como um símbolo. Confesso que cheguei a ter um pequeno altar com uma imagem do filósofo, mas deixei-me dessas coisas: fui mais longe. É verdade que acredito que todo o universo está dentro da cabeça de Berkeley, mas também acredito que Berkeley está dentro da minha cabeça.

Miss Whittemore aponta para a sua própria testa franzida.

— Portanto, Deus é a senhora, não é o bispo — diz o professor.

— Nada disso. Todo o universo está dentro da cabeça de Berkeley. Berkeley está dentro da minha cabeça. Mas também se deve acrescentar que eu estou a viver dentro da cabeça de Berkeley. Como todos nós. E todos vivemos dentro da cabeça uns dos outros que, por sua vez, vivem dentro da cabeça de Berkeley. O que está do lado de fora está cá dentro e o que está cá dentro está lá fora ao relento.

— Sim, sim, reconheço que as fronteiras se esbatem e que Aristóteles pode não ter tido razão com a sua lógica racional, que esse é um conceito difícil, que o “fora” se intromete na definição de “dentro” e um não é sem o outro. Mas repare que aqui, no meu espaço interior, neste globo redondo que é a minha cabeça, a coisa é mais simples e maniqueísta: existe fora, existe dentro, e estão relativamente separados. E o meu Eu está confinado pelo meu sistema imunológico. Reconheço-me porque tudo no meu corpo tem a assinatura de um código específico que é o meu e o de mais ninguém, o meu ADN. Qualquer outra célula de outro corpo, rejeito-a, reconheço os enxertos como não me pertencendo. Para lá do sistema imunológico começa o que é exterior ao meu Eu.

— Isso são apenas leis que só existem na sua cabeça. E, por sua vez, a sua cabeça existe dentro da minha. Que, por sua vez, vive dentro da sua.

— Ha, ha, ha! — ri o professor, para readquirir a sua confiança geométrica.

A conversa só acaba à noite, que está fria e nevoenta. O caseiro Rato apanha um cão a urinar contra o pneu da frente da sua carrinha. Pega-o pelo dorso, como uma mãe cadela pega nas suas crias, levanta-o acima da cabeça e atira-o contra o chão. O cão contorce-se, começa a ganir e a andar às voltas sobre si mesmo, até que se deixa cair inanimado, já Rato faz a curva ao fim da rua para estacionar em frente à casa da inglesa. O professor está nesse momento a sair, cheio de vinho e metassolipsismo. O caseiro insulta-o e diz que, se o apanha a pintar o muro, o mata. E o professor ri-se, uma gargalhada enorme que lhe sai das barbas de patriarca. Do outro lado da estrada está o sargento Oliveira, mas nenhum dos outros repara na sua presença, pois está no seu

próprio carro, e não no da guarda, com as luzes apagadas. Pensa: hei-de apanhá-lo em flagrante, com a lata de tinta na mão, a pintar o muro da inglesa.

A noite está fria e nevoenta.

Rosa desce a rua com uma música que não se ouve, das que apenas soam dentro das nossas cabeças. Leva uma mala a tiracolo e uma saia por cima dos joelhos, verde e preta. Tem um andar decidido e coordena os seus passos com a música popular que anda pela sua cabeça. Um homem vira-se depois de ela passar, e Rosa não precisa de se voltar para saber isso. Dois pombos afastam-se do seu caminho, apesar de Rosa ter abrandado ligeiramente. Para junto a uma florista e fica uns minutos a ver as flores, as gotas com que as borrifam para lhes dar um ar fresco, os cheiros entrelaçados uns nos outros como se fossem apenas uma flor, e a tentar adivinhar que nome do campo se esconde debaixo dos nomes latinos das etiquetas. Sente vontade de levar uns ramos para casa, encher a casa de flores, mas não tem dinheiro para isso. As flores do campo são baratas, as das lojas são excêntricas, caras. Mas menos felizes, pois vivem em vasos. Mesmo não comprando nada, não consegue evitar, indecisa, mexer na carteira. Tem lá dentro um lenço que pertence à sua farda de empregada.

Rosa vive na casa de Santos & Santos durante a semana, dividindo o espaço com outra rapariga da região, seis anos mais velha. Matilde passa horas em frente ao espelho, de manhã, enquanto Rosa dormita. Discutem muito, por motivos diversos, por coisas grandes e por coisas pequenas. Por causa de horários, por causa da casa de banho ocupada, por causa de espelhos cheios de vaidade — pois é isso que os espelhos acumulam na sua superfície. Quando o espaço comum é demasiado pequeno, surgem inúmeros problemas. Numa sociedade, se houver espaço, nunca há conflito. Num quarto de empregada, junto à cozinha, não pode haver outra coisa.

Matilde passa a vida nervosa, por dentro e por fora, sonhando com um casamento que a livre da vida que leva, do limpar do chão e dos móveis e das roupas, e são esses os conselhos que dá a Rosa, que concorda a maior parte das vezes. Mas mesmo assim, concordando, acabam sempre a discutir e a insultarem-se. Por vezes ficam dias sem se falar, senão sobre as coisas elementares em que é mesmo preciso comunicar, como por exemplo: “O Sr. Damas vem hoje aqui buscar uma encomenda”; ou “É preciso levar um chá à patroa”. Passados dias, voltam a fazer as pazes, naturalmente, muitas vezes apenas por estarem a ver o mesmo programa de televisão e a rirem-se ao mesmo tempo ou a comentar algo que sentem impossível não partilhar.

Matilde envia todo o dinheiro que ganha para a família. Tem um pai cego que acha que vê bem e se recusa a considerar a hipótese da sua condição factual. Vive há anos numa casa de banho e dorme na banheira. Tem os olhos com o branco amarelado, completamente gastos, enferrujados e secos pelas dores da vida e da coluna distorcida. Teima em não sair da casa de banho dizendo que é por uma questão de higiene, mas a verdade é que a falta de visão associada a ter de o admitir o impedem de sair. Levam-lhe comida e, felizmente, já está no lugar certo para as necessidades mais básicas. Matilde, além de um pai teimosamente não cego, tem uma filha nascida muito longe de um casamento, para lá daquilo que é socialmente conveniente. Uma tia trata de ambos, do pai que já não vê, mas que, do alto da rerete, não o admite, e da filha que não teve pai.

Por vezes, Rosa põe-se a olhar para ela, a pensar naquela vida e a misturá-la com a sua. Vai deixando que os seus pensamentos fluam enquanto a outra conta as notas que ganhou durante o mês anterior, e as embrulha em papel-manteiga e as ata com um cordel para enviar à tia que alimenta o pai na casa de banho e a filha sem pai e quase sem mãe.

A Matilde é como Nossa Senhora, pensa Rosa, pois também foi mãe sem haver

um pai.

Rosa serve um chá à senhora Santos & Santos. Pousa um prato de bolinhos com creme em cima da mesa. A mulher observa-a e faz-lhe reparos, em especial aos gestos, ao modo como Rosa se mexe. Diz-lhe ainda que tem os tornozelos muito grossos e que deveria tratar do buço, que na cidade não se usam pelos do campo. A senhora Santos & Santos tem umas sobrancelhas finas, quase desaparecidas, e o cabelo solidamente penteado, e gosta de ouvir música às escondidas, como se fosse um pecado. Retira desses momentos um prazer verdadeiro, que poucas pessoas são capazes de sentir.

— Senta-te aqui — diz, batendo com a mão no sofá onde está sentada. Rosa obedece, meio hesitante e corada. — Não gosto nada de ti.

Rosa costuma ler um pouco antes de dormir, até os olhos se apagarem. Lê westerns na maior parte das vezes, lê policiais nas restantes. Os livros que lê têm títulos como Smith, o Extravagante, Vingança mortal e dois copos de whisky, Lei da bala com mariachis, e Mexicali Rose morta no deserto. Para Rosa, o cansaço é o livro mais eficaz, mas quando não consegue dormir um bom western faz o efeito.

Matilde nunca lê, apenas conta o dinheiro, que coloca em envelopes para enviar ao pai que vive na casa de banho e à filha que raramente vê. Além disso faz tricô, cachecóis e barretes e meias para o Inverno. Quando se deita, adormece profundamente, por vezes fala, e sonha com máquinas enferrujadas e flores carnívoras. Quando está acordada, Matilde acha que é normal sonhar com máquinas abandonadas. Se o nosso sangue sabe a ferrugem, com que mais poderíamos sonhar à noite senão com o nosso corpo avariado, contaminado pela própria vida que corre nas veias e que sabe a ferro-velho?

Ouvem-se os grilos e as rãs a entrar pela noite dentro, os gritos dos mochos e os miados das gatas. Rosa tenta adormecer, de lado, enroscada sobre si mesma, enquanto Matilde dorme profundamente, com um ligeiro ressonar. A porta do quarto entreabre-se e uma frincha de luz surge na escuridão acompanhada do barulho rouco das dobradiças. Um vulto pesado entra no quarto, fechando a porta, cuidadosamente, atrás de si. Dá dois passos em frente e para entre as duas camas.

Rosa ouve a sua respiração, ouve-o a baixar-se. Já não sente o ressonar de Matilde, mas uns sussurros preenchem o silêncio. A madeira da cama de Matilde solta uns estalidos quando Santos & Santos entra para debaixo dos lençóis. Rosa finge que dorme, apesar dos barulhos que eles fazem, apesar da cabeceira da cama a bater ritmicamente na parede, dos estalos da madeira, das respirações ofegantes.

De manhã, Matilde senta-se na cama e veste um roupão. Calça uns chinelos e levanta-se para ir tomar banho. Volta passados quinze minutos, ainda Rosa finge que dorme, e começa a vestir-se. Primeiro o soutien e uma camisola interior, depois as cuecas. Olha-se ao espelho e desiste, volta a ficar nua, e escolhe outra roupa interior. Liga o rádio que está na mesinha de cabeceira e põe-no a tocar bastante alto, como é costume: "Dantes amava-se a pé/ agora é de avião/ a minha ilha tropical/ era o jardim municipal/ A economia é que nos diz/ como ser feliz/ Envelhecemos assim:/ de crianças/ a número nas finanças."

Rosa espreguiça-se e levanta-se a esfregar os olhos. Vai para a casa de banho, arrastando os pés e levando uma toalha nas mãos.

Rosa gostaria de sair do serviço às seis, como faz o sol, que também larga o serviço por essa hora. Aos fins de semana, deixa a casa de Santos & Santos e vai para o monte. A avó tem momentos em que parece morta; outros em que tem dificuldade em falar e lhe saem estranhos sons da boca; e outros de inusitada lucidez.

— Chega-te aqui, Rosa.

A neta passa os fins de semana a chorar.

— Não chores. É assim a velhice, nós não prestamos para nada. Acende a lareira, que faz frio.

Rosa levanta-se, amontoa duas pinhas, um pouco de caruma e folhas de uma revista. A atriz loira da página dedicada à sociedade começa a arder, os peitos em chamas, as ancas a fumar, provando a efemeridade destas coisas. Rosa recorda os tempos em que ouvia muitas histórias, contadas pelo avô, pelo pai, pela avó. Sempre com a lareira acesa, pois uma lareira queima duas coisas: lenha e histórias.

Rosa acende o lume, auxiliada pelo abanico de palhinha. Empilha dois pedaços de azinho.

— Dantes não era cega das orelhas e ouvia tudo — diz a avó. — Ouvia a lareira e sabia distinguir o som da oliveira do da azinheira. Porque elas queimam com sons diferentes. Gritam coisas diferentes. E andava pelos campos e sabia que havia muitos tipos de flores, umas eram apenas mudas enquanto outras eram moucas. Umas só sabiam ouvir e outras só sabiam falar. São assim as flores. É preciso conhecê-las.

Antónia, cansada, para para respirar.

— Ando aqui a morrer, a mijar-me pelas pernas abaixo, que vergonha. E nunca cheguei a ir à Terra Santa. Viveria tudo da mesma maneira, se me perguntassem, mas quando a gente perde um filho, que Deus o tenha, só se pode confiar em Jesus e na ressurreição. O teu avô pisava as uvas para fazer vinho, não era? Quando se chega a esta idade somos umas uvas, pisadas a vida inteira. Um dia, nosso Senhor transformar-nos-á em vinho. Sofremos tanto que já só podemos ressuscitar, já não nos sobra mais nada. Gostava muito de ir à Terra Santa, Rosa. Andar pelos lugares onde Nosso Senhor andou e deixar-me morrer lá, para não ter de caminhar tanto até ao céu. Ele pegava na minha mão e levava-me, como tu me levas à missa, levava-me para o seu regaço, como uma menina pequenina, como quando era criança e adormecia ao colo da minha mãe. Foi há tantos anos, mas ainda me lembro do cheiro dela, do tecido dos vestidos, das mãos magrinhas. Cada dia que passa lembro-me mais da minha santa mãe: era muito bonita e gostava de mim. Eu adormecia ao colo dela, Rosa, a agarrar-lhe as mãos ou o peito ou a roupa. Estou muito cansada, Rosa, muito cansada... Às vezes quero mexer as mãos e não consigo... Os velhos pisados precisam de corpos novos, dos de Glória, uns corpos que não nos envergonhem quando queremos coçar a cabeça ou quando queremos comer. Uns corpos que não precisem de netos para lhes levar a colher à boca e que não se mijem pelas pernas abaixo.

Rosa pega-lhe nas mãos, que estão frias, e soluça:

— Não quero voltar para aquela casa.

— O quê?

— Não quero voltar para aquela casa — repete.

— Não ouço.

Rosa debruça-se, encosta a boca ao ouvido da avó, e diz mais alto:

— Vou levá-la para perto do lume, que tem as mãos frias.

Os sonhos voam como as traças e põem ovos nos móveis, nas roupas, nas ombreiras das portas, em todo o lado. E desses ovos nascem mais sonhos, que são como as traças que põem ovos em todo o lado. Rosa está adormecida na cadeira junto à lareira. A gineta está ao seu colo e, de repente, salta para o chão, pois ouve qualquer coisa. Rosa acorda e olha pela pequena janela que dá para o seu mundo todo e vê uma luz. Uma luz mesmo no meio da escuridão, a abanar-se como uma estrela a sacudir a água dos cabelos. É o pastor Ari com a sua lanterna. Aproxima-se do monte apontando a luz para todo o lado, com as calças rotas e a pensar em pardais mortos. Quando Rosa vê a luz, levanta-se e caminha para ela como uma traça, ou como fazem os sonhos, devagar e descalça, sem fazer barulho. Abre a porta com cuidado e levanta-a um pouco para que as dobradiças trabalhem com menos peso, façam menos barulho. Ari já está à sua frente e juntos caminham para a pequena barragem de um terreno vizinho. Ouvem-se rãs e, por vezes, corujas das torres. Há, no outro lado da barragem, uma casa que ardeu com duas crianças lá dentro e depois disso ficou assim, vazia de tudo o que importa. Mas ainda há, no alpendre, uma bicicleta sem rodas — também despojada de tudo o que importa — e enferrujada; e um baloiço de madeira que chia ao vento, pendurado num salgueiro morto porque as raízes estavam a entrar pelos canos da casa. E porque os homens não suportam a natureza e se ela lhes entra pela sala pegam logo num machado. Depois sobra o lamento de um baloiço vazio pendurado em madeira morta.

— Sei que andas triste... por teres de trabalhar na casa do Santos & Santos.

Ari tira um embrulho do bolso direito e coça o nariz.

— Trouxe isto para ti.

— O que é?

— Abre.

Rosa abre o embrulho.

— Um livro.

— É de detetives. Gostas disso, não é? Perguntei à senhora da papelaria que livro haveria de escolher e ela respondeu-me: “De que tipo de livros é que ela gosta?” “Não sei”, disse eu. “Ela anda triste porque tem de trabalhar longe de casa, sem ver a avó.” “Do que é que ela gosta? Acho que é de cowboys e detetives.” Então a senhora foi buscar esse livro à prateleira e disse que era muito bom.

Rosa leu o título: Jasmim com sangue de ontem.

— Parece bonito — diz ela, virando o livro para ler a contracapa. Mexe os lábios enquanto lê o resumo e depois abre-o, lê uma frase, uma dedicatória do autor à sua mulher: “Lembra-te de que quando Deus fecha uma porta abre-nos um livro.”

— Vais gostar. Tem detetives.

— Obrigada, Ari.

Rosa abraça-o e os seus lábios quase se tocam, ficando os dois um pouco envergonhados.

Sentam-se junto à água em silêncio e ficam assim algum tempo. Ari gostaria de dizer muitas coisas e planeia grandes discursos antes de chegar ao pé de Rosa, mas depois só lhe sobra silêncio na boca. Começa a mastigar em seco, que é o seu silêncio a inundar-lhe a boca de coisa nenhuma. Parece um tique nervoso, a boca a mexer de um lado para o outro, mas são apenas discursos impronunciáveis que lhe andam pelas gengivas e pelos dentes. Ari engole em seco e torce os lábios angulosos, mas não sai som nenhum, não sai nada do que imaginou e preparou, nenhuma frase definitiva, nenhuma

palavra arrebatadora.

— Amanhã trago a espingarda, que estou farto de ver lebres por aqui.

Rosa continua calada.

— Aquele baloiço é esquisito. Hoje não está vento e ele chia. Devem ser os miúdos que morreram queimados. Lembro-me do bombeiro, do Faia, da cara que ele tinha quando entrou no café do Zé Romão, com os olhos vermelhos do fumo ou das lágrimas. Bebeu até perder os sentidos e deixar de ter corpo para sentir a vida, mas não vou falar mais nisso para não te entristecer. De vez em quando venho ver a tua avó. Trago-lhe ervas, cardinhos para o feijão... Não te preocupes com ela.

Rosa sorri e acaba por contar tudo o que vive na casa do Santos & Santos: diz-lhe que a Matilde é como Nossa Senhora e tem um pai que não sai da casa de banho, conta-lhe que a dona Clotilde, uma das empregadas da casa, gosta de filosofia e de limpar o chão, mas omite o fato de Santos & Santos se deitar na cama de Matilde. Depois, Ari acompanha-a até ao monte, com a lanterna apontada para o caminho e com a boca cheia de discursos mortos.

Os dias sucedem-se iguais, uns atrás dos outros, e a rotina infiltra-se na carne como música nas orelhas. O Verão deixa entrar o Outono na sua casa; e este, o Inverno; e a diplomacia das estações sucede-se.

Rosa corre pela chuva e chega à casa de Santos & Santos. Com a roupa molhada, tira, com alguma dificuldade, as chaves de uma mala demasiado cheia e abre a porta da rua. Fecha o guarda-chuva, sacode-o e encosta-o à parede, e depois tira o lenço que traz na cabeça e sacode o cabelo como fazem os cães molhados. Passa os sapatos pelo tapete e dirige-se à cozinha, mas para porque ouve um grito. Vira-se, avermelhada, pois aquela voz é terrível. Dona Clotilde é responsável por todas as empregadas da casa. Cita filósofos alemães enquanto aspira. Gosta de Kant, apesar de dizer: aquilo não era um filósofo, era um relógio. Uma pessoa pode saber que horas são só por pensar como ele. Rosa ouve-a com paciência, engole os seus gritos de desespero pelo corredor que, acabado de limpar, está novamente sujo, com lama. No meio dos gritos ouve citações de Heidegger e até já sabe uma ou outra frase de Ser e Tempo e outras higiènes. Dona Clotilde enviuvou ainda relativamente nova, não tinha mais de quarenta anos, mas deixou-se entristecer eternamente sem outro consolo que não a limpeza do mundo. Tem propriedades em Lisboa e não precisa de trabalhar, mas vê a limpeza como uma missão: quer limpar o mundo. E não há nada melhor do que o chão, pois é aí que o mundo começa. No fundo, dona Clotilde sente-se um símbolo, alguém que limpa a parte mais baixa de todas, aquilo que está ainda mais baixo do que os nossos pés, limpa aquilo que pisamos.

A lama é uma ofensa tremenda à civilização, e o caráter de dona Clotilde jamais permitiria a barbárie espalhada pelos patamares de mármore e corrimãos e flores de plástico. São milhares de anos de sociedades sedentárias, para depois andarmos a pisar toda a nossa História com sapatos sujos. Rosa suspira e recua para a entrada para voltar a limpar os pés, mas isso ainda irrita mais dona Clotilde. Está a fazer pior ao chão, na perspectiva de poupar o resto do corredor. O raciocínio pode ser correto, mas ver aquele espaço da entrada a encher-se de sujidade é algo que dona Clotilde é incapaz de tolerar. A sua cara ruboriza-se e chega a levantar a mão, um gesto de que prontamente se arrepende. Por isso disfarça e transforma o seu movimento numa palmadinha nas costas de Rosa.

— Muito bem — diz ela. — Não custa limpar os pés como deve ser, pois não?

Antes de sair do trabalho, Rosa ajeita as meias, mostrando uns joelhos brancos, ossudos como são os das crianças. Santos & Santos dá-lhe uma palmada no rabo enquanto ajeita os anéis dourados.

— És uma boa rapariga — diz-lhe ele. E volta a ajeitar os anéis.

Rosa não é alta. Tem duas mamas firmes, acabadas de nascer, e um sinal entre elas, colocado por Deus que, deslumbrado com a beleza da rapariga, deixou cair uma gota de tinta, da mesma tinta com que Ele escreve toda a Criação e assina, como jurista, as faturas dos nossos destinos.

Ouve muitos elogios dos rapazes na rua e isso agrada-lhe. O senhor Santos & Santos diz-lhe com frequência:

— A menina é muito bonita.

Rosa ouve isso assiduamente, não apenas de Santos & Santos, por isso mostra um sorriso maquinal ao patrão que, nesse instante, mexe o café com o indicador e depois limpa-o com um lenço aos quadrados. Tal qual como eu limpo as pratas, pensa ela.

Nessa noite, Santos & Santos entra no quarto de Rosa e Matilde, como faz a espaços, e para entre as camas das duas raparigas. Inclina-se sobre Rosa e sussurra uma pergunta aos ouvidos dela: estás acordada? Rosa finge estar a dormir e Santos & Santos tenta meter a mão esquerda por baixo dos lençóis, mas vê-se atrapalhado, pois estão muito bem entalados. Matilde chama-o, puxa-o pelo pijama e ele deita-se com ela. Estava a ver se ela estava a dormir, justifica-se. E a cama começa a bater contra a parede, contra a parede, contra a parede.

Nenhum dos três percebe que há mais uma pessoa a ouvir a cama a bater na parede. A mulher de Santos & Santos despega a cabeça da porta do quarto das empregadas e vai deitar-se.

A alegria gasta-se como as velas acesas, e apaga-se. É isto que acontece a muita gente ao longo da vida. Outras apagam-se mais cedo, que é o que Rosa sente, mesmo quando tem motivos para estar feliz. Aos sábados, quando volta para casa, olha para os campos pela janela do autocarro. Sai na aldeia, no meio do largo da igreja, e começa a caminhar para o monte. A natureza porta-se sempre como uma inimiga: com o calor do Verão e o frio do Inverno. Com a chuva, com o vento.

Rosa entra em casa e vê a avó sentada numa cadeira, junto à lareira, apagada há horas. Há uma poça de urina por baixo da cadeira e Rosa sente o peito apertado. Corre para a avó, que acorda nesse instante, e abraçam-se. Rosa enche a banheira, despe a avó, e deita-a lá dentro. Choram as duas sempre que isto acontece, mas por vezes também riem. Rosa não sabe por que as coisas sucedem desse modo, e nunca sabe como termina um banho, se em tristeza profunda ou numa alegria histérica.

Em casa é mais fácil adormecer, mas mesmo assim Rosa lê sempre um ou outro parágrafo de um dos seus westerns preferidos: "Harold Estefania entrou na cidade. Os homens afastavam-se quando ele passava e as mulheres suspiravam, sentindo o coração a cavalgar para fora do peito. Os anjos de Deus voavam ao seu lado como moscas. Harold Estefania descavalgou junto ao saloon e entrou, com as pernas arqueadas, as botas cheias de pó — como se fossem um sótão velho — e um fósforo na boca, a bailar por entre os pelos do bigode. O pianista parou de tocar e os homens pararam de beber. 'Onde é que ela está?', perguntou Harold Estefania, levando a mão direita ao coldre."

No dia seguinte, mal começa a manhã esverdeada pelo pasto, Ari sobe o monte das oliveiras e senta-se debaixo de uma. Ao longe, ouve o trautear do regato, num som imóvel de água a correr, como um cenário de madeira colorido pelo ruído de fundo. Atira uma ou duas pedras, para se ambientar. Tira o chapéu e limpa o suor da testa com o antebraço. Estende as pernas ao calor do dia, e olha para o céu através dos ramos.

Está calor, nesse dia. Choveu no dia anterior, o gado está contente, e a Primavera parece despontar como o adolescente desponta de uma criança.

Tira, do alforje, um queijo de ovelha seco, conservado em azeite. Corta-o com o canivete e, com a lâmina, leva à boca uma fatia salgada e um pedaço de pão.

Sobrepondo-se ao ruído das águas do regato, surge o silêncio dos pássaros. Já não cantam. Ari, instintivamente, leva a mão ao cajado de pastor e ergue-se, atento ao ruído da água sem ruído dos pássaros. Para, encosta o cajado ao ombro, limpa as mãos gordurosas às calças. Agarra o pau com firmeza e caminha até às estevas que crescem por ali, e ouve um corpo mergulhar no regato. Suave demais para ser um javali. Afasta as folhas que caem, preguiçosas, de um chorão, e vê um corpo nu. É Rosa. O pastor avança devagar, afastando alguns funchos, e fica parado a olhar para ela.

Rosa sai da água e vê o pastor. Ri-se. Pega nas roupas, corre para ele, e Ari, a cheirar a carneiro e a queijo e a azeite, agarra-a. Sente a pele dela, olha-a nos olhos e dá-lhe um beijo desajeitado. Os dentes batem uns nos outros, e ela ri-se. Ele fica um pouco irritado, agarra-a pela cintura e fá-la deitar-se na terra. Rosa põe as roupas debaixo da cabeça e abre as pernas. O pastor deita-se em cima dela, que já não ri. Arquejam e misturam os seus cheiros salgados com as margaridas silvestres que despontam corajosas debaixo dos corpos de ambos. O cheiro do azeite do queijo ficará como memória indelével daquela manhã, e de cada vez que Rosa o comer ao almoço lembrar-se-á do pastor que a tomou esmagando margaridas. Para já, sente-o nas mamas, e observa as suas marcas gordurentas a refletir a luz do sol.

Ficam deitados os dois e só quando uma brisa se faz sentir, anunciando o crepúsculo, eles se vestem.

— A Matilde diz que a vida sabe a ferrugem — diz ela quando se despedem.

A avó de Rosa não tem sido muito bem tratada por Amélia. Não é que a trate mal, mas quase não a trata de todo. Muitas vezes Rosa chega a casa e encontra-a sentada no mocho perto da lareira apagada, a cheirar mal. A visão triste deixa-a revoltada, mas por outro lado Rosa sente que não deve reclamar: a outra faz mais do que a sua obrigação. Sempre que se depara com este cenário, Rosa levanta a avó da cadeira, agarra-a num abraço e leva-a para a banheira. Deita-a suavemente e despe-a. Passa-lhe o chuveiro pelo corpo e depois o sabonete e o xampu. Por vezes, Antónia ri da sua situação, nua, a ser lavada pela neta.

Rosa decide desistir de trabalhar na casa de Santos & Santos, pois sente que precisa de estar ao lado da avó, de acompanhá-la durante mais tempo. Cuidará da horta e, com as pensões do pai e do avô, terão o suficiente para viver. Olha para a santa que está em cima da cómoda, de mãos postas, e, num relance, parece-lhe que ela aprova a sua decisão, parece-lhe que bate palmas.

Quando Rosa chega a casa de Santos & Santos, vai decidida a desistir de trabalhar para eles. Entra em casa e vai direto para o seu quarto, vai vestir a farda. Dona Clotilde chama as duas raparigas e Rosa e Matilde aparecem, de cabeça baixa, de cabeça baixa. Dona Paulina, mulher de Santos & Santos, está estendida numa chaise longue, com os peitos esmagados pela idade.

— Uma de vocês vai ser despedida — diz a patroa. — Só não sei qual.

Rosa sente o coração bater como uma cama contra a parede. Começa a tremer e tem vontade de vomitar. Leva a mão à boca para reprimir o impulso, o que, aos olhos de dona Paulina, surge como uma espécie de confissão. À patroa não restam dúvidas e ela expressa isso mesmo. Rosa não quer acreditar. Não gosta de estar ali, acha que deveria estar a cuidar da avó, mas a situação é injusta e deixa-lhe um sabor amargo na boca. Não fez nada de mal e está a pagar pela sua inocência, sublinhada pelo silêncio de Matilde. Rosa acha que esta deveria contar a verdade, mas faz o contrário e cala-se, fazendo com que o seu silêncio soe como uma denúncia.

— Putazinha — diz dona Paulina. — Vais sair daqui hoje e não te quero ver mais aqui.

Rosa fica parada, com os pés perpendiculares. O esquerdo aponta para a esquerda e o direito, mais atrás e perpendicular, toca com a ponta dos dedos o calcanhar do outro. Detesta que lhe digam coisas como aquela, pois isso irrita-a e dá-lhe vontade de gritar, e gritar fá-la sentir-se sozinha. É como se estivesse num deserto e ninguém a ouvisse e por isso precisasse de berrar. Gritar é coisa de pessoa sozinha, pensa. Quando temos pessoas para nos ouvir não precisamos de gritar, pois não? Pergunta Rosa a si mesma. E, no entanto, apesar de gritar lhe trazer uma grande solidão, continua com vontade de o fazer, de abrir a boca e deixar escapar palavras selvagens, ferozes. Os pés continuam perpendiculares um ao outro. Parecem ponteiros de relógio a marcar nove horas e meia. Rosa nunca teve um relógio, mas gosta de saber as horas pois sente que se deve almoçar ao meio-dia em ponto. Muitas vezes olha para o sol, que é um relógio primitivo, e pensa em como gostaria de ter um relógio de pulso com dourados e uma pulseira fininha, muito fininha, quase um fio. Teria de ser assim, pois tem receio de que possa vir a sofrer de alergias, e os pulsos são a parte do corpo de que mais gosta, logo a seguir aos joelhos e aos pés. Rosa não consegue evitar a solidão de gritar. Sai-lhe uma palavra qualquer, tão insignificante como “sapato” ou “pedra” ou “sopa”. Dona Paulina olha para ela espantada, não entende aquele grito. Dona Clotilde manda Rosa calar-se, e começam todas aos berros, a solidão é enorme, como se estivessem muito longe umas das outras, a acenar, a gritar para se fazerem ouvir àquela distância. Matilde chora, toda vermelha, e agarra os cabelos de Rosa enquanto dona Clotilde a puxa por um braço. Rosa sente a urina a descer-lhe pelas pernas e não se quer mexer. Pareço a minha avó, pensa, a mijar-me pelas pernas. Os pés, apesar da força que dona Clotilde faz para a expulsar da sala, mantêm-se a dar as mesmas horas, perpendiculares um ao outro. A urina entra-lhe nos sapatos e é desconfortável, mas Rosa quer manter os pés assim. Há uma sequência lógica para isto, pensa: os gritos fazem solidão e a solidão faz-nos velhos e a velhice urina-se pelas pernas como a minha avó.

Por fim, Rosa sai a correr e Matilde vai atrás dela, agarra-a pelos ombros e abana-a, enquanto a outra chora convulsivamente.

— Tu querias ir embora — diz-lhe Matilde. — A tua avó precisa de ti e eu não posso deixar a minha filha e o meu pai sem dinheiro. Compreendes?

Rosa tenta bater-lhe, tem a cara cheia de fúria, vermelha, as sobrancelhas a cair sobre os olhos. Sabe que é mais ou menos assim, mas não deveria ser assim que as coisas se deveriam passar, por isso tenta bater-lhe outra vez. Matilde agarra-lhe as mãos e, quando sente que Rosa já não se tenta soltar, liberta-a. De seguida dá-lhe uma bofetada com tanta força que Rosa dá uma volta e meia antes de cair no chão.

Só se levanta depois de Matilde percorrer o corredor e de deixar de a ver. Não a quer ver mais. A vida das pessoas acaba assim e Matilde nem sequer tem consciência de que morreu uma das suas mortes. De cada vez que deixamos de ser percebidos, morremos. Quando somos enterrados deixamos de ser percebidos por toda a gente, mas quando os outros já não olham para nós, ficaram condenados para um número limitado de pessoas a uma morte em tudo idêntica à outra. A nossa morte não acontece quando somos enterrados, acontece continuamente: os dentes caem, os joelhos solidificam, a pele engelha-se, os amigos partem. Tudo isso é a morte. O momento final é apenas isso, um momento.

Rosa caminha até ao quarto, põe tudo o que tem na sua mala. Ao sair, vê dona Clotilde e sente vontade de ir correr pelos campos e de voltar com os sapatos cheios de lama para lhe inundar a vida e os corredores imaculados. Limita-se a despedir-se cordialmente enquanto a outra a insulta.

Quando sai de casa de Santos & Santos, apanha uma pedrinha. Irá chupá-la mais tarde, quando sentir vontade de odiar.

O professor Borja para o carro ao lado da morte de um javali. A parte da frente está bastante destruída. Sai do carro a coxear muito ligeiramente, pois tem uma perna, a esquerda, mais comprida do que a direita. Olha para o animal tentando perceber se poderá estar vivo. Teme que, se estiver, a sua aproximação lhe seja fatal. O professor experimenta cutucá-lo com o pé. O animal não se mexe. É assim que devem comportar-se os cadáveres. Dá a volta ao carro e abre o porta-bagagens, voltando de seguida para junto do javali. Baixa-se e tenta puxá-lo pela cauda. Conclui que o bicho é demasiado pesado, por isso desiste de imediato, mas fica num dilema. Por um lado é completamente incapaz de fazer mover o animal, por outro lado, parece-lhe um desperdício imenso, uma ofensa à morte. Parece-lhe que se a morte de um animal não acabar no forno, não valeu a pena a vida. Curiosamente, nunca pensaria isso de si mesmo. Ser comida depois de ter sido atropelado não seria jamais o culminar de uma vida plena. O sol atira-se contra o chão, com toda a força, e o professor sabe que poderá demorar até aparecer alguém naquela estrada para o ajudar com o javali. Então decide deixar ali o animal, ir até à aldeia e pedir ajuda. Entra no carro, dá à chave, mas o carro não pega. O professor Borja sai a praguejar e dá duas voltas ao carro. Depois para a olhar para o capô, com as mãos na cabeça. Apercebe-se de que nem sequer sabe abrir o capô. Olha um pouco para baixo e vê algo pendurado. Deve ser o radiador, pensa, apesar de nunca ter visto um radiador, e se viu, não o saberia identificar como tal. Deve ser grave, diz para consigo. Cabrão do porco. Passa-se quase uma hora e não apareceu ninguém na estrada. O professor sente-se perdido e não sabe o que fazer. Decide pôr o chapéu e caminhar até encontrar uma casa. As searas estão amarelas, à espera da poce como velhos nos jardins, e o professor olha para a ondulação apenas interrompida por sobreiros. Uma águia voa aos círculos, antes de mergulhar sobre a sua presa, e o professor pensa: no céu, as ruas são redondas. Passados minutos, a águia voa rente à estrada, junto ao professor, com uma cobra nas patas. O anjo da Morte tem todas as caras possíveis, desde uma casca de amendoim que vai parar à traqueia até um terramoto de escala impensável, mas uma águia é um dos seus melhores rostos. A camisa do professor começa a ficar ensopada de suor. A testa pinga e o suor escorre-lhe pelas sobranceiras, fazendo-lhe arder os olhos. Tira, com frequência, o lenço do bolso. Também tira o chapéu porque lhe faz calor na cabeça, e abana-se com ele. De seguida volta a colocá-lo. Parece-lhe ver um vulto ao longe e leva a mão à cara para fazer sombra nos olhos. Sim, alguém caminha a uns trezentos metros do lugar onde está. O professor estuga o passo, acelera, mas porque não está habituado a quaisquer esforços físicos avança meio trôpego. De vez em quando, por entre arquejos, grita e acena. Quando chega perto, percebe que são duas mulheres: uma rapariga empurra um carrinho de mão enferrujado com uma velha lá dentro.

O professor Borja olha para a rapariga. Ela tem sobranceiras espessas como o calor da tarde e uns lábios grossos. As pernas são perfeitas, apesar dos pelos que as cobrem. O professor interroga-se: que idade terá? Parece nova, mas tem um olhar de mulher com alicerces. O professor cumprimenta as duas.

— A minha avó é mouca — diz Rosa.

— No fundo, somos todos. Só ouvimos o que nos interessa.

— Sim, mas a minha avó não ouve sequer o que lhe interessa, a menos que lho

gritem ao ouvido.

— OLÁ — grita o professor ao ouvido da senhora.

A velha vira-se para ele e faz um gesto com o braço. Tentava acertar-lhe na cara.

— Ouça, menina...

— Rosa.

— Menina Rosa, eu preciso de ajuda. Atropelei um javali e morreram os dois: a besta e o carro. Nem sei se preciso mais de um mecânico ou de um talhante.

O professor tira o chapéu e abana-o junto à cara. Sua como uma chuvada de outono, e o cheiro dos seus sovacos entontece qualquer pessoa. Também sente que os pés se queixam do couro das botas e talvez estejam a precisar de dormir todos nus ou só com meias de algodão.

— Para onde vai com a sua avó?

— O que é que isso lhe interessa?

— Talvez as possa ajudar?

Rosa ri-se.

— Não era o senhor que precisava de ajuda? Eu nunca pedi nada.

— Sim, mas vejo que carrega a sua avó com dificuldade. Mas, enfim, quem é que não tem um familiar para carregar com grande sofrimento? Tem razão, a menina Rosa. Eu sou só uma pessoa que matou um porco enorme e que não faz ideia do que fazer com isso. Moram perto?

— Logo ali, num monte que não se vê daqui da estrada.

— Bom, continuo sem saber o que fazer...

— O senhor devia chamar alguém.

— Era isso que eu gostaria. Mas não encontro nenhuma maneira de o fazer.

— Pode acompanhar-nos até à aldeia. A minha avó tem de lá estar antes da missa. Ela assiste à missa há mais de cinquenta anos.

— Muito bem, acompanho-vos. Mas posso ajudar? Posso empurrar um pouco?

— Não é preciso.

O professor Borja fica a vê-las entrar na igreja. O carrinho de mão é deixado à porta e uma mulher ajuda Rosa a levar a avó para dentro do templo. O professor olha em volta e entra num edifício de três andares, de turismo rural. Pede para usar o telefone e liga para um amigo que o pode ajudar com o carro e, quem sabe, com o javali. Sobe até ao bar e senta-se na varanda, que dá para uma paisagem enorme, a ver o Alentejo derramar-se pelo horizonte, como o vinho num copo. Há sobreiros até ao céu e o ar está cheio de insetos. Ao fundo ouve-se um blues e ainda mais ao fundo, na paisagem, vê-se uma barragem. Manda vir um copo de vinho, um queijo seco de ovelha e pão. O vinho é tão artesanal que as uvas foram pisadas à mão.

Depois, acende um cigarro e fica a olhar a paisagem, que se estende, toda deitada, até Espanha. Semicerra os olhos por causa da luz ou por causa do fumo, ou talvez por melancolia. Sabe trautear a música que está a tocar ao fundo. É música para pessoas sentadas, que gostam de vinhos pisados à mão.

Procura umas moedas para deixar em cima da mesa antes de se ir embora, pois ouve o burburinho do fim da missa.

Fartaria leva Rosa e a avó na sua carrinha. Antónia vai no banco da frente, com a cabeça a pender para o lado, enquanto Rosa vai na parte de trás, na caixa de carga juntamente com o carrinho de mão. O professor vê-as sair, repara no perfil de Rosa e sente alguma coisa estranha, tem vontade de ir com elas, de as seguir para sempre.

O padre é o último a sair e o professor decide falar com ele.

— Não costumo vir aqui, porque sempre vivi no concelho limítrofe. Conheço mal a vila...

— Isso sei eu — diz o padre Teves.

— Quando a inglesa comprou uma aldeia que fica...

— Sei onde fica.

— Contratou-me, pois tem lá uns religiosos...

— Mas não são padres, pois não?

— Nem por isso: um feiticeiro nigeriano e um gim-nosofista indiano. Eu sou a contraparte da ciência. Ela quer um pouco de bom senso na conversa.

— Não há padres nessa conversa?

— Não.

— É pena. Sabemos mais. E o que é que faz por aqui? A missa já acabou...

— Atropelei um javali.

— Há muitos de manhã e ao fim do dia. É preciso conduzir com cuidado, devagar.

— Depois do acidente, encontrei uma menina que trazia a avó para a missa dentro de um carrinho de mão.

— Ah, a Rosa. Uma boa rapariga, apesar de ter tendência para a heresia. Já lhe dei umas boas palmadas por causa disso. De resto, sei bem onde vai parar. Tem uma figura demasiado sedutora para a idade, não deixa nenhum homem indiferente. Duas pernas, um sinal entre as duas mamas recém-nascidas, a esquerda e a direita, e até um buço. É peluda, com carnes que enchem muitos olhos. O rabo dela, que Deus o tenha e conserve, é o único motivo pelo qual haverá a ressurreição da carne, per carne, como gostava de dizer Tertuliano, um padre inteligente apesar de se ter tornado montanista. Mas voltando à Rosa e às suas partes posteriores, aquelas mais traiçoeiras que nos atacam pelas costas, ou seja o rabo, seria um desperdício incalculável, um absurdo para a

Criação, se aquele traseiro pálido, que é a suma da perfeição divina, se perdesse com a morte e se confundisse com a terra. É preciso ressuscitá-lo per carne para que viva pela eternidade com a sua pelezinha rosada e com a marca do biquíni, que eu nunca vi, meu jovem, nunca vi.

— Eu tenho setenta e sete anos.

— É um jovem. Até digo mais, quando falamos de coisas eternas somos todos nascituros. Adiante: repare como um rabo nos pode fazer crer na ressurreição, mais do que as epístolas de S. Paulo. Só temos um cu protuberante porque nos erguemos das quatro patas para a verticalidade e nos tornamos este macaco sem pelos, de rabo saliente e nádegas hemisféricas. Sem essa ereção da postura, se não andássemos com apenas duas patas, não libertaríamos as mãos, não haveria polegar oponível, não haveria necessidade de um cérebro maior. Ganhamos um traseiro espetado, capaz de nos aguentar em pé, com músculos suficientes, uns fortes glúteos, e ganhamos esses acrescentos rotundos, profundamente curvos, arquetípicos, nádegas capazes de aguentar o esforço epopeico de nos erguermos na vertical sem vacilar sob o peso do céu. Os macacos não têm traseiros como os nossos, redondos como os nossos, e o da Rosa, que é o mais redondo de todos. Nós só temos um cérebro capaz de pensar na lógica de Aristóteles e na teologia de Tomás de Aquino porque temos umas nádegas extrovertidas. Estão ligados o cima e o baixo numa trama impossível de desenhencilhar. Cabeça e rabo são duas faces do mesmo Deus, do Único. Acaba-se com o traseiro e vai-se o pensamento mais piedoso. Fui suficientemente científico para si?

— E os pais dela?

— Foram-se.

— Morreram?

— Um deles, sim, debaixo de uma alfaia agrícola, completamente bêbedo. Era um homem violento que desafiava toda a gente, mas a vida correu-lhe mal. E a mãe da Rosa foi-se, que é como se tivesse morrido. A morte, meu amigo, é uma curva na estrada, é o lugar mais distante, onde não há correios nem telefone. As pessoas, quando se afastam, ficam como a paisagem, como os arbustos, ou como uma vaca a pastar. A mãe da Rosa apartou-se da nossa visão, da visão e dos olhos de quem a amava. Não é isso morrer? A ausência e a morte são familiares chegados. Ela foi para Lisboa crescer ou minguar, como faz a lua. Sobre este veredito só Deus, ou o tempo, fará juízo. Repare o senhor que estar ausente tem, na prática, o mesmo efeito de estar enterrado e bem morto. Não para a própria pessoa, bem entendido, mas para os outros: é uma completa falta de nexo. Esperamos reencontrar essa pessoa, mas o reencontro em que todos temos esperança é o mesmo sentimento que nós, cristãos, sentimos tendo fé na Ressurreição. Mas se esse reencontro não se der em vida, não é precisamente o mesmo, exatamente o mesmo, que uma ausência?

— Mas falava de pelos...

— Na menina Rosa — responde o padre —, os pelos crescem sem lei nem ordem, despontam da pele mais inocente e marcam-na com um padrão dos diabos, com aquelas sobranceiras grossas que são umas autoestradas e aqueles tornozelos hirsutos.

— Dito assim, parece que está a falar de um urso.

— Nada disso, caro amigo, é tudo muito tentador.

— Parece-me que olha com mais tenacidade do que seria de esperar num homem de Deus.

— Aprecio as obras da Criação. Nisso sou imparcial e santo ao ponto de as

admirar em qualquer lugar. A Rosa não é menos criação só por ser uma tricana com cheiro a queijo de ovelha.

— Não sou grande adepto dessa pilosidade.

— Não sabe do que fala, meu jovem amigo.

— Tenho mais de setenta anos.

— Não vamos ter essa conversa outra vez.

— Prossiga...

— Eu, que entreguei a minha sexualidade ao Divino e me casei com os Céus, é que lhe vou explicar: os homens são ilhas, tal como se diz. São um sexo cercado de pelos por todos os lados. Os pelos são as nossas pétalas. Emolduram-nos, do mesmo modo que as pétalas emolduram o sexo da flor. E o senhor responda-me: quando olha para uma flor repara no sexo dela ou nas pétalas que exhibe? Não responda, eu respondo por si. Olha para as pétalas, que estão para as flores como os pelos estão para a pudenda.

— Reitero que não me fascinam os pelos. Olho mais para a cara do que para os cabelos.

— Já não sei o que lhe hei-de dizer mais. É difícil fazer os jovens compreender. É evidente que olha para a cara, mas os cabelos, jovem, são, como diz o povo (e esse povo por vezes tem razão, exceto nas urnas, aí nunca acerta), a moldura do rosto. Embelezam a cara do mesmo modo que embelezam o resto. Faço-me entender? Como as pétalas, como as flores. Olhe para a natureza, olhe para a sociedade, verá que está tudo emoldurado com pelos. Roupas, penas, pétalas, escamas coloridas, joias, frutos: tudo pelos.

— Exagera. É apenas uma questão de gosto. É subjetivo, relativo, vai de cada um.

— Não há subjetividade nenhuma por aqui. Isto é uma verdade espiritual.

— Mesmo assim.

— Uma verdade espiritual, ouça o que lhe digo! E agora, se me permite, vou jogar pôquer de dados com o sacristão e o Banha, que vende armas de caça. Quer fazer-nos companhia?

— Eu não jogo aos dados. Deus é que joga.

O professor pesa-se numa balança pública: é o peso de um teorema, não é o peso da carne, dos músculos e dos ossos. Oitenta e um quilos de pura ciência, pensa. Sai da farmácia contente com os seus centímetros todos, os sapatos a ranger sob o peso da sua figura matemática. Para uns momentos para alisar o cabelo no reflexo da montra de um café, sorri para si mesmo, um sorriso que a empregada do café julga ser-lhe dirigido. Empurra a porta de alumínio castanho, entra no café, cumprimenta os dois homens que estão a beber cerveja ao balcão e pergunta se não há mais bolos. A empregada responde-lhe que há os que estão à vista e o professor manda embrulhá-los.

— Todos? — pergunta ela.

— Sim.

O barulho do motor do carro do amigo do professor chega ao largo da igreja. Rodrigues Filho sai da carrinha azul-clara, com o seu porte de elefante africano, e abraça o amigo, deixando o motor a trabalhar. Rodrigues Filho tem as cores saudáveis de quem se alimenta de gorduras animais, entre outros vegetais. Tem, por vezes, um cigarro na mão, calças de pregas e, por vezes, um cigarro na boca.

— Vamos lá apanhar o javali — diz Rodrigues Filho.

O professor Borja faz que sim com a cabeça, dizendo “cabrão do porco”, e senta-se na carrinha. Pousa o cotovelo na janela aberta e o embrulho de bolos no colo.

Quando chegam ao local onde o professor teve o acidente, já lá não está o porco.

— Já o levaram — diz Rodrigues Filho.

— Melhor assim, dá menos trabalho.

O professor pergunta onde é que ele tem o cabo e Rodrigues Filho aponta com o queixo para a caixa da carrinha. Sobe lá para cima com agilidade e desce com uma corrente na mão. Deita-se no chão, junto à parte da frente do carro danificado e tenta encontrar um ponto para prender a corrente. O professor fica a ver, de mãos nos bolsos.

— Então e as tuas teorias todas? Já são famosas? — pergunta Rodrigues Filho com metade do corpo debaixo do carro.

— Se calhar a fama... A fama é a maneira que nós temos de reconhecer na rua pessoas célebres. Não importa. Só o saber importa e isso não tem nada a ver com a fama.

— Isso, isso, a fama não importa para nada.

Rodrigues Filho sai de debaixo do carro, sacode as calças e as mãos, e prende a corrente à parte de trás da carrinha. Sobe para a cabine e anda uns metros com a carrinha, para testar.

— Para onde é que levamos o carro?

— Para o mecânico da vila. Mas eu não vou, levas tu o carro sozinho.

— Então? Ficas aqui no meio do nada?

— Fico. Tenho de ir àquele monte.

— Fazer o quê?

— Não sei bem, para ser sincero.

Rodrigues Filho arranca enquanto o professor caminha para o monte. Tem dificuldade em desviar-se da natureza, há sempre plantas bicudas e o seu andar já não tem a solidez da juventude. Mas lá vai progredindo até chegar à porta de madeira pintada de azul. Antes de bater, tira umas bolinhas de picos que ficaram agarradas às calças e tenta desfazer-se da lama da sola dos sapatos esfregando-os numa pedra. Rosa abre a

porta sem perguntar nada.

— Alguém levou o javali — diz o professor.

— Não fomos nós. Se vem à procura...

— Não, nada disso. Vinha agradecer.

— Agradecer o quê?

— Quem é? — pergunta Antónia lá de dentro.

— É o velho que atropelou o javali — diz Rosa virando-se para dentro.

— Quem é? — pergunta a avó outra vez.

— É O DO JAVALI! — grita Rosa.

— Trouxe uns bolos como agradecimento — diz o professor.

— Agradecimento de quê?

— O que é que ele quer? — pergunta a avó.

— É melhor entrar — diz Rosa.

O professor entra e entrega os bolos a Antónia. Rosa ajuda a avó a abrir o embrulho.

— O que é?

— SÃO BOLOS — grita a neta.

O professor toma a liberdade de se sentar. Antónia vai comendo os bolos, uns atrás dos outros. Ficam os três sem dizer nada, só com o barulho de Antónia a comer e da gineta, que vai lambendo as migalhas que caem no chão.

As pegas levantam voo, brancas e pretas, à frente dos olhos de Rosa. Ela não gosta delas, porque a avó diz que a morte tem essa forma e que todos temos um pássaro daqueles a vigiar-nos, que é a nossa morte. Fazem ninho nos telhados das nossas casas e vivem a observar-nos, com paciência, até ao dia em que nos arrancam a alma como fazem às minhocas da terra. Rosa acha que aqueles pássaros são nojentos e nunca toca em nenhum.

Cospe para o chão e continua a andar pelo monte. Do outro lado vê-se a barragem, que está cheia de água e de corvos. O campo está coberto de estevas e rosmaninho e erva-ursa, e Rosa evita uns e pisa outros. O céu está meio inclinado sobre a sua cabeça e está azul-claro com nuvens brancas. Na berma da estrada há sempre animais mortos e junto à estrada há sempre vedações. A terra pertence sempre a alguém, apesar de, na verdade, suceder exatamente o contrário: as pessoas é que pertencem à terra. Rosa não repara nas vedações de arame farpado com azinheiras do outro lado e porcos pretos a comer, porque sempre viu a paisagem assim. O arame farpado é como o funcho e as beldreogas que crescem em todo o lado, é como o ar, é como o céu. Deus fez muito bem em esconder-se, ou ninguém jamais pensaria nele. Seria uma vedação de arame farpado, sempre a ladear os caminhos das pessoas, mas sem que ninguém olhasse para Ele, ou pensasse verdadeiramente n'Ele. Ao esconder-se, criou os padres, a teologia, os brahmins e a metafísica.

O pastor está deitado na terra. Olha para as mãos cheias de feridas. O cão está deitado ao seu lado, a lamber uma pata. Ari tem cabelos alourados e encaracolados e pés pequenos. Usa botas demasiado grandes para os seus pés para que ninguém repare que tem pés de cabra, pés demasiado pequenos, demasiado minúsculos. O cão nota a aproximação de Rosa, levanta-se e ladra. O pastor ergue-se e encosta-se a um sobreiro. Tira um cigarro e acende-o. Rosa aproxima-se. Traz um saco com arroz e um sorriso. Parece feliz, e o pastor sorri para dentro. Não o faz para fora para não perder o charme. Encosta um dos pés à árvore e dá três passas de seguida no cigarro, semicerrando os olhos enquanto olha para Rosa. Com o indicador dá um piparote no cigarro deitando-o fora. Rosa chega ao pé dele ofegante e bem-disposta, pausa o saco e atira-se para os seus braços. Ele estremece, mas faz-se viril e nem sequer sorri, apenas se penteia. Ela afasta-se uns centímetros, ainda alegre, e ele saca do canivete, abre-o com calma, limpa uma unha, baixa-se, pega num queijo e corta uma fatia. Leva-a à boca e de seguida corta mais uma, que leva à boca de Rosa. Ela tenta desviar a cara, mas ele insiste, a rapariga dá uns gritinhos, mas acaba por comer o queijo. Ele limpa a boca à manga da camisa aos quadrados e agarra-a pela cintura, derruba-a, cai em cima dela como um pôr do sol, levanta-lhe a saia e tenta tirar-lhe as cuecas. Não é fácil e acaba por sentir algum embaraço com a sua falta de jeito, especialmente porque Rosa se queixa de que ele a magoa, que é demasiado bruto.

O sol cai a pique, pesado como lenha a arder, e eles ficam deitados, meio despidos em cima das alabaças e das margaridas e dos trevos. As pegas dão voltas lá em cima, por cima deles, e Rosa não gosta disso, chega a exclamar: Malditos pássaros que nos matam.

O pastor não percebe aquela antipatia. Gosta da natureza e da selvajaria que o cerca. Não se incomoda com os cheiros, com a sujidade, porque é isso que é a natureza, um lugar sem higiene nenhuma, cheia de bichos e de terra e de coisas desorganizadas. É o oposto dos jardins e das cidades e das hortas e do cimento. A natureza é o maior inimigo

do homem civilizado. Mas o amor pode muitas coisas e, desde que se deita com Rosa, Ari passou a tomar banho quase todos os dias, ou pelo menos uma vez por semana.

- A minha avó está muito doente.
- Está velha. Não há nada de mal nisso.
- Tenho medo de ficar sozinha.
- Eu estou aqui.
- Não é a mesma coisa.
- Eu não morro.
- Não morres?
- Não morro. Que é para não te deixar sozinha.
- Toda a gente morre, Ari.
- Eu não.

A dentadura dentro do copo de água mostra o trabalho da morte, como ele é contínuo e não algo que acontece de repente. Os dentes já morreram todos, diz o copo de água com um sorriso lá dentro. Os cabelos morreram e ficaram brancos, as memórias foram engolidas. E aquela boca ri-se dentro de água, dentro do copo, mesmo ao lado da cama. E outras vezes ri-se dentro da nossa própria boca, e há nisso uma negra ironia.

Antónia está estendida na cama, a dormir. Há um gato selvagem que lhe aparece nos sonhos e urina nos cantos para afastar os outros sonhos. E há um corvo que vem todas as noites morrer de velhice num ramo de marmeleiro. Mas antes de morrer sonha com sapatos e com nuvens, e entre uns e outros há uma rapariga que não sabe o que fazer com a vida e tem sobranceiras grossas e o cabelo preto como o esquecimento.

Por vezes, Antónia está parada, por vezes está lúcida, e, por vezes, está cheia de mortos dentro dela. São todos os que lhe morreram: o filho João Lucas Marcos Mateus, o marido, os pais, os avós, os irmãos — que eram seis e morreram de tuberculose e de pneumonia e de escarlatina e de fome —, os tios, as amigas de infância e duas vizinhas. O seu filho é o mais próximo, o que está mais dentro. Para Antónia, ele nunca cresceu e vê-o sempre criança. Nas suas memórias, João Lucas ficou atrasado no tempo, nunca se casou, nunca chegou a andar em rixas e nunca foi tolhido por um trator. É assim que ele lhe aparece, e ela dá-lhe conselhos e dá-lhe beijos desajeitados na testa: quando cresceres vais para Lisboa, que o Alentejo é um cemitério. Tenta agarrar-lhe a cara, apertar-lhe as bochechas, mas as mãos são máquinas enferrujadas e custam a sair do colo ou de dentro do avental.

Mesmo quando lhe falta lucidez, aparecem-lhe orações na boca, como soluços, automáticas e vazias. Envolvem-lhe a boca num constante bichanar, como se chamasse a gineta para lhe fazer umas festas. Deus enche-lhe a boca e fica-lhe agarrado aos lábios, aos dentes postiços, à garganta, está sempre tudo cheio de rezas. Os dedos já quase não se movem pelas contas do rosário, mas a sua alma está em permanente oração, é a sua maneira de respirar. Através dos olhos baços, vê a neta e comove-se, porque está feita uma mulher. É muito bonita, pensa, e vai ser feliz. Não é nada fácil ser feliz. O Gil Fazer, que era muito alto e estava sempre a bater com a cabeça nas lâmpadas e a puxar a pele da maçã de adão, ria-se muito e fazia rir toda a gente. Um dia, ficou doente da cabeça e já não sabia fazer contas de somar e os médicos disseram que ele se ria porque estava doente, porque era muito infeliz.

Por vezes, Rosa aproxima-se dela pelo meio das orações, e ouve o nome do pai. É Antónia que o chama. Pode ser que não esteja longe, pensa a neta, talvez ele a ouça, talvez a morte seja mesmo aqui perto, mesmo ao nosso lado, como um vizinho. Ou pode ser que esteja dentro da minha avó, é possível que a morte dos outros aconteça dentro de nós e que ao envelhecermos nos vamos transformando em cemitérios.

Antónia olha para a neta e quer passar-lhe a mão pelos cabelos, mas tem o corpo todo enferrujado e da sua boca saem apenas pais-nossos e salve-rainhas, em vez do nome de Rosa, que era o que gostaria de pronunciar naquele momento. As rezas despontam-lhe espontaneamente dos lábios, tal como os cabelos continuam a crescer depois de morrermos.

O professor Borja vai aparecendo no monte com alguma frequência. Leva sempre bolos e já nem bate à porta. Rosa está sentada num banco, com as mãos postas em oração, quando o vê entrar. O professor percebe que ela está a chorar, então aproxima-se, põe-se de cócoras e agarra-lhe as mãos.

Antónia está sentada junto dela, num momento de perfeita letargia, com um fio de baba a escorrer-lhe pelo queixo. O professor passa a mão em frente dos olhos dela, para ver se há alguma reação, mas ela não pestaneja, está com os seus mortos.

— Tudo o que ela quer é ir à Terra Santa — chora Rosa. — É só isso que ela quer. Ver Jerusalém e depois morrer.

— É difícil. Como é que a fazemos chegar lá?

— É impossível.

— O impossível é uma merda.

— Pois é.

— Mesmo que tivéssemos dinheiro para a viagem, ela não aguentava.

— Pois não. Mesmo que tivéssemos dinheiro.

— O melhor é esquecer Jerusalém.

— Sim, é impossível. Coitada da minha avó.

O professor encosta a mão direita à cabeça e reflete, olhando para o teto:

— Mas, tal como é possível não pisar a merda, é possível dar a volta ao impossível. O que há a fazer é levá-la a Jerusalém.

— Impossível. Nós somos pobres.

— Claro, como quase toda a gente.

— Trabalhamos, mas continuamos na miséria.

— Evidentemente. Se o trabalho desse dinheiro, os pobres seriam ricos. Mas não é disso que falo.

— Então?

— Se nós não conseguimos chegar a Jerusalém, temos de fazer com que Jerusalém venha até nós.

— Não percebo nada. É como Maomé e a montanha?

— É isso e é muito simples: temos de fingir que levamos a velha até Israel.

— Israel?

— É onde fica Jerusalém.

— E como é que fazemos isso?

— Espaço não falta. O que temos de fazer, ouça com atenção, é o seguinte: a aldeia que a inglesa comprou terá de ser disfarçada de cidade sagrada. Obrigamos as pessoas a usar camisa branca e fatos pretos, barbas postiças, chapéus, e aqueles caracolinhos que os judeus usam. A sua avó vai julgar que está na cidade sagrada.

— Mas não se vai de avião?

— Vai. O que nós vamos fazer é levá-la até ao Avião.

— O bar?

— Sim. Tem um excelente show de strip com Miss Stela. Quando chegarmos ao Avião, damos um sedativo à velha, alguma coisa para dormir, de modo a que não se aperceba da impossibilidade de aquele bar levantar voo. Depois, tiramo-la do Avião e levamo-la para a aldeia, que estará disfarçada de Jerusalém.

— Será possível?

— Claro.

— E como é que explico à minha avó que tenho dinheiro para a levar à Terra Santa?

— Não faço ideia. Mas hei-de pensar numa solução.

— E a inglesa concordará?

— Concordará.

O professor olha para Antónia, que tem alguns cabelos caídos junto aos olhos. A sua respiração por vezes é silenciosa como um mocho a voar, outras vezes é ruidosa como um trator a lavar a terra.

— É verdade que o seu pai morreu debaixo de uma máquina?

— Não.

— Prefere que não fale nisso?

— Tanto faz. Pendurou-se numa figueira.

Rosa lembra-se bem. Coça a cabeça enquanto olha para a memória que tem dos últimos dias do pai: João Lucas Marcos Mateus foi colhido por um trator enquanto apanhava medas de feno. O acidente levou-lhe uma perna e toda a virilidade. Foi definhando, porque não era homem de ficar sem trabalhar e sem andar a provocar toda a gente, e a lutar, e a beber. Pegou numa corda e pendurou-se numa figueira. Foi o mais estranho fruto daquela árvore.

— Julgava que tinha sido um acidente.

— Enforcou-se.

O professor levanta-se, ri e bate palmas:

— Já sei. Compramos uma rifa aos bombeiros e nessa rifa ganha-se uma viagem a Jerusalém.

— Não tenho dinheiro para rifas.

— Eu ofereço.

— Está bem.

— O Alentejo é um cemitério — diz Antónia. — Tens de ir para Lisboa.

A noite começa o seu trabalho de escuridão, vai iluminando o dia com as suas trevas. Rosa está sentada no alpendre a ver a luz desfazer-se enquanto põe na boca, como um caramelo espanhol, a pedra que apanhou quando se deitou pela primeira vez com Ari. Fecha os olhos e sente o cheiro das flores, aperta as coxas uma contra a outra. A avó chama-a e Rosa abre os olhos lentamente, tira a pedra da boca e volta a arrumá-la dentro da bolsa de couro. Sacode a saia e entra em casa perseguida pela noite. A avó pede-lhe água e Rosa tira o cocharro que tapa a bilha de barro e dá-lha à boca, pondo um pano por baixo do queixo para que não se molhe. Mal ela acaba de beber, limpa-lhe a boca com o pano e devolve o cocharro à boca da bilha.

— Estava a sonhar com janelas sem casas, só com campo — diz Antónia. — Foi quando me deu a sede. O teu avô é que havia de gostar disto, deste campo todo que eu tinha dentro do meu sonho. Quando nos casamos, o meu paizinho, que Deus o tenha, perguntou-me se eu queria um vestido bonito e eu disse-lhe que não, o que eu queria era roupa suja do trabalho. Ele mandou fazer à mesma um vestido branco e eu fui muito bonita para a igreja. Mas o que eu queria era a roupa suja do trabalho, que isso é que faz uma pessoa.

Rosa já ouviu aquela história muitas vezes, nem toma atenção. Ajuda a avó a levantar-se e leva-a para a cama. A avó apoia-se no braço de Rosa e vai dando uns passos minúsculos e arrastados.

— Já não sei o que digo, tenho os pensamentos a virem-me de lado.

Antónia senta-se na cama, e Rosa despe-a. Começa por lhe tirar os chinelos e as meias, depois o resto das roupas. Os pés de Antónia estão inchados, há veias a rebentarem de azul, e Rosa faz-lhes uma massagem. Quando a avó adormece, ela tapa-a e apaga a luz.

Não tem nada para fazer, por isso liga a televisão, senta-se a ver um filme. A certa altura, vê uma luz projetar-se contra a parede de cal branca, vira-se para a janela e levanta-se. É o pastor.

Abre a porta com cuidado e vê-o no alpendre, com a sua lanterna. Sentam-se no chão de cimento, ele dá-lhe uns beijos, ela sente o seu cheiro do campo e fecha os olhos. As mãos dele apertam-lhe o peito, andam pelas coxas, e ela diz-lhe que ali não. — Qual é o problema? — pergunta ele.

— Nada. A minha avó pode acordar.

— Isso nunca foi problema. Ela mal anda. Demorava horas a chegar do quarto até aqui.

— Não quero e pronto.

— É o velho, não é?

— Qual velho?

— O professor.

— És doido?

— Anda sempre por aqui. Não gosto dele.

Rosa não diz nada, e Ari põe-lhe a mão entre as pernas. Rosa afasta a mão do pastor.

— É o cabrão do velho — diz ele enquanto se levanta. — Se o encontro por aqui torço-lhe o pescoço como faço às galinhas.

— Não sejas parvo.

— É o velho, que eu sei.

Rosa fica a vê-lo ir-se embora, a luz da lanterna a desaparecer por trás da paisagem. Tal qual o sol costuma fazer.

A caixa de carga da carrinha está cheia de fruta, maçãs e peras, quando Alípio passa por ela. Com um gesto rápido, rouba uma maçã vermelha e esconde-a nas calças velhas. Trabalha na construção e ganha relativamente bem, mas de vez em quando é apanhado a roubar. Dizem que é uma doença. Ele não precisa, tem trabalho, não ganha mal. O professor Borja, por vezes, paga-lhe um copo. Gosta dele porque é calado e quem fala muito prefere pessoas que se escondem dentro delas mesmas e que parecem ouvir os outros.

Quando Alípio recebe o dinheiro que ganha na construção, vai de imediato aos correios e põe tudo num envelope para enviar para o Uganda. Uma vez viu uma fotografia de meninos a passar fome e nunca mais foi capaz de fazer outra coisa que não enviar tudo o que ganha para África. A associação que escolheu para enviar o dinheiro do seu trabalho já não existe e quem recebe os seus envelopes brancos não é menino nenhum. Sai dos correios, com as roupas gastas e cansadas, e procura um pomar. Come bolotas de azinho, como os porcos, porque nunca tem dinheiro. Come frutas que apanha das árvores de algum quintal, rouba das hortas dos vizinhos e, quando está na vila, come os restos dos tabuleiros do self-service.

— Você precisar da tua ajuda, Alípio — diz-lhe o professor, quase num sussurro.

— É o quê?

— Preciso que me ajudes a levar uma velha a Jerusalém. Não faças essa cara, que não é mesmo Jerusalém, é a aldeia da inglesa. Preciso de uma pessoa para conduzir o meu carro, que eu vou andar ocupado com a velha.

Alípio faz que sim com a cabeça e o professor leva-o ao café do Zé Romão. O professor encosta-se ao balcão de mármore salpicado de tinto. Alípio arrasta-se atrás dele, baixo, um pouco gordo, sem bigode nem barba. Deixa que o mármore do balcão se encoste ao seu peito.

Zé Romão pergunta:

— Vão querer o quê?

— Dois copos de vinho — responde o professor.

— Branco ou tinto?

— Escolhe tu, ó Alípio.

— Não sou capaz. A vida nunca é branco ou tinto. Essas decisões custam-me a tomar.

— São dois tintos.

Zé Romão diz qualquer coisa, mas o professor já não o ouve, pois vira-se ao ouvir a porta do café a abrir-se. O sargento Oliveira entra com o seu andar pesado, sem cumprimentar ninguém. Senta-se numa mesa e pede um café.

O professor põe uma nota em cima do balcão para pagar o vinho e prepara-se para sair, seguido por Alípio. O sargento estica as pernas à frente deles, impedindo-os de passar.

— Já vão? — pergunta ele.

— Já, sargento Pereira — diz o professor.

— O meu nome é Oliveira.

— É a minha cabeça que já não funciona como quando era novo. Oliveira é um belo apelido, assenta-lhe que nem uma árvore.

— O que é que andas a fazer com esse maluco?

— Sabe, sargento, a loucura, quando dá a um grande número de pessoas,

chama-se sociedade contemporânea. Quando dá a uma pessoa só, interna-se essa pessoa. O Alípio não tem a normalidade, ou boçalidade, de muitos, mas não é por isso...

— Espera por mim lá fora.

— Estou com um bocadinho de pressa.

O sargento levanta a cabeça e olha-o nos olhos.

— Bom, então, estou lá fora à espera — diz o professor.

Quando entrou para a guarda, o sargento Oliveira era tão gentil e bondoso que o chamavam de “anjo da guarda republicana”, mas aos poucos a vida acabou por moldar o seu caráter de maneira diferente. Começou por sentir revolta contra algumas injustiças, algo perfeitamente normal para quem tem uma natureza consideravelmente bondosa. Aos poucos, a revolta foi-se transformando em ódio, em vontade de dar pontapés na injustiça toda. E nas pessoas que brincam com a lei, com os costumes. Foi bebendo demais, foi-se corrompendo aos poucos, primeiro sem perceber, ingenuamente, depois justificando esse comportamento como algo inevitável, algo que tem de ser feito.

Sente-se humilhado pelo professor Borja. Sabe que é ele que pinta o muro da inglesa, toda a gente sabe isso, mas ainda não conseguiu apanhá-lo em flagrante.

Na rua, passa um romeno que vende tudo o que não interessa, pois o que realmente interessa não se vende. Cumprimenta o professor, que está a limpar o suor da testa com um lenço branco. O romeno empurra pela rua acima o seu carrinho de madeira cheio de coisas empilhadas, até desaparecer numa esquina.

O sargento sai do café a ajeitar as calças e a entalar a camisa. Arrasta as botas pelo passeio, pelo alcatrão, e aproxima-se do professor, mandando-o entrar no carro.

A tarde derrete com o calor e as oliveiras parecem de prata. O sargento conduz até a um morro e para o carro à sombra, desligando o motor. Abre a porta do carro e manda sair o professor. Tem vontade de o espancar e faz um esforço para se conter, cerra os punhos e esfrega os dentes de cima contra os dentes de baixo. Mas não se contém e, quando o professor se prepara para dizer qualquer coisa, dá-lhe um estalo na boca com as costas da mão. Os lábios do professor ficam vermelhos como uma mulher demasiado pintada.

— O muro da inglesa vai continuar branco — diz o guarda. — Não quero ouvir mais nenhuma queixa do Rato.

O sargento dá um pontapé no pneu do carro para não o dar no professor. Este está com as mãos na boca e o sangue escorre-lhe entre os dedos. O guarda entra no carro, liga a ignição e deixa-o ali, no meio do campo, com as mãos na boca, no meio da poeira que os pneus levantam.

Todos os olhares estão parados no corpo que se mexe. Miss Stela move as ancas gordas como o trigo a crescer pelos campos, com uma naturalidade difícil de explicar cientificamente. Atira caramelos espanhóis para o público, atira beijos e olhares. Os homens mordem a língua, bebem vinho e sentem o coração a coxear. Ela aproxima-se de um homem careca, de barba por fazer, e de costas para ele inclina-se para a frente, como se procurasse um alfinete no chão, enquanto a sua parte de trás se abana ritmadamente. O homem encosta as mãos ao corpo, para não as deixar sair dali em liberdade. Miss Stela continua à procura do alfinete que não existe, sabe perfeitamente que o erotismo depende muito destas pequenas coisas, destas ficções, de coisas que não existem.

Arménio levanta-se, dá uma volta sobre si mesmo, e aterra no chão levando consigo um copo cheio que se parte. Fica ensopado de vinho, mas nem repara. Ergue-se e começa a caminhar em direção a Miss Stela, cambaleando. Quando se aproxima, ela dá-lhe com um sapato. O salto bate-lhe na cabeça e tira-lhe um bocado de pele, deixando-o a sangrar. Arménio não sente nada, nem quando o sapato lhe bate na boca e lhe arranca um bocado de carne, salpicando sangue em volta. O público ri-se, mas quando António, o segurança, se aproxima, já ninguém sabe rir. António, que é magro e baixo e ossudo, pega em Arménio com uma mão e atira-o contra o chão. Arménio bate com a cabeça nas lajes, com o braço esquerdo torcido debaixo do corpo. Miss Stela grita com o segurança porque este demorou demasiado tempo a reagir, mas o homem não liga. O público, apesar de Miss Stela continuar nua no meio das mesas, já só tem olhos para o modo como António espanca Arménio. Um dente salta para junto do homem careca, que afasta o pé, olhando em frente e levando o copo aos lábios. António leva Arménio para a rua.

— Precisa de apanhar ar, este.

Miss Stela senta-se numa cadeira a beber um whisky. Ainda está nua, de pernas cruzadas, e só com um sapato calçado. O professor entra nessa altura e dirige-se para a mesa da stripper. Senta-se e pede uma cerveja. O empregado põe um copo à frente dele, mas o professor, com um gesto da mão direita, diz-lhe que não precisa, e começa a beber da garrafa.

— Da garrafa é mais fresca, não é?

Miss Stela sorri enquanto coça a axila. Os lábios grossos deixam ver uns dentes certinhos como livros numa estante. Os seus olhos são enrugados, meio desprendidos, sempre semicerrados. Tem um sinal junto aos lábios e um cigarro na ponta dos dedos.

O professor Borja lembra-se bem da primeira vez que a viu. Rodrigues Filho tinha-o convidado:

— Vamos mas é ao Avião onde há uma mulher que sabe abrir as pernas. Eu pago os copos.

— Não gosto dessas mulheres, sabes bem... — respondeu o professor.

— Vais ver que gostas desta. As mulheres são boas seja qual for o sexo. Tu és como eu, exatamente como eu, gostas de mulheres e pronto.

— Mas esses lugares, esses strips, isso é bom é para burgueses decadentes. Eu sou um intelectual do povo, estás a ver? A minha única parte capitalista são os bolsos. O resto é completamente de esquerda. Não vou.

Mas acabou por ir e, ao ver aquela decadência burguesa de pernas abertas, ficou fascinado pelo capitalismo.

— Estás fascinado pela burguesia — disse-lhe Rodrigues Filho.

— Não sei o que dizer. Sou um homem do povo, um operário da Ciência e da

História, um materialista ateu. Para mim, o contrário de fazer o bem é fazer um bom negócio. Sempre fui assim. E agora isto...

— Esquece isso, pá. Isso é política. Aqui dentro não há nada disso, só se revela a verdade, de pernas abertas, nua e crua. O resto é política, são mentiras.

— És bem capaz de ter razão. Eu ainda não tinha dois anos e já não me interessava nada por política. És bem capaz de ter razão.

E depois dessa primeira experiência, o professor tornou-se um dos mais assíduos frequentadores do Avião.

— Preciso de um favor — pede a Miss Stela.

— Desde que tenhas dinheiro.

— Não é desses.

— É de quais?

Miss Stela encosta o copo às mamas. O gelo do whisky fá-la arrepiar-se ligeiramente.

— Conheço uma rapariga que precisa deste avião. Para fazer a última vontade da avó, que quer ir à Terra Santa. Temos de fingir que a levamos lá e, para isso, precisamos de simular a viagem de avião.

— Ha, ha, ha! Que loucura. Estás parvo?

— Vamos transformar a aldeia da inglesa em Jerusalém.

— E aquilo parece-se com a Terra Santa, por acaso?

— Faremos com que fique parecida. Mas preciso da tua ajuda para fazer a velha viajar de avião até Jerusalém.

— E o que é que queres que eu faça? Isto é um bar, já não levanta voo.

Enquanto o professor leva a garrafa à boca, Miss Stela passa o indicador, cheio de verniz vermelho, pelas bordas do copo.

— Não precisa de levantar voo. Nós adormecemos a velha com comprimidos ou isso. Mas ela tem de ver o avião. Temos de lhe dar um ar minimamente credível.

— Se ela vai estar a dormir, do que é que precisas?

O professor sorri antes de falar.

— Tens de tirar os letreiros.

— Isso arranja-se. Mas o espetáculo e os clientes fica tudo na mesma. O António tira os letreiros. As luzes ficam.

— Sim, as luzes podem ficar, mas os letreiros têm mesmo de sair. Fico a dever-te um grande favor.

— Pois ficas.

A tarde boceja pelas ruas quando o professor entra na casa de Miss Whittemore. O salão, cheio de dourados, tem uma pequena mesa no meio, rodeada de sofás, e uma lareira. As paredes estão decoradas com motivos florais e há um espelho gigante e pinturas de peixes de rio penduradas nas paredes. Miss Whittemore está sentada num sofá individual com as pernas cruzadas à oriental — um sari lilás cobre-lhe o corpo ossudo — enquanto fuma cachimbo. O professor entra acompanhado pela empregada Ana Maria que, depois de anunciar a visita, se afasta de imediato.

— Temos as nossas divergências, acima de tudo budistas, mas este caso é especial.

— Fale, professor.

— A Rosa, a rapariga que trabalhava em casa do Santos & Santos, tem uma avó que quase não anda, quase não vê, quase não ouve, quase não fala...

— Parece aqueles macacos orientais.

— É uma senhora religiosa e de muita idade cujo maior desejo é visitar a Terra Santa antes de morrer.

— Quer que eu pague a viagem à senhora?

— Nada disso. Ela não tem condições para viajar.

— Então?

— Vamos transformar esta aldeia em Jerusalém.

— Está louco?

— Ouça, a velha não faz ideia do que é Jerusalém. Só sai do monte para ir à igreja e nunca foi além de trinta ou quarenta quilómetros da própria casa, e isto apenas porque o hospital fica a essa distância. Nunca pôs os pés nesta aldeia e de qualquer modo não a reconheceria, depois das obras que a senhora fez por aqui. O que lhe peço não é nada de especial. O mais importante é que as pessoas se vistam como judeus, não como israelitas, mas sim que tenham o aspecto que a maior parte das pessoas identifica com os judeus: barbas, payot, camisa branca, fato preto, chapéu e uma completa inatividade aos sábados. Podemos ter um ou outro com aspecto árabe e um ou outro padre ortodoxo, para dar cor. É preciso tapar os nossos letreiros das lojas, cafés, mercearias, com outros letreiros escritos em hebraico. As pessoas devem falar baixo para a velha não perceber que falamos português, mas de vez em quando podem gritar uma algaraviada qualquer, em qualquer língua estrangeira, como a língua dos pés ou isso. Enfim, uma coisa simples. São três dias a representar para a velha. Parece-me exequível.

— Acho uma loucura, mas terei o maior prazer em ajudar. Faremos uma refeição que será uma encenação da última ceia. Se a senhora descobrir a farsa, pelo menos será divertido. Mas como é que ela vai acreditar que fez a viagem até ao Levante?

— Levamo-la até ao Avião.

— Ao bar?

— Sim. Ela nunca viu um avião de perto, por isso o fato de este ter mais de quarenta anos não a deve fazer desconfiar. Damos-lhe uns sedativos, pomos-la a dormir. Acordará já depois da alegada aterragem. Miss Stela fará de hospedeira. Aliás, essa é uma das fardas que ela usa nos espetáculos. Uma das minhas favoritas. Faz aqueles gestos com as mãos a indicar as saídas e até tem uma daquelas máscaras e um colete de salvação. Adiante, que não a quero maçar com detalhes.

Miss Whittemore remexe o tabaco do forninho do cachimbo, volta a acendê-lo, e solta umas baforadas. O professor alisa as barbas.

— Estamos combinados?

— Sim, vou preparar a encenação da última ceia. Já tenho umas ideias.

— Tenho algumas reticências. Para quê a encenação?

— Acho que isso é coisa que se faz em Jerusalém, não é? Mais do que a missa,

ritualizada como está, precisamos de banquetes verdadeiros. Não é de ceias com hóstias. Precisamos de comida a sério com filosofias a sério. Melhoramos uma religião se o altar voltar a ser a mesa da refeição, tal como aconteceu na sua gênese. Partilhar o pão para que, podendo todos ver as suas necessidades básicas cumpridas, se possam dedicar a encontrar Deus. Há dois tipos de Deus: o que nasce da barriga vazia e o que nasce da barriga cheia. O primeiro é vazio, terroso, carnal, necessário para criar uma sensação de amparo e justiça num mundo em que não há nada disso. O segundo é um luxo, fruto de elucubrações. Não precisamos dele, mas ainda assim fazemo-lo existir. É feito de argumentos. Nasce de barrigas cheias. No primeiro acreditamos com o corpo, com o fígado, com o estômago, com os rins e com o sangue. No segundo acreditamos com a cabeça. O primeiro tem mãos, unhas encardidas, barbas, e relâmpagos na voz. O segundo não tem forma, nem corpo, nem nome. Será para quando todo este teatro?

— É difícil prever, há muita coisa a ser feita. Logo que tenha uma data, avisarei.

— Parece perfeito.

— O teatro da vila empresta roupas e adereços. Já falei com eles. As barbas são fundamentais, mas vamos precisar de uns cabelos para pendurar nas orelhas. Se as mulheres que trabalham para si puderem cortar umas madeixas...

— Se for preciso, corto eu o meu cabelo.

O professor olha para os cabelos de Miss Whittemore sem disfarçar uma careta de desagrado. Ela não se apercebe e desprende os cabelos, que estão apanhados no alto da cabeça. Abana-se como num anúncio de xampu e o professor faz um esgar de horror. — Sim, se for preciso, usamos o seu cabelo — diz, contrariado. Ana Maria, a velha criada de Miss Whittemore, entra nessa altura com uma travessa de bolos e chá. A sua cara é de indiferença, mas por dentro está confusa com os cabelos adejantes da patroa. Estão sempre a discutir, a patroa e o professor, e de repente entra na sala e o clima é de sensualidade. Não há dúvida de que a embirração é uma forma de paixão. Pousa a travessa em cima da mesa, com a sua cara impassível, e sai. Miss Whittemore volta a apanhar os cabelos, desta vez num rabo de cavalo. O professor sente-se aliviado, como se acabasse de sair do urinol depois de para lá correr em aflição.

— Então estamos combinados. Quando ela aterrar em Jerusalém, vamos precisar de a hospedar.

— Ficará cá em casa. Quartos não nos faltam.

— Perfeito, perfeito.

O professor Borja fora casado com uma mulher de cabelos castanhos, doce e contida, simpática, com os lábios da cor da pele e um nome da cor do céu: Celeste. O seu casamento durou treze anos. Borja nunca esteve propriamente apaixonado, mas para quem nunca se apaixonara — senão pela ciência — aquilo que sentia por Celeste poderia muito bem passar por paixão. Havia ali uma certa ternura fraterna, esquiva, enfim, o suficiente para um casamento à velocidade de cruzeiro romântico. Não foi feliz nem infeliz, e Borja não pensou nisso até chegar aquele dia que nos faz pensar nisso.

Celeste era uma mulher de religiões. Aliás, aquele fora um casamento em que a ciência pôde abraçar-se à religião, em que a bata pôde juntar-se à batina. Há quem diga que são domínios diferentes, áreas que não devem misturar-se, mas naquele casamento até dormiam na mesma cama. A ciência e a religião confundiam-se debaixo dos lençóis ao ponto de nascer uma menina de cabelos castanhos e com os lábios da cor da pele. Uma relação de duas pessoas converteu-se numa de três, numa coisa mais triangular. Só uma relação que consegue formar um polígono consegue sobreviver, pensava Borja. Quando assenta em dois pontos, não resiste ao tempo, é um segmento de reta muito frágil. É um pontinho a olhar para outro pontinho, não tem a solidez do triângulo e, muito menos, da circunferência. Parte-se como um palito.

A filha de ambos nasceu, desenhou o tal triângulo: chamaram-na Margarida.

— Fica Margarida — sugeriu Borja.

— Margarida é um nome bonito.

— É do Fausto.

— Isso eu não sei, mas é um nome bonito.

E assim foi batizada, metade porque era um nome bonito, outra metade porque fizera as paixões de Fausto.

Margarida, filha da ciência de Borja e dos ovários de Celeste, cresceu saudável. As perninhas arqueadas revelaram coxas fortes e, um dia, sem que o tempo desse por isso, já tinha cinco anos.

Uma criança recém-nascida, julga-se infinita. Não sabe onde é que acaba, onde é que tem os seus limites. Depois, descobre os pés e fica fascinada. É um bebé que se depara com os seus limites: Ah, é então aqui que finda o meu corpo. E, aos poucos, o mundo vai-se tornando maior, porque a criança se vai tornando mais pequena: antes era tudo e agora não vai além dos pés. Vai-se contraindo. O ego vai-se arrepiando num pontinho e deixando espaço para que as coisas possam existir à sua volta. Surge o Eu e o Tu. A criança cria essa distância, e o melhor que se pode esperar é que essa distância mantenha alguma proximidade. Mas tudo isto faz parte do crescimento, tal como faz parte do encolhimento e da expansão do universo.

O professor Borja, apesar de ser um homem completamente paralelo a si mesmo, encontrava, por vezes, um carinho oblíquo para dar à filha, entre um sólido platónico e um fá natural, entre uma lei de conservação de energia e um traiçoeiro si bemol. Margarida recebia esses carinhos intermitentes com alegria. Mas não prestava muita atenção ao pai e a maior parte das vezes brincava pelo meio das fórmulas e leis matemáticas sem se aleijar, sem olhar para o científico progenitor, sem reparar sequer na sua presença. Borja também não lhe prestava muita atenção e passava pelos brinquedos dela sem o pisar. Eram duas vidas que ziguezagueavam encaixadas quase sem se tocarem. Contudo, Borja não era um homem sem sentimentos. Era, talvez, demasiado racional. Apesar de pouco tempo despender com Margarida, por vezes — geralmente,

quando ela dormia —, imaginava a trágica eventualidade de se ver morrer, imaginava como seria a vida da filha sem ele. Vinham-lhe as lágrimas aos olhos, genuinamente, ao pensar na possibilidade de não a ver crescer. Nessas alturas prometia a si mesmo várias coisas, entre as quais a firme determinação de escrever uma espécie de carta, de testamento. Um texto que o substituiria. Conteria a sua alma, ele transformar-se-ia em palavras escritas, em folhas de papel branco. Nessas folhas estaria um resumo da sua cabeça geométrica e, sobretudo, a anunciação do amor que devotava a Margarida. E, apesar de não ocupar o seu tempo com ela, deixaria escrita, claramente escrita, a tese científica do seu amor. Talvez até o fizesse musicalmente ou com uma projeção ortogonal. Depois decidiria, quando começasse a escrever o tal testamento, essa bíblia pessoal.

Dona Celeste, mãe de Margarida e esposa de Borja, era uma pessoa que sim. Tudo o que fazia era que sim. Jamais faria que não. Quando Borja a conheceu, era uma menina magra, nem alta nem baixa, ingênua, e bonita, sempre com vestidinhos joviais que baloiçavam à roda das suas ancas. A sua feminidade era muito tímida no que respeita a tamanhos e exuberância. O peitinho, quase de rapaz, ficava bem com o sorriso envergonhado e os dentes pequeninos.

O professor Borja saiu pela primeira vez com ela numa noite em que acabou por perder o tino da razão e se deixou levar por eflúvios de Vênus. Celeste trabalhava na universidade em que ele, na altura, lecionava. Contudo, não foi por Celeste que o professor Borja se deixou seduzir nessa noite, mas pela aluna que o seu amigo Rodolfo levava para jantar. Estavam os quatro sentados — Borja, Celeste, Rodolfo e Rebeca — num restaurante ribatejano com paios pendurados no teto. Pediram carnes na pedra enquanto o professor se regalava com outras carnes. Rebeca cruzava e descruzava as pernas, agradada pelos olhos do professor, homem de ciências e, segundo constava, paralelo a si mesmo.

Para Borja, tudo aquilo, toda a sensualidade que ali havia, entre os paios e as outras carnes, havia começado quando ele comentara um quadro que se verticalizava nas paredes daquele restaurante de inspiração ribatejana:

— Será que conhecem aquelas obras, pinturas ou o que é, em que as figuras representadas, olhando numa direção, parecem olhar para todas as direções, e não importa se nos colocamos à esquerda ou à direita e o olhar da figura parece seguir-nos? Como é isso possível? Estando eu à esquerda e tu (apontava para Rebeca, acompanhante do seu grande amigo Rodolfo), por exemplo, à direita do quadro, como é possível o olhar da figura manter-se fixo em nós os dois ao mesmo tempo? O olhar é imóvel e no entanto olha-nos aos dois, sem qualquer gesto. E se trocarmos de lugar, se eu e tu trocarmos de lugar, o olhar segue-nos com a sua determinação implacável. Acontece em muitas pinturas. O olhar, o olhar segue-nos como um predador implacável. É como aquele olho nas notas de dólar, lá em cima, a ver tudo. Como Deus, essa ideia religiosa que é um predador supremo: olha-nos do alto para nos consumir no fim.

— Não acredita em Deus? — interrogou Celeste, que ainda o tratava na terceira pessoa.

— Sou um homem de ciências. Mas neste quadro há qualquer coisa de filosofia renascentista. Nicolau de Cusa escreveu um livro inteiro sobre este tipo de olhar. Reparem: só se desviarmos os olhos daquela figura (Borja apontava a tal reprodução vulgar que escorria pela parede) é que não a vemos a olhar-nos. Só se a abandonarmos é que ela nos abandona. Como o Deus cristão, essa invenção da patrística.

O professor Borja teve a certeza de que Rebeca, acompanhante de Rodolfo (o

seu grande amigo), estremeceu ao ouvir este argumento, e os dedos dela cravaram-se no tecido acrílico da cadeira e ficaram exangues do esforço.

Borja fez uma pequena pausa. Imaginou a geometria das rugas do tecido que se contorcia sob os dedos de Rebeca. Como um pequeno mar, pensou.

— Esse olhar reúne o universal e o particular, olha todos ao mesmo tempo que olha para cada um.

Não havia dúvidas para o professor. Rebeca suspirava e, ele diria mesmo, arfava. A respiração entrecortada sobrepunha-se às suas palavras.

— Imagina-te — Borja falava agora diretamente para Rebeca, para grande constrangimento do seu amigo Rodolfo e da sua acompanhante Celeste, — a olhar para todas as folhas de uma árvore, a olhar para a copa no seu conjunto ao mesmo tempo que olhas e focas o teu olhar em cada uma das folhas, e tudo isto ao mesmo tempo, como faz conosco a figura que tens representada nesse quadro. Agora é só pensar num Deus que seja um homem sem deixar de ser Deus. Ou mesmo em nós, apesar de Nicolau de Cusa, ainda bem para a sua saúde, não ter falado na possibilidade, senão teleológica, de a própria criatura ser o criador, ou seja, a própria que olha ser a mesma que é olhada, casando o singular ao universal numa coincidentia oppositorum. Mas é ontologicamente que a coisa me interessa.

Rebeca abriu as pernas, separando as coxas num movimento lento. O professor, apesar de não as ver abrir-se nesse movimento primaveril, sentia o que se passava debaixo da mesa. Rebeca tinha os olhos fechados e as suas mãos continuavam crispadas, parecia faltar-lhe o ar. Nicolau de Cusa tinha aberto a Borja uma porta insuspeitada. Tinha feito com as coxas de Rebeca o que o horário de abertura de expediente faz às portas das lojas comerciais.

Rodolfo acabou por se levantar e sair sem dizer uma palavra. Ele, uma pessoa digna, saía repleto de indignação. Celeste também deitou uma desculpa para fora da boca de dentes pequeninos e saiu. Ficaram o professor e Rebeca, com um silêncio carregado entre dois pratos de carne na pedra e paíes pendurados no teto. Rebeca remexia os pés contra o pênis ereto do professor Borja. Tudo se passava debaixo da mesa. Mas não durou muito, pois Borja viu-se atacado por remorsos. Também ele despejou uma fraca desculpa e levantou-se, com o corpo inclinado pelo vinho e o sexo meio ereto pelos pés de Rebeca. Nunca mais se viram.

No dia seguinte, talvez por remorsos, o professor aparecia em casa de Celeste cheio de flores. Ela, com os seus dentes pequeninos e as suas ancas ascéticas, desculpou o acesso bestial que tinha violentado o corpo e a mente brilhante de Borja. Perdoou-o como só uma mulher daquelas sabe perdoar e casaram-se meses depois.

Contudo, durante a cerimônia, o professor ainda se interrogava sobre aquele mistério: Como é que as palavras de Nicolau de Cusa, como é que os pensamentos de um homem do Renascimento, tão racionais, podem ter tido aquele efeito animal naquela aluna, nessa Rebeca? Poderão essas palavras da Renascença alemã estar de algum modo sublime ligadas aos corpúsculos de Krause de Rebeca, que por sua vez estão ligados aos neurônios que libertam as endorfinas que a fazem gozar e gemer de prazer? É um fenómeno estranho e misterioso. Ah, o Universo!

— Aceita esta mulher para sua mulher? — perguntou o padre.

— Sim — respondeu o noivo. E ainda completou: — Ah, o universo!

Tal exclamação foi tomada por um momento de enlevo, e as testemunhas comoveram-se. Celeste, já habituada a que estranhas palavras saíssem daquelas barbas,

não ligou. Estava nervosa, remexia as mãos, que apertavam o vestido. Ouviu o “sim”, era isso que lhe importava. O universo não lhe dizia nada.

Margarida atingira os seus cinco anos. Uma idade fácil para as crianças, é aquela idade em que basta mostrar a mão aberta para dizer há quanto tempo calcorreia este mundo inabitado por Deus. Margarida mostrava os seus cinco dedinhos com orgulho: já vivera uma mão inteira, com as falanges, falanginhas e falangetas todas incluídas.

— Que idade tens tu? — perguntavam-lhe.

E ela mostrava a mão, com a palma para fora, evidenciando toda a quiromancia que tinha vincada em linhas sinuosas. O que ela mostrava era um mapa, escrito em linhas de grande fatiidade.

— O carro do Sol já deu cinco voltas à minha volta — dizia a pequena Margarida, com o mapa da mãozinha virado para a assistência.

A idade de uma criança ainda é um fenómeno mitológico. Fenômeno que se perde com a adolescência. A partir de certa altura a cronologia passa a ser um número sem qualidades metafísicas. Os deuses greco-romanos perdem protagonismo e acabam por ser substituídos por leis físicas, por sebtas aos quadrados e, fatalmente, por um bilhete de identidade.

E tal como certo e determinado bom Deus advertiu os seus filhos, Adão e Eva, a não comerem do fruto proibido pois este traria a morte certa, Celeste advertia a própria filha: o armário da casa de banho não é para mexer, os frutos que há lá dentro trazem a morte certa. Margarida ouvia e obedecia a maior parte das vezes, porque para obedecer é preciso obedecer o tempo todo, já para desobedecer basta um momento, basta uma vez. Mas a curiosidade era muita: quem era Deus, como nasceram as girafas que demoraram milhões de anos a esticar o pescoço, e o que era aquilo dentro do armário da casa de banho?, interrogava-se a menina. Com cinco anos já era perfeitamente capaz de questionar pescoços compridos e de subir a um banco, de abrir o dito armário que continha o fruto proibido. Um dia, a pequena Margarida fez o mesmo que Eva fez: esticou-se — não precisou de tanto tempo como uma girafa para chegar às coisas mais altas —, tirou o frasco de barbitúricos coloridos que cresciam na árvore do Éden e engoliu-os. Para desobedecer basta uma vez. Para obedecer é que tem de ser o tempo todo. A morte, tal como o bom Deus sugeriu, foi certa. Margarida tinha perdido os seus cinco anos, o seu mapa, as suas falanges, falanginhas e falangetas. A morte leva tudo e esta é especialmente eficaz, esta que se esconde em frutos coloridos (tal como Deus se esconde numa hóstia), em comprimidos que salvam a vida e são igualmente capazes de a tirar.

A natureza abomina o vazio, ou dito numa língua morta: natura abhorret vacuum. Mas que ele existe, existe. Parece que o Nada, a existir, deixa de ser Nada para ser alguma coisa. A natureza não gosta de espaços vazios e preenche-os como um burocrata preenche requerimentos. Não deixa buracos em lado nenhum. Mesmo os lugares mais rarefeitos, como o espaço sideral e a estupidez humana, são preenchidos por alguma coisa: luz, metais leves, preconceitos, partículas e subpartículas dos átomos, radiações, chavões e telenovelas. A natureza enche chouriços, não há espaço vazio nas suas tripas. Um homem olha à sua volta e não encontra nada que não esteja já ocupado. Assim pensam os homens com a razão e a lógica que se passeia nos interstícios dos seus cérebros cinzentos, nessas dobras confusas que se assemelham a um intestino redondo ou a uma noz. Mas os homens que pensam com os sentimentos têm outra lógica a nadar-lhes nas veias e artérias. Esses acreditam no vazio porque o veem a toda a hora dentro de si.

O professor Borja e Celeste passaram a acreditar nesse Nada. O espaço

deixado pelo desaparecimento da filha não fora ocupado pela natureza (essa natureza que abomina o vazio e, no entanto, é incapaz de preencher o Nada que a morte deixa). Há muita incompetência na forma como a natureza preenche os espaços, falta-lhe capacidade para se alojar nos lugares metafísicos. O professor Borja desejaria poder preencher o seu vazio com radiações, partículas e subpartículas do átomo, lugares-comuns ou mesmo telenovelas mexicanas, mas nada entra nesse espaço de dor. O adágio em latim, *natura abhorret vacuum*, essa frase que diz que a natureza não gosta nada do vazio, deveria ser outro: *natura latinam linguam non loquitur*, ou seja, a natureza não percebe de nada de latim.

Celeste interrogava-se sobre se Deus teria sofrido tanto quanto ela. Questionava se Deus, depois da desobediência dos seus filhos, se teria agachado na casa de banho do Céu, seco pelas lágrimas mais intensas que se pode chorar, e arrancado os cabelos (que estão todos contados). Ou teria Ele vivido sem culpas, com a justificação do livre-arbítrio, esse engodo fatal? Para Celeste haveria alguma desculpa possível? Ela sentia que não. Deus tinha a Teologia a suportar os seus erros, o livre-alvedrio conveniente e um advogado como Santo Agostinho, mas ela só tinha um cônjuge paralelo a si mesmo. Celeste, incapaz de viver com aquela tragédia que se desenrolava na sua alma, deixou o marido. E fê-lo exatamente da mesma maneira que Margarida havia usado para deixar os pais, saiu pela mesma porta que a filha usara: comendo e mastigando os frutos proibidos e coloridos da casa de banho. O professor Borja encontrou um cadáver nas lajes brancas do chão, junto à retrete. Uma Celeste morta, morta exatamente da mesma maneira que Margarida. Utilizaram ambas a mesma porta aberta. A mãe seguia a filha, o passado seguia o futuro. Era o tempo a andar para trás, desordeiro e marginal. Celeste derramada nas lajes brancas, com a língua de fora cheia de comprimidos coloridos, os dentes pequeninos tingidos de azul, laranja, vermelho, verde, uma Celeste cheia de dor. Junto dela não havia um bilhete sequer, uma nota suicida. Não havia nada. Havia Nada.

Evidentemente que, dentro do professor, passaram a habitar dois vazios. Se a natureza tem horror a um vazio, imagine-se dois a coexistir no mesmo lugar. O vazio tem destas coisas, não ocupa espaço, por isso no mesmo lugar podem coabitar inúmeros vazios sem que o peito de um homem se assemelhe a uma praia no Verão.

É conhecido o fato de que a determinada altura da evolução precisamos de cérebros maiores. Cabeças maiores eram necessárias para albergar o grande órgão da nossa tragédia e da nossa glória. Cabeças maiores, maior a dor de parto. Não é fácil parir, nem para quem nasce nem para quem dá à luz. Cá está a dor de ser cabeçudo, de ter um órgão para saber e aprender. Cá está a dor do saber, já cravada na infância para memória futura. A utilização do cérebro é um processo doloroso. Esta hipertrofia da cabeça dá-nos uma grande capacidade para mentir a nós mesmos. E darás à luz com muitas dores, fomos dito depois de experimentarmos o fruto do conhecimento, da árvore da ciência do bem e do mal. O professor Borja aprendeu a mentir a si mesmo, voltou a sua cabeça para a Ciência e para o misticismo que a acompanha sempre que o cientista é sério. Enfim, aprendeu a disfarçar os buracos do seu peito com uma camisola fora de moda e umas teorias geométricas, sociopolíticas e históricas.

A vida do professor foi, então, avançando com lentidão, solitária, virada para apenas um lado do telescópio, o espaço sideral, sem perceber que, quando se olha através dele, é ao espelho que nos vemos: não existem buracos negros no espaço sideral, algures a milhares de anos-luz da Terra. Esses buracos negros que vemos ao telescópio são os mesmos que não conseguimos ver dentro de nós.

Ari gosta de jogar à bola, mas usa sapatos demasiado grandes para disfarçar os pés minúsculos. Outro pastor, chamado Pula, é capaz de chutar a bola com tanta força e precisão que se entretém a matar galinhas e gatos com os seus remates fatais. Ari não tem uma destreza especial, limita-se a chutar para a frente e a ter esperança. Olha para os seus remates como os pais olham para os filhos. Sabe que têm um destino próprio, uma vontade própria, mas não consegue evitar esperar o melhor, esperar um golo soberbo e indefensável, apesar de o remate ter sido um movimento defeituoso. Ari, de cada vez que chuta a bola, torce a boca à espera de milagres. Pula, pelo contrário, sabe sempre para onde vai a bola, por isso nunca pensa no futuro, não pensa em milagres, para ele, tudo é uma certeza.

Ari diz-lhe que precisa de ir embora.

— Vais ter com a Rosa?

— Não tens nada a ver com isso.

— Vais ter de envelhecer para ela gostar de ti.

Ouvem-se cães a ladrar. Ari passa pelo monte de um vizinho, um mecânico de automóveis que se reformou por causa de um defeito na mão esquerda. O homem cumprimenta o pastor enquanto dá de comer aos seus dois cães cegos. Ari acena e continua o seu caminho, vai andando hesitante, não tem a certeza de estar a fazer bem. Da última vez que esteve com Rosa, Ari saiu zangado, com ciúmes do professor Borja. Agora só quer que tudo volte a ser como antes. Não sabe se há-de pedir desculpa ou perdoar-lhe. Fica na dúvida sobre quem terá razão. Se fosse como o seu amigo Pula ou como o pai de Rosa, saberia sempre o que fazer, mas Ari é indeciso, inseguro, não se parece nada com os homens que conhece. Lembra-se da última vez que esteve com o pai de Rosa, meses antes do acidente com o trator. João Lucas Marcos Mateus, depois de sair da casa de banho, chamou Ari para lhe mostrar o tamanho das fezes que acabara de fazer. São grandes, não são? Ari disse que sim. São de homem, disse João Lucas Marcos Mateus.

Rosa demora a responder quando ouve bater à porta. Já sabe que é Ari, pois reconhece os passos hesitantes. O pastor traz a lanterna ligada apesar de ser dia. Rosa percebe que ele está baralhado e ri-se. Ari murmura qualquer coisa e Rosa pergunta-lhe se ele veio pedir desculpa. O pastor não sabe o que dizer, mas ela puxa-o para si e beija-o.

Amélia vai ao veterinário com o gato. O bicho está prostrado, não come, perdeu peso. Antes era um gato gordo, dengoso, relativamente ativo. Agora, quase não se dá por ele, está magro. Amélia ouve a sentença: está velho, os órgãos começam a falhar, são como os nossos.

O enfermeiro diz:

— A sabedoria vem com a idade, com a velhice, e suspeito que nos come os órgãos, pois quanto mais sabemos das coisas, mais o fígado se queixa, mais os rins têm insuficiência, mais o coração para. A sabedoria come tudo.

O veterinário diz:

— Precisa de quimioterapia, o rim do lado esquerdo está com o dobro do tamanho. Poderia ser uma insuficiência renal, mas nunca vi uma hipertrofia assim com causas dessas. Tendo esta idade, julgo que deverá, sem qualquer dúvida, ser um tumor.

— O que é que se pode fazer?

A porta abre-se e entra o professor, com ar apressado.

O veterinário, com os olhos tensos, faz-lhe sinal para sair e esperar na entrada.

Quando Amélia sai, o veterinário aparece com as mãos nas têmporas. Está vermelho e zangado, grita com o professor.

— Estou a trabalhar, pá!

— Desculpa. Queria pedir-te um favor.

— Um favor?

— Sim.

— Que favor?

— Preciso de comprimidos para dormir.

— Para quê?

— Para adormecer uma velha.

— O que é que se passa contigo?

— É a avó da Rosa que quer ir à Terra Santa. Vamos levá-la até ao Avião...

— Ao bar de strip?

— Esse. Vamos fingir que ela vai viajar até Jerusalém. Quando a velha entrar no bar, e porque o avião, evidentemente, não voa, precisamos de a pôr a dormir. Quando acordar, já estará na Terra Santa, a caminho do hotel.

— Que hotel?

— Não é bem um hotel... Vamos simular Jerusalém na aldeia da inglesa. Ela hospeda-nos na casa dela.

— Não estão bons da cabeça.

— Arranjas-me os tais comprimidos?

O veterinário afasta-se arrastando os pés, que é a sua maneira de andar, e volta com um saco.

— Dá para adormecer um cavalo.

— Não arranjas mais?

— Mais?

— Sim. Nunca se sabe. Ter o suficiente para fazer dormir dois cavalos deixa-me mais confortável.

— Levas isto e já vais com sorte.

A escola da vila ainda lhe traz emoções, à noite ainda sonha que anda pelos corredores, que são maiores do que os da realidade e abraçam-se num labirinto impossível, com janelas que dão para o passado, para dias específicos da sua vida. O professor, com as suas barbas intemporais e enquanto caminha com uma grande mala de viagem — ouvindo as solas dos sapatos a chiar no chão —, sente os olhos úmidos. Tem saudades de dar aulas, dos alunos, das preocupações. Encontra o diretor da escola e abraçam-se como se não se encontrassem frequentemente, mas o professor, desde a reforma, nunca mais voltara a entrar na escola, por isso o momento ganha uma solenidade especial. O diretor tem bigode e as costas encurvadas, um defeito de nascença sublinhado pela vida.

— Há voluntários?

— Há uns quantos. Estão na sala à tua espera.

Caminham os dois para a porta. O professor dá passagem ao diretor, mas este faz questão de que o outro entre primeiro. Ficam uns segundos a fazer gestos e a dizer, primeiro tu, passa, primeiro tu, passa lá. Acabam por decidir avançar em simultâneo, hesitantes, e o professor sorri. Então, dá um passo firme em frente e entra na sala. Há cerca de dez alunos com idades entre os quinze e os dezassete, todos sentados displicentemente nas cadeiras ou em cima das secretárias. O diretor manda-os sentarem-se como deve ser e ouvem-se suspiros e cadeiras a ser arrastadas.

— Está aqui o professor Borja — diz ele — que vai dar-vos as indicações para o fim de semana em que uma aldeia do Alentejo será Jerusalém.

O professor pousa a sua mala, põe um ar grave:

— Vocês irão ser a ordem macedônia que recita versos há mais de trezentos anos nas ruas de várias capitais do Médio Oriente. Dizem poesia, de Píndaro a Kavafis, enquanto correm nus pelas ruas. Muitos acabam presos, mas não é assim que acaba toda a arte? Numa prisão? Se a deixassem viver, não estaríamos a falar de arte, mas sim de entretenimento. A melhor exposição da arte é a prisão. Lá dentro está no seu lugar, no seu verdadeiro lugar, que é de criminosa, que é de assassina dos lugares-comuns e de todas as ideias feitas. A melhor moldura de um quadro é a prisão. Já vimos vários em talha e em acrílico, mas a verdadeira arte terá sempre molduras de pedra. A ordem macedônia recita versos e mostra a arte. É a janela do calabouço, é admirável.

— Vamos nus?

— Não. Vocês são uma ordem menor, para desenrascar. Tenho aqui umas roupas para vocês.

O professor inclina-se, abre a mala, e tira lá de dentro as roupas. São antigas fardas e trajos populares que conseguiu emprestados de uma filarmônica e que serão usados com chapéus que fazem parte da própria coleção do professor Borja, chapéus trazidos da Moldávia, da Bulgária, do Sudão e do Egito, de Chipre, da Síria, do Líbano, da Anatólia.

— Vistam as calças pretas e as camisas brancas, os coletes coloridos. Rematem com um chapéu.

Os rapazes aproximam-se das roupas e desdobram-nas. Trocam-nas entre si, quando percebem que não são do seu tamanho.

— Os chapéus são todos diferentes — diz um deles.

— Eu não tenho chapéus todos iguais. De qualquer modo, são mais ou menos todos daquela região e devem fazer o seu efeito.

O professor sorri ao ver alguns deles com os chapéus postos.

— Queridos voluntários, há mais.

O professor tira um dossier da mala com várias folhas de poemas orientais, levantinos e gregos. Estão em esperanto, pois passou vários anos, como passatempo, a fazer traduções de obras clássicas.

— Está tudo em esperanto, com a respectiva tradução portuguesa para vossa edificação. A velha é quase surda, mas não devemos facilitar. Vocês lerão as poesias em esperanto, o português é só para perceberem do que se trata. Se ela ouvir alguma coisa, julgará ser hebraico. Vamos fazer agora um pequeno ensaio precedido de uma exposição do modo como o esperanto deve ser pronunciado. Começaremos pela seqüela da Odisseia, e que os deuses nos ajudem.

Descansam um pouco, até que ela vai buscar o cinto que está em cima do oratório. O padre despe as calças e mostra as nádegas gordas, engelhadas, com pregas avermelhadas por onde escorre o suor como se pingasse das goteiras do telhado. Dobra-se e fica de gatas, com as meias vestidas e a camisa branca, com as nádegas cheias de cicatrizes velhas misturadas com feridas frescas. O padre só manda parar Miss Stela quando sente uma espécie de luz à sua volta e está prestes a desmaiar. Isso tem a particularidade de o deixar com um sorriso ligeiro — além da tal aura luminosa muito parecida com aquela que Santa Teresa de Ávila emanava — e um sexo firmemente ereto, pronto a cavalgar até ao sol com as suas veias salientes, que é o que fazem depois, tarde fora, tarde dentro.

O quarto do padre está cheio de gravuras religiosas, um calendário com o Imaculado Coração de Jesus, vários registos e crucifixos de madeira com alguns anos e algum valor artístico. O teto tem um céu estrelado pintado, e no chão há uma Nossa Senhora de Fátima com um metro e quarenta de altura, cabeça ligeiramente inclinada para o lado e olhos dirigidos ao alto. Nas mãos de porcelana tem mais de trinta rosários pendurados, de todos os tipos e proveniências, de metal, de madeira, de plástico.

Enquanto Miss Stela se veste, o padre fuma um cigarro, de brucos, pois não consegue estar deitado de costas. Apoiado nos cotovelos, observa Miss Stela a vestir-se. O padre é o único a apreciar o oposto da arte de Miss Stela: vestir-se em vez de despir-se. Pergunta:

— Voltas na quarta?

— Não.

— Por quê?

— Tenho coisas.

— Que coisas?

— Tenho de ajudar a que Jerusalém desabe no meio do Alentejo.

O padre levanta as sobancelhas e apaga o cigarro. Miss Stela ri-se.

— A Antónia, aquela a quem morreram o filho e o marido...

— Sei muito bem quem é.

— Ela não quer morrer antes de visitar a Terra Santa, por isso a neta, a Rosa, e o professor Borja vão levá-la à aldeia da inglesa e vão dizer que aquilo é Jerusalém.

— Que parvoíce é essa?

— Vão disfarçar a aldeia com letreiros em hebraico e vestir as pessoas com trajes do Médio Oriente. Ela não vai perceber, está meio parada, não ouve, não sai daquele monte há mais de trinta anos, senão para ir à missa e ao centro de saúde ou ao hospital. Vai acreditar e acho que é uma bonita prenda para se dar a uma avó. É o seu maior desejo.

— É uma imbecilidade tão grande que não tenho palavras. Deus os perdoe pela estupidez.

Miss Stela diz que, de qualquer modo, estupidez ou não, vai andar ocupada, vai ter outras coisas em que pensar. O padre faz um gesto de enfado com a mão enquanto Miss Stela sai do quarto, caminha até à porta de entrada e sai para a rua. O padre tenta levantar-se, mas ainda não consegue. Olha para o relógio que tem na mesa de cabeceira e calcula o tempo que demorará a conseguir sair da cama. A espera enfurece-o um pouco, como, aliás, é costume. Vira a cabeça para trás, para ver os novos estragos feitos à sua retaguarda, e faz uma careta. Encosta a cabeça aos braços e adormece assim, acordando uma hora depois. Devagar, muito devagar, vai deslizando da cama, fazendo os possíveis

por não se dobrar na cintura. Passa um pouco de pomada nas feridas e na carne irritada, enrola um pano nos quadris, passando-o pelas virilhas, e veste as calças engolindo uns gritos de dor. Veste a batina por cima, olha-se ao espelho e penteia-se. Depois de ouvir aquela história, há algo que precisa de ser feito. Não esperará por domingo para falar com Antónia sobre aquele plano ridículo. Antes do fim de semana, passará pelo monte.

O pastor diz a Rosa que a ama. Ela não sabe o que dizer, por isso pergunta:

— Sabes ver as horas pelo sol?

— Gosto muito dos teus cabelos, são como a chicória — diz Rosa.

— Achas mesmo? — pergunta Ari.

— Acho mesmo.

— Olha, trouxe bolinhos de canela — diz Rosa.

Ari está com os olhos cheios de montanhas e flores da Primavera e não ouve nada, pois os olhos repletos de coisas dão cabo do que se ouve.

— Trouxe bolinhos...

Ari levanta-se e sorri, pega em três ou quatro de uma vez e empurra-os para dentro da boca.

— Não sabem a canela.

— Estes não sabem.

— Não há bolos de canela que não sabem a canela.

— Claro que há. Tal como há pessoas velhas que morrem novas e há horas que passam em segundos e há sonhos que acontecem quando estamos acordados, há bolos de canela que não sabem a canela.

— Queres acasalar? — pergunta Ari.

Rosa acha que “acasalar” é uma palavra esquisita.

— Isso é por trás?

— Como é que preferes?

Rosa não sabe responder e diz:

— Gosto quando está sol.

“As árvores que caíram na Primavera ainda se ouvem no Outono”, disse Harold Estefania, querendo dizer que as nossas dores nos acompanham até morrermos, como cães fiéis atrás dos donos. E, quando olhamos para baixo, vemos esses cães horríveis que nunca nos abandonam, que nos são leais até à morte. O professor também caminha com os seus cães e Rosa também e Antónia também. Como toda a gente. E Harold Estefania disse ainda, A morte não ouve o pianista, capítulo quatro: “Quando um homem cai, ouve-se para sempre.”

A junta de freguesia é uma casa igual às outras, mas com muita coisa de alumínio e ventoinhas no teto e um computador cinzento, com um monitor de rabo comprido como os babuínos. Rosa senta-se à espera de ser recebida pelo presidente da Junta, um homem alto e careca a quem chamam Três Metros porque é a distância a que todos se mantêm dele por causa do hálito.

Uma porta abre-se e o presidente aparece com um sorriso, manda-a entrar.

Rosa senta-se numa cadeira velha que contrasta com aquela em que se senta Três Metros, que é de madeira da Amazônia, clara como pinho. Rosa afasta um pouco a sua cadeira para cumprir a quota de afastamento e explica-lhe o plano do professor, de transformar uma aldeia em Jerusalém. Precisam de ajuda para pintar uns cartazes, para esconder outros. O presidente ri-se, acha um absurdo, acabando por discursar como se estivesse em campanha. Rosa faz um esforço enorme para tomar atenção, mas sente os olhos a ficarem esquisitos e começa a piscá-los demasiado. Os seus pensamentos andam de um lado para o outro com a voz do Três Metros como pano de fundo. Coça os olhos e pensa, enquanto olha para o presidente da Junta: têm línguas que são pijamas, servem para dormir. Rosa levanta a cabeça num esforço de concentração, repara nos cabelos grisalhos do Três Metros e acha-os tristes, encaracolados, meio mortos. Volta a tentar concentrar-se e ouve a última frase do discurso:

— Claro, Rosa. Já sabes: se precisares de alguma coisa, pede a outra pessoa qualquer.

Rosa sai dali irritada e põe as mãos na boca para abafar um grito e alguns insultos.

Para uns metros à frente, na mesma rua, e fica ali uns segundos a olhar para uma montra. Há roupas de criança e telefones à venda. Também há cosméticos e uma viola campaniça, há muita coisa chinesa e brindes. Uma moeda pode dar um canivete, uma carteira, um isqueiro ou, na melhor das hipóteses, um telefone. Rosa abaixa-se, devagar, deixando que a saia trepe pelo corpo e exiba a parte de trás dos joelhos. Apanha uma pedra de basalto, um paralelepípedo que atira contra a montra e começa, de seguida, a correr. A rua está deserta e ninguém a vê, agarrada às saias, a correr pela rua fora, com um sorriso na cara. Sente-se feliz outra vez, apesar de aquela montra não ter culpa nenhuma da sua irritação.

Ao dobrar uma esquina, Rosa torce o pé. O tornozelo começa a inchar imediatamente e ela deixa de conseguir andar. Um homem ajuda-a. Traz um casaco de fazenda, apesar de estar calor. A sua pele é baça e amarela e desprende um odor a gasto. Tem uma barba escura e a sua mão esquerda está muito perto do peito de Rosa, do seu lado esquerdo. À medida que avançam ele vai aproximando a mão e, quinze metros depois, agarra-lhe ostensivamente no peito. Rosa sente vontade de gritar, mas apenas deita uma lágrima. O coração dela bate nervosamente, descompassado. Se pudesse morder, fá-lo-ia e a mão do desconhecido seria arrancada. Mas um coração não pode fazer outra coisa senão

ladrar.

O candeeiro dá uma luz demasiado tênue e inunda a pele de Rosa com umas sombras que parecem manchas, como uma doença. Ela coça a coxa, estendida no sofá. Ajeita o saco de gelo embrulhado num pano de cozinha e aproxima-o do tornozelo inchado.

— Já não adianta usar gelo — diz-lhe a avó. — Já inchou tudo e vai demorar muito tempo a passar. Também já me aconteceu — diz, enquanto passa as contas do rosário pelos dedos.

Rosa nunca se sente única. Isso nunca lhe acontece na vida. Todos os seus momentos são minimizados com um “isso também já me aconteceu”. A vida de Rosa é partilhada por todos e não tem nada de único. Todos os seres humanos são únicos, menos Rosa. Ela pertence a todos, como o pão da missa que se divide pela humanidade.

O professor chega ao monte com a camisa suada, meio aberta, as mangas arregaçadas e o casaco no braço. Respira com dificuldade quando bate à porta.

— Está encostada — diz Rosa lá de dentro.

A avó está na cama e pergunta do quarto:

— Quem é?

— É o professor — diz Rosa.

— Quem é? — repete ela.

Rosa grita em direção à porta do quarto com as mãos na boca:

— É O PROFESSOR! O PROFESSOR!

O professor senta-se ao lado de Rosa. Pergunta-lhe o que foi aquilo, se não é melhor ir ao hospital. Rosa diz que não é nada e o professor ajoelha-se e pega-lhe no pé para observar o inchaço no tornozelo. Ao pegar-lhe no pé, os seus olhos erram pelas coxas de Rosa.

— É melhor ir ao hospital.

— Isto passa.

O professor ainda segura no pé e tenta perceber se não haverá nada partido. Levanta-lhe um pouco mais a perna, vira-a para a esquerda e para a direita.

— Não é nada — diz ela.

O professor senta-se e diz-lhe que está tudo encaminhado, Jerusalém está aí ao virar da esquina. Já tem tudo acertado com a inglesa, já tem comprimidos para fazer dormir cavalos, há avião disponível, roupas para disfarçar as pessoas, a famosa ordem macedônia cujos membros leem poesia completamente despidos e acabam sempre presos, e uma companhia de teatro para fazer uma encenação da última ceia.

— Em que se beberá cerveja em vez de vinho.

— Como assim?

— Jesus Cristo bebia cerveja.

A escova dos dentes de Antónia está dentro do recipiente do piaçaba.

— Da próxima vez esfrego-lhe a dentadura com o piaçaba — diz Rosa.

— O quê? — pergunta a avó.

— DA PRÓXIMA...

Mas interrompe-se, pois sabe que não o fará porque tem nojo da dentadura.

Rosa senta-se à mesa e pega no correio. Só há cartas com contas para pagar, da luz e do telefone, dos Bombeiros e da Câmara. Rosa lê-as em voz alta para a avó, de uma ponta à outra. São como cartas de familiares distantes e dão a sensação de que alguém quer saber delas: "Cliente número 763970, a sua conta encontra-se em pagamento, etc."

Quando acaba de ler aquilo — folhas brancas manchadas a preto —, começa a pensar no milagre que são aquelas nódoas, aquelas letras, num espaço tão perfeito. Umas manchas negras, impressas, fazem contas, dizem-nos coisas, contam histórias e mandam-nos para tribunal, matam-nos, salvam-nos. Pega nos envelopes, vira-os de um lado, vira-os do outro, pega nas cartas, observa-as.

Rosa levanta a cabeça e olha para a avó. Diz-lhe:

— Ganhamos a rifa.

O tom é ligeiro, não tem o sentimento e a emoção de alguém que ganhou uma rifa.

— Quê?

— Ganhamos a rifa dos bombeiros. Uma viagem à Terra Santa.

— Eu sempre quis ir à Terra Santa. Estou muito cansada, Rosa. Jerusalém é como quando adormecia ao colo da minha mãe.

— Pois é um desejo que será concretizado.

— Quê?

— Vamos a Jerusalém!

— É o meu maior desejo. Foi uma rifa?

— Foi.

— Foi um milagre.

O coração do professor Borja, um músculo igual ao dos outros homens, bombeia o sangue ao mesmo tempo que usa o seu mais belo vestido fibroso chamado pericárdio. Mas, ao contrário da maior parte dos corações, cujas sístole e diástole são uma rotina a ser levada dentro de ritmos aceitáveis pela medicina, o de Borja bate violentamente, muito acima do aconselhável pelas regras sociais e pelo cardiologista. É como a cauda de um cão feliz: bate com violência. O motivo de tal efeméride num homem tão paralelo a si mesmo é simples, provinciano: Rosa. Naquele dia, tinham ido os dois falar com o presidente da Câmara para arranjar mais alguns adereços, especialmente cartazes para serem pintados com letras hebraicas. Sairam os dois do gabinete da câmara e o professor levou Rosa a uma ourivesaria, a única num raio de sessenta quilômetros.

O professor olha para Rosa enquanto andam, repara na leve penugem a surgir das coxas que, por sua vez, surgem de um vestidinho muito fininho. Param em frente a uma vitrina, e as sobranceiras de Rosa exibem-se em toda a sua espessura enquanto olha para a mostra da ourivesaria, para um anel simples encimado por uma pedra cuja preciosidade se esbate face a quem a olha. Borja entra na loja e compra o anel.

Sai com ele na mão, dentro de uma daquelas caixinhas cujo interior é de algodão, e oferece-o a Rosa.

— Queria oferecer-lhe isto — diz, timorato, enquanto mostra o interior da caixinha e o brilho do anel.

Ela está surpresa. Cora sem dizer nada e aperta as duas mãos à frente do peito num gesto nervoso.

Borja, atrevido como não é seu costume no que diz respeito às coisas do amor, pega-lhe na mão e toma a iniciativa de o colocar no anelar de Rosa.

Ela olha o anel no seu dedo, olha o velho que se deslumbra à sua frente — poderia ser seu avô — e arremessa os braços num gesto incontido, um abraço, encostando os seus lábios (emoldurados por um buço ligeiro, delicado) à cara do homem.

Caminham então lado a lado como duas crianças na hora do recreio. O estéril homem das matemáticas e outras exatidões está perfeitamente apaixonado por uma rapariga exageradamente nova, uma situação completamente perpendicular a si mesmo.

Desde a morte da mulher e da filha que o professor Borja vivia uma vida racional — apesar dos seus arroubos emocionais e quase terroristas — em que os anos se seguiam uns aos outros. Levava uma vida lógica, sem revoltas cronológicas, de trás para a frente, uma flecha em direção ao alvo que os mortos que ainda são vivos chamam de morte. Mas à medida que essa vida avançava, em excesso de velocidade, contra o táfalo que viaja em contramão, Borja pôde esquecer o seu espaço vazio, esse lugar dramático chamado Margarida. O buraco cheio de nada vivia dentro dele, mas a entrada fora tapada com a razão, que é uma espécie de betume para estas situações.

Rosa para com frequência e fica a olhar para o dedo e para o anel. Sorri e olha para o professor.

Ele, mecanicamente, aperta o casaco. Sentimentalmente, está apenas a tapar o buraco que tem no peito. É um gesto inconsciente. O seu peito não é uma visão agradável: o que se vê naquela caixa torácica é um terreno devastado pela dor e uma camisa aos quadrados fora de moda.

Passam pelo jardim e ele, depois de verificar que ninguém os vê, beija-a nos lábios. Rosa deixa os seus lábios complacentes, rendidos. Ela não sente nada, exceto alguma confusão. Um anel, e um homem tão sábio, admirável, que gosta dela, uma

rapariga demasiadamente do campo. É tudo muito lisonjeiro e Rosa sente-se cativada. Não é como esmagar margaridas silvestres, mas tem outros atrativos.

Ao chegar ao terreno do monte, caminham de mãos dadas, como andam os adolescentes a mastigar pastilhas elásticas pelas ruas. São duas crianças, uma ao lado da outra, compenetradas nos seus sonhos. Entre os dois há uma vida que não se vê. A vida que ele viveu e ela não. Apesar das mãos dadas, entre eles há um enorme abismo. Uma prova de que o Nada não só existe como existe em todo o lado, mesmo quando damos as mãos com força.

Nesse fim de tarde caminham assim, de mãos dadas, e entre essas mãos juntas, quase misturadas, está o tal vazio imenso. Não tem espaço físico, mas tem muitos metros quadrados de área metafísica.

A semana que sucedeu a oferta do anel foi de grande intensidade. Houve um ou outro lapso que Freud explicaria com facilidade: em certos momentos, o professor chamou Margarida a Rosa, confundiu os nomes, chamou pelo nome da filha. Felizmente, a idade desculpa muita coisa. As pessoas creem, não sem juízo, que a idade leva a memória tal como leva a capacidade para sintonizar a televisão. Em parte, há razão em tal pressuposto, mas apenas porque se espera que a memória se converta em palavras ou ações. Um homem de certa idade já não tem em seu poder o mesmo vocabulário, mas não perdeu as memórias. As memórias são as cinzas das palavras, são mais pesadas do que os pensamentos e acabam por se deixar cair pelo corpo adentro, cinzeiro abaixo. As memórias devem ser procuradas, não na cabeça encanecida, mas no corpo. As memórias enraízam-se nos ossos, na pele, nas rugas. Se um velho abrir as rugas que o tempo escava nas peles mais antigas, lá dentro há muitas histórias, basta olhar para a mudez do corpo e ler as linhas que este desenhou com os dias e as horas. São histórias desprovidas de palavras, por isso tendemos a menoscabi-las. A pequena Margarida, que morreu quando tinha cinco anos, nem mais nem menos, mostrava a sua vida com a mão aberta. Esticava os dedinhos e ali estava a sua memória mais exata, o mapa da sua mão cheia de riscos. Uma mão sem palavras. O professor Borja, que já cumprira mais de setenta anos, podia exibir o seu planisfério de memórias, o seu corpo nu era uma grande palma da mão, estava cheio de riscos.

O professor e Rosa encontram-se várias vezes em cima do colchão, em cima do sofá, em cima da mesa, no chão. A velhice dele esfrega o seu tempo contra Rosa, que ri e grita. Borja deita-a no sofá da sala enquanto a empurra com beijos vorazes. Ela anda feliz e tem um anel no dedo, sente-se relevante, sente-se uma mulher completa, que é amada por um sábio que parece Moisés, sente-se verdadeiramente compreendida, pois um homem com aquelas barbas todas não pode estar errado em relação ao objeto do seu amor. Se a própria sabedoria a escolhe, é porque há alguma sabedoria nela. Nenhum sábio se enamora da estupidez; pelo contrário, entregaria toda a sua paixão à erudição, a tudo o que é inteligente, aos livros... No fundo, a si, que, apesar de ser do campo, de ser pobre e pouco educada, revela sagesa suficiente para ser admirada como uma obra de arte, como um excelente livro. E tal só pode ser avaliado por alguém com conhecimentos para isso. Um pastor como Ari não pode ser capaz de reconhecer certas coisas que um erudito, naturalmente, reconhece. Ari tem capacidade para julgar o seu corpo, mas o professor Borja sabe avaliar a sua alma, e, por consequência, entregar-se e transformar um amor espiritual num ato carnal.

Com Celeste tudo fora diferente, diz o professor a Rosa:

— A matéria é densa porque são hábitos. Eu e a Celeste vivíamos deles. Nós os dois, densos como duas pedras a boiar num apartamento, éramos apenas matéria, desprovida de vida, de espírito, vivíamos de rotinas mecânicas. A matéria é fossilizada pelo hábito, cristaliza ao arrefecer. Tudo organizado. Basta olhar para a geografia, como é organizada em certas latitudes, como se dá bem com o frio. Quando o calor é muito, nasce a confusão, a alegria e o Carnaval brasileiro. O universo, ao expandir-se, arrefece. Está continuamente a arrefecer, raios partam o universo. Como eu e a Celeste durante o nosso casamento e até ela comer a nossa farmácia. Conosco, Rosa, é completamente

diferente. Eu e a Celeste afastávamo-nos, expandíamos-nos, enquanto nós, Rosa, nos contraímos numa bolinha de luz. Porque o hábito faz a vida endurecer como a côdea do pão.

O professor leva Rosa até ao monte. Estaciona à porta, junto a outro carro.

— É do padre — diz Rosa.

— Vou-me embora. É melhor não aparecer.

Rosa concorda e entra em casa. O padre está sentado ao lado da avó, agarra-lhe as mãos.

— Rosa, que bom que chegaste. Estava neste momento a falar de ti. Há tantas coisas que me preocupam.

Ela baixa a cabeça e olha para os pés. Os sapatos são velhos e ela detesta coisas velhas, apesar de viver rodeada delas. Também detesta ir às compras e mesmo que gostasse não teria dinheiro. E também acha que Deus se esconde de todos, mas evita, acima de tudo, os padres. Sente que as palavras do sacerdote são como as mãos da sua mãe, de porcelana, frias e duras. Parece que batem palmas, mas afinal estão a rezar.

— A tua amizade com o pastor é muito pouco católica. Tal como com esse velho, com o professor.

Os sapatos não estão engraxados, ainda por cima estão cheios de poeira e lama. A lama é muito difícil de tirar porque é autêntico barro e fica entranhada nas solas, misturada com as ervas. É preciso deixar secar, deixar os sapatos ao sol, como as lagartixas. O sol é muito higiénico e o calor é mais eficaz do que a água.

— Ando muito preocupado contigo, Rosa.

Os sapatos estão cheios de pó porque são os mais sacrificados. Fazemos tudo em cima deles. São como os mortos e as memórias e o passado. É tudo feito em cima deles, como se fossem um degrau.

Rosa levanta a cabeça e o padre observa-lhe o rosto, as sobrancelhas grossas, os lábios gordos com o seu ligeiro buço.

— Uma mulher não é adulta só porque já tem bigode. Tens de ouvir os meus conselhos com atenção. A única terra que vale a pena plantar é a cabeça das pessoas. O resto são apenas olivais. Eu também costumo passear junto ao rio e sei muito bem que plantas crescem nas margens. Faça-me entender?

— O povo — diz Fartaria, enquanto limpa os cardos no adro da igreja — é como as solas dos sapatos, serve para pisar, serve para que não nos magoemos ao tocar no pó.

Ari passa por ele e sorri com o seu cheiro de ovelha.

Rosa surge à sua frente, traz um vestido escuro e demasiado quente. Tem flores, mas estão mortas de cansaço num tecido que absorve muito calor. Rosa rói as unhas maquinalmente, minuciosamente, observando os dedos para detectar assimetrias. E quando as encontra, corrige-as compulsivamente, como um coelho. Fartaria cumprimenta-a e ela finge que não ouve, pois tem uma unha desequilibrada e não quer que ele repare. Vira-se de costas a roer, como um coelho, e Fartaria encolhe os ombros. Ari está mesmo à sua frente, a olhar para as mãos de Rosa, para a mão cheia de um anel. Ari arregala os olhos, não pelo inesperado encontro, mas pelo dedo anelar de Rosa.

Ela percebe que Ari repara no anel que Borja lhe ofereceu e não tenta disfarçar. Acaba de roer a unha com as sobrancelhas franzidas e deixa sair um suspiro.

— O que é isso? — pergunta Ari, e ela põe as mãos atrás das costas e encolhe os ombros.

— Não é nada — diz ela.

— Quem é que te deu isso?

— Foi o professor.

— O velho?

— Ele não é velho.

— É velho.

— O que é que tu sabes sobre idades? Há pessoas velhas que são novas e há pessoas novas que são velhas.

— É um velho nojento.

O Bispo Ireneu achava que Cristo teria morrido velho, com mais do dobro da idade que a ortodoxia normalmente lhe atribui no momento da crucifixão. O credo, como todo o catecúmeno ou fiel sabe, diz que Ele era verdadeiro homem e, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus. Segundo Ireneu, para Cristo ser plenamente humano, teria de ter experimentado a velhice. O santo Bispo estava enganado. Disse-o a Igreja e disse-o o século, ou outro Padre qualquer. Mas por outros motivos. Não repugna (e até apraz) que Cristo tenha morrido com rugas, calvo, reformado e encurvado. Por outro lado, ao contrário do que defendia o opaco Ireneu, não é a bruta parte humana que deve preocupar, é a divina (mais delicada e que precisa de mais cuidados). É evidente que ninguém é verdadeiramente Deus se não experimentar passar umas tardes a jogar dominó e lerpa nos jardins e nas praças, enquanto desenvolve a bizarra capacidade de apreciar rosé com gasosa.

Mas não é aí que o professor Borja desfruta das suas tardes. Não gosta de cartas e prefere os livros. Seja como for, sente que tem a idade que Cristo nunca teve e isso dá-lhe uma experiência que Deus não soube viver enquanto homem. A sua idade é uma língua de fora contra Deus: eu vivi mais do que tu, que até és eterno e infinito como os diabos.

Rosa vai ter com ele à biblioteca, que é o lugar mais discreto do mundo, já que ninguém lá vai e está sempre vazia. Saem os dois e caminham para casa dele. O professor abre a porta da rua, do prédio, e sente que existe alguma coisa dentro de si a borbulhar, uma espécie de fermentação, até lhe vem o gás à boca. É uma ereção que se debate contra a flanela das calças. Agarra Rosa, não quer perder a oportunidade de uma cena tão viril, e passa as mãos por todos os lados proibidos de uma mulher. Rosa está deliciada, nem Ari com o seu corpo de bode e os seus movimentos de manada se assemelha à urgência do professor.

Lá fora, o pastor Ari vê-os entrar no prédio. É um edifício branco com portadas azuis e janelas da mesma cor. Por baixo há uma bomba de gasolina, aberta vinte e quatro horas, e um café muito menos aberto. Ari tem seguido os passos de Rosa. Quer saber se está a ser traído. Vai, com os seus pés pequenos, perseguindo o seu destino, mas acima de tudo a sua infelicidade.

O pastor entra pelo apartamento de Borja. Traz a cara da raiva e do desespero, e vice-versa, olhos marejados, lábios a tremer, os punhos fechados. Borja, na ânsia de se deitar em cima de Rosa, nem fechou a porta da rua. Agora, à sua frente, está um homem com cheiro a campo, com raiva em todos os lugares do corpo e com a alma num punho fechado.

— Quem é você? — pergunta o professor, com as calças nos tornozelos.

— ...

— Não diz nada?

— É um amigo — esclarece Rosa, com os collants nos tornozelos e as mãos a cobrir as mamas. — Não sejas parvo, Ari.

— ...

— E não diz nada? — insiste Borja.

— ...

Ari cai de joelhos e balbucia algumas palavras:

— Comprei-te um anel...

Ari traz uma caixinha na mão, treme demasiado, a caixa cai no chão e ele

baixa-se para a apanhar. Abre-a, mostra o anel lá dentro, enquanto os seus joelhos se enraízam no chão de tacos.

— É como esse que o velho te deu.

Rosa grita para ele sair dali.

— Olha que me mato — diz Ari. — Não me faças isto.

E deixa cair a cabeça contra o peito.

O professor aproxima-se com o seu odor a sôtão e Ari ergue-se de repente e dá-lhe um pontapé na barriga. O professor cai agarrado ao ventre enquanto o pastor ensaia mais uns pontapés nas costelas do velho. As barbas grisalhas da vítima tremem do choro entrecortado pelos gemidos de dor. Ari agarra-o quando o outro se fecha como um ovo cozido, como um feto velho. Leva-o até ao patamar das escadas e empurra-o. O professor rebola sem atrito até ao patamar seguinte. Não é um lance muito grande, mas chega para fazer o sangue brotar-lhe dos lábios, juntamente com o nome de Rosa.

— Filho da puta! — grita Ari quando o empurra, cabelos em desalinho. — Ela podia ser tua neta.

A porta está aberta antes de Ari bater, pois Rosa viu a luz da sua lanterna ao longe, a iluminar a noite como uma estrela indecisa, a olhar para um lado e para o outro. Rosa solta suspiros de enfado quando ele entra, para mostrar o seu desagrado. Há um garfo em cima da mesa e Ari dirige-se nessa direção, como se aquilo fosse o seu destino. Pega no garfo e começa a espetá-lo nas costas da mão. O garfo entorta-se e nem sequer faz sangue.

— Estás a estragar o garfo todo — diz Rosa.

— Toma o anel.

— O amor não se compra.

— Mas paga-se caro.

Rosa olha para ele, que ainda tem a frase na boca. Essas palavras poderiam ser de Harold Estefania.

— Queres uma fatia de bolo?

— Não me faças isso, Rosa. Nem venhas com desculpas.

— Quais desculpas? Sabes o que é que dizia o meu pai? As desculpas são a cauda da lagartixa, fica no meio do caminho a abanar-se enquanto a lagartixa foge. E eu estou aqui, não estou? Estás a ver a minha cauda?

Ari olha para o rabo dela, instintivamente.

Rosa grita com ele e Ari encolhe os ombros. Senta-se ao lado dela.

Na televisão está um homem que tem treze amantes. Rosa interroga-se: agora vão ficar todas a saber uma das outras. As pessoas ligam para o programa e insultam-no, mas Rosa tem vontade de alertá-lo. Pensa em ligar, mas receia não gostar de ouvir a sua própria voz. Uma vez, ouviu-se numa gravação e nem se reconhecia. Aquela era outra Rosa. Os gravadores têm outra pessoa a gravar por nós. Portanto o homem com as treze amantes vai ter de se desenrascar de outra maneira.

Entretanto, Ari sai com os ombros caídos, com um anel no bolso, e com a lanterna a apontar de um lado para o outro como uma estrela indecisa.

O professor ainda está muito maltratado, apesar de já ter passado uma semana desde o incidente com Ari. Tem menos dentes, tem menos confiança, tem um penso nas costelas, outro no nariz. Rosa tenta amenizar os estragos, mas não tem jeito para o fazer.

— Tenho pena. O Ari é um tonto.

— Já me sinto melhor.

Rosa levanta-se para ir buscar-lhe um copo de água.

— O meu sonho era viver num monte e construir uma igreja abandonada — diz o professor Borja.

— Uma igreja abandonada?

— Sim. Por ser uma bela paisagem e por nos dizer que podemos abandonar a religião. Deixar crescer ervas no meio das orações é a melhor paisagem.

Rosa agarra os joelhos e olha para ele sentindo que há qualquer coisa errada naquela pessoa. Lembra-se de ter visto um dia um veado a morrer. Na quinta de um amigo do seu pai criavam-se veados. Davam-lhes milho junto a uma vedação de arame porque o que crescia no terreno não era suficiente para a sua alimentação. O homem, de vez em quando, pedia a João Lucas Marcos Mateus que o ajudasse a abater alguns dos seus veados. Numa dessas vezes, Rosa acompanhou o pai que a levava pela mão. Rosa gostava de caminhar assim, ao seu lado. O pai, na outra mão levava a espingarda e aquele era um contraste estranho, mas notavelmente humano: numa mão, uma criança, na outra uma arma. Mal o amigo de João Lucas Marcos Mateus atirou milho aos veados, estes correram para o comer. Quando o primeiro se aproximou, o pai de Rosa fez pontaria e uma fêmea caiu no chão de cimento no meio de uma poça de sangue. E enquanto estava assim, ferida de morte, comia o milho que estava ao alcance da sua língua, esticava-se e ainda mastigava. Mesmo a morrer profundamente, a esvair-se em sangue, a sua língua procurava o milho. Rosa sentiu aquilo como uma grande confusão: a natureza não sabe bem o que anda a fazer e por vezes troca tudo. O professor também é assim. Rosa vê-o desse modo desde que o viu encolhido debaixo dos pontapés de Ari. Houve muita coisa que mudou com aqueles pontapés, não foram só as costelas e os dentes do professor. Toda a relação, da parte dela, sofreu a mesma violência, perdeu dentes, magoou-se no nariz, ficou com um penso nas costelas.

Rosa, que a princípio andava receosa e ao mesmo tempo feliz, foi-se aligeirando e retomando a banalidade dos dias. Aos poucos, enquanto a euforia se dissipa (também aos poucos, a passinhos cautelosos), ela começa a sentir algum desconforto quando abraça Borja. A relação deles é como colocar um segundo ao lado de um século. Na rua julgam-na neta do professor. Também começa a sentir, vindo dele, um certo cheiro a urina, fruto das virilhas brancas. Sente, talvez, um sutil olor a caixão, a mortos, a sôtão e a lixívia amoniacal. Borja não nota estas pequenas sutilezas no espírito de Rosa. Continua a ser o mesmo ser vivo apaixonado. Um ser vivo como tantos outros mortos.

Em público e privado, o professor, embriagado com a vida, cita Nicolau de Cusa sempre que pode. Acredita que o filósofo pode trazer-lhe benefícios sexuais, como aconteceu com Rebeca, aluna do seu amigo Rodolfo, que esfregou os pés no seu sexo intumescido. O professor Borja não vê uma circunferência sem que acuse um círculo infinito de ser uma reta. E quando se deita com a sua velhice em cima de Rosa, não para de falar no cardeal alemão. Nicolau de Cusa está sempre com eles, é o terceiro vértice do triângulo — porque todas as relações são triangulares, mesmo as mais quadradas.

Existem amizades teimosas, que estão constantemente a ser reatadas, apesar de todas as atribuições a que foram sujeitas. Há feitos que não se suportam e, apesar disso, as amizades perduram. Rodolfo aparece de surpresa em casa do professor Borja, porque quer dar-lhe a conhecer a sua mais recente paixão: uma aluna chamada Joaninha. Quando Rodolfo lhe aparece à porta, o professor fica admirado, pois não se falam há anos. O amigo do professor apresenta Joaninha e Borja vê-se obrigado a apresentar Rosa, que está sentada num canto da sala, sem saber o que dizer.

— Explicações de matemática — diz o professor. — Os jovens de hoje bem precisam. Já não sabem o que é um número. Os gregos antigos atribuíam-lhes qualidades, características filosóficas, mas desde Roma que só se veem números nos números. Só quantidades.

O professor olha para Joaninha de alto a baixo, para as unhas pintadas de rosa na mão esquerda e de preto na mão direita, para a cara delicada, os cabelos loiros e compridos, soltos como animais selvagens. Enfim, nada comparável a esse prazer bucólico chamado Rosa.

— Vamos jantar? — pergunta Rodolfo.

Dirigem-se os quatro a uma venda da cidade mais próxima, cuja melhor decoração são os petiscos servidos como entradas. O professor pede cordeiro (uma especialidade, vocês vão adorar) para os quatro e o jantar vai decorrendo naturalmente, tendo Borja o cuidado de não cometer o mesmo erro que cometeu há trinta anos com outra aluna de Rodolfo, a tal Rebeca cujo sexo estava, de um modo misterioso e sublime, conectado com a filosofia de um cardeal alemão da Renascença. Desta vez, está apaixonado por Rosa, só tem olhos para ela e não pretende citar Nicolau de Cusa.

As conversas prolongam-se por memórias do passado e acabam por divergir para outros temas. Os homens falam entre eles enquanto as duas raparigas se mantêm mais ou menos caladas. Num momento de silêncio, raro, Joaninha, animada por poder falar e ser ouvida, comenta qualquer coisa de astrologia, qualquer coisa que leu no jornal, num horóscopo. Rodolfo sorri por cortesia, mas Borja, ajudado pelo álcool e pela repulsa que sente pela charlatanice, sente-se expansivo o suficiente para falar com iniciais:

— A, T, C, G! — diz ele com o seu ar mais profético. — O que importa é isto: A, T, C, G!

Rosa, num gesto mecânico, com um pestanejar lento, olha para Borja, depois olha na frente para levar aos lábios um copo de sumo. Demora-se com ele na boca e quando retira o copo, fica com umas gotinhas teimosas a pairar nos pelinhos do buço. A, T, C, G, pensa ela.

O professor Borja, depois daquela explosão de letras, vira a cara peluda, ora para Rosa, ora para Joaninha, ora para Rodolfo, sempre com um sorriso mal disfarçado pela imponente barba. Arregala os olhos sempre que fixa um deles, à espera de alguma reação. Todos se absterem de comentar as suas letras do alfabeto.

— Uns têm a testa em bico — diz o professor com o entusiasmo de um homem apaixonado, um homem para o qual não existem retas paralelas —, outros têm um olho maior do que o outro, um é gordo, outro é baixo. A, T, C, G! Esquece a astrologia, Joaninha! Não olhes para cima, olha para dentro. É no coraçãozinho das células que está o motivo para isso tudo, nos genes. Vários milhares que se repetem por miríades de células pelo corpo todo. E do que é que estes genes são feitos? — exulta Borja. — Ácido desoxirribonucleico! De-so-xir-ri-bo-nu-clei-co! ou seja: ADN! e este é composto por

adenina, timina, citosina e guanina, ou seja A, T, C, G. Nada de astrologias. Quando se nasce, já um olho é maior do que o outro e já a testa é bicuda, já uma pessoa é obediente ou, ao contrário, inteligente.

O professor Borja ri, come e fala, tudo ao mesmo tempo. De vez em quando, para para limpar o azeite e o vinho da sua farta barba de patriarca.

— Não está escrito nas estrelas, mas no mais profundo de nós mesmos, adimo, gravado cá dentro. — E bate no peito. — Foda-se, entornei o vinho.

Rodolfo sai entre a terceira e quarta sílaba da quarta vez que “desoxirribonucleico” é mencionado. Está indignado. Não só o homem é produto de um ácido impronunciável como o seu melhor amigo é capaz de apoucar a sua acompanhante. Leva Joaninha arrastada, ela que não compreende muito bem o que se passa. O horóscopo que leu não previa nada disto.

O professor olha vagamente para a debandada, sem perceber que o motivo para tal êxodo bíblico é uma coisa genética. Falar do ADN, do ácido impronunciável, pode fazer extinguir a melhor das amizades.

— É triste como se sabe tão pouco sobre o nosso interior. Não achas, Rosa?

— Acho, professor.

— Falei do ADN, tinha de corrigir aquela Joaninha, corrigir as sacudidelas supersticiosas que contaminam a clareza do raciocínio e do pensar. Um homem de ciência é uma verdade cercada de estupidez por todos os lados. O segredo está cá dentro, não como os místicos de supermercado gostariam, mas está cá dentro. No intestino das células, coleantes, as duas cordas gêmeas enroscam-se num diálogo erótico como dois deuses, como os dióscuros. É tudo código, cabalisticamente científico.

— Cabalisticamente — concorda Rosa, com olhar de casa de campo.

Borja engole um pedaço de cordeiro. A gordura escorre-lhe pelos bigodes. Limpa-a com um gesto lento. Pede a conta e saem os dois. Rosa sente-se desconfortável.

Entram no carro e o professor sussurra-lhe:

— Tira as cuecas.

Ela obedece e tira as cuecas, mas, na maior parte do tempo, já não o suporta. Ele sussurra-lhe alguma informação essencial sobre roupa interior e sobre aquele momento em particular:

— É que as mulheres nem sempre usaram cuecas. Cuecas são uma coisa recente, Rosa, muito recente.

— Eu sei, a minha avó... Não interessa.

Rosa põe as cuecas dentro da mala.

— A moda começou com prostitutas parisienses (a mão de Borja vagueia pelas virilhas dela), já perto do século dezanove, e daí até essas que usas foi apenas um passinho.

As mãos do professor fartam-se daquilo rapidamente. Borja saca de um cigarro do maço, acende-o e, quando o leva à boca, sente um cheiro familiar nos dedos, a sexo de mulher. Expele o fumo contra a cara de Rosa enquanto murmura no seu tom mais sensual, tendo na barba ainda bocados de erudição do jantar:

— Trimetilamina, Rosa, é o que eu tenho nos dedos e nas unhas que te tocaram por baixo da saia. É a substância que é comum ao peixe que se começa a putrefazer e aos líquidos vaginais. Há uma grande afinidade entre os odores de Afrodite e o peixe velho. É como se a primeira mulher tivesse nascido sereia e de repente a parte de baixo, por qualquer sortilégio e para felicidade do varão, tivesse secado, apodrecido e caído, e, em sua substituição, tivessem crescido umas pernas. Mas a memória da sua primeira condição, a de seres aquáticos — não é essa a condição de todos nós, que somos criados nesse mar mediterrâneo chamado placenta? —, ainda permanece, teimosa, e faz a sua mais exuberante aparição aquando das lutas veniais, a altura de geração. O búzio leva consigo o barulho da onda da mesma maneira que a mulher leva o cheiro do peixe. Depois imita o mar com a placenta. E há sempre um mar de qualquer espécie quando se fala em geração.

— Por falar em geração — diz Rosa —, estou grávida.

O professor fica estarecido, mas treme de felicidade.

A principal ocupação de Fartaria é vigiar o adro da igreja e impedir os bêbedos de mijarem por ali. Passa a maior parte do seu tempo no largo, de um lado para o outro, a vigiar. O padre Teves gosta muito dele, é um homem discreto que sabe o que não deve dizer e o que não deve ouvir.

O padre cumprimenta-o e entra para a sacristia. Tem, na secretária, uma fotografia a preto e branco dos seus pais. Nunca conheceu a mãe, que morreu durante o parto, mas, porque em criança a imaginou de todas as maneiras que foi capaz, acabou por criar uma espécie de memória de uma vida que nunca chegou a acontecer. O seu pai morreu com menos um pulmão, tinha Teves vinte e dois anos. Um dia — uma noite, para ser exato —, foi assaltado: a carteira ou a vida. O sr. Teves, que tinha aprendido a lutar nas rotas comerciais do Oriente e Mares do Sul, por onde andara embarcado, sabia artes marciais, das mais violentas, das menos zen, e defendeu-se atacando (a melhor defesa é a contradição). O assaltante recuou quando o viu exhibir os cutelos das mãos e um kiai seguido de um mawashi geri dirigido às suas costelas mais desprotegidas e, por um instante, hesitou antes de disparar, acertando-lhe num bofe, no direito. O ladrão levou-lhe a carteira enquanto o sr. Teves era levado para o hospital. Lá chegado, disseram-lhe: o pulmão ou a vida. Desta vez não fez uso das suas artes violentas, as de Marte — apesar de ter tentado um oi tsuki sem efeitos práticos (o médico julgou que era um tique nervoso) —, e entregou-se nas mãos do cirurgião que lhe iria roubar o pulmão esburacado. Não lhe adiantaram de nada as artes de Esculápio, as artes médicas, pois a morte foi um larápio mais célere: e desta vez, desta derradeira vez, não lhe foi dada opção. Não há melhor ladrão do que a morte.

O pai era muito pobre e não havia nada no quarto onde vivia que valesse a pena guardar. Exceto o cinto, o tal que servira — debalde — para dissuadir o filho de se tornar sacerdote, para lhe corrigir tal defeito de caráter, essa nefanda inclinação para a divindade. O mesmo cinto que se ouvia estalar quando o padre Teves rezava ou falava do púlpito.

Teves já não vivia com o pai quando este faleceu depois de tantos roubos seguidos: primeiro a carteira, depois o pulmão, depois a vida. Mas sofreu como sofrem todos os filhos. Vivia no seminário, em Lisboa, mas a cidade dava-lhe alguma falta de inspiração para discursar, evangelizar, comover o próximo para a causa mais nobre, pois o jovem Teves não se contentava com a teologia e incumbia-se a si mesmo de uma fabulosa missão apostólica e evangélica, digna de um Inácio de Loyola, de um Francisco Xavier ou mesmo de um Paulo de Tarso. Parava nos miradouros com fome de ideias, de inspiração que, cria, lhe cairia espontânea alma adentro só de olhar o rio a molhar-se no mar. Olhava a paisagem e esperava pelas palavras que andam pelo ar como as bactérias. A maior parte das vezes não apanhava doença nenhuma, quanto mais uma aliteração. Por isso voltava a casa com uma frustração que o magoava mais do que o cinto do pai, que lhe cavara sulcos profundos no traseiro da alma. Contudo, elaborava grandes discursos, sermões que julgava engenhosos. Faltava-lhe, tantas vezes, o gênio, mas também lhe faltava o gênio para o admitir. São dois gênios que faltam quase sempre em conjunto. Mas tudo isso se compensava com a sua intensidade e determinação. Alma, como dizem os poetas.

O pastor Ari bate à porta e pede licença para entrar. O padre manda-o sentar-se.

— Preciso de saber uma coisa, padre.

— O que é?

— Sei que matar é um grande pecado, mas imagine um pecador, um filho da

puta...

— Não quero aqui essa linguagem.

— Se um homem continua a pecar, não será um dever cristão acabar com isso?

Não podemos deixar as porcarias acontecerem e fechar os olhos, pois não?

— Sim, um pecador que compromete a sua alma poderá ser castigado pela eternidade. Perguntas se não será um dever cristão, já que o pecador não se arrepende, acabar com a vida dele e, assim, impedir que continue a pecar e comprometa a alma eterna? Nada mais errado e até já se pensou assim, em tempos. Mas o século é outro e a misericórdia é um caminho mais saudável. Matar é um pecado muito grave, além de ser um crime igualmente grave. Seja qual for a circunstância. Na História da Igreja cometeram-se muitas vezes erros de raciocínio como esse. Estás a pensar matar alguém?

— Mas não haverá uma atenuante para um caso destes?

Ari não consegue pensar em mais nada senão em Rosa. Não consegue comer e anda nervoso. O padre levanta-se e olha para ele. É um jovem e não vê as coisas para lá das coisas.

— Eu costumo passear junto ao rio, Ari. A Rosa tem atributos incomparáveis, absolutamente divinos, e pode parecer-te impossível desistir dessa perfeição, mas somos seres racionais e, mais do que isso, cristãos.

— Mas há aquele velho...

— Também me preocupa, é um homem horrível que não crê em Deus. Sabes do plano grotesco que ele pensa levar a cabo com a ajuda da Rosa? De fingir que levam a Antónia para Jerusalém?

— O velho anda a dormir com a Rosa.

— De certeza?

— De certeza absoluta.

— Compreendo. Até eu fico com vontade de o matar. Valha-me Deus, o que digo? Nós nascemos para perdoar e é isso que deve ser a nossa natureza. Eu preferia ser chicoteado nas nádegas a pecar dessa maneira.

O hindu olha para si mesmo. Os membros do seu corpo são-lhe completamente dedicados, mas alguns deles são também um pouco irresponsáveis e bebem demasiado. Um deles é viciado no jogo. A maior parte é muito pobre e alguns são doentes. Parece que uma parte segrega bilis e fel, o que é algo embaraçoso.

Como a Virgem que se esqueceu de que era a Virgem, o brahmin também se esqueceu das suas reencarnações, esqueceu-se de que tinha sido um peixe e um cão e um mercador florentino e um zapatista mexicano e um monge monofisita e uma bela circassiana de enormes cabelos e uma nobre de Singapura que tinha mais de três mil gatos. Agora está cheio de migas de rins e miolos, de migas de espargos selvagens, de linguiça alentejana e de morcela para assar e morcela para cozer, de farinha preta e de rojões e rechina da matança do porco, de borrego no forno e nacos de vitela e de queijo de ovelha mergulhado na sopa de beldroegas. O seu corpo, que era desprovido de carne, feito de orações e reencarnações, agora é mais pesado do que Ganesh, o deus elefante. Anda com dificuldade, com as pernas afastadas para não assar as coxas demasiado gordas. Quando vê pobres, pensa: nada que se compare a Calcutá ou a Bombaim. De resto, a pobreza nunca o afetou, pois é um estado transitório, uma ilusão do deus Maya. Mas desde que vive no Alentejo começou a reparar nela. Talvez devido ao fato de haver muito menos pobreza do que na sua terra natal. Quando falta alguma coisa, reparamos nisso com mais facilidade do que quando estamos rodeados dessa mesma coisa. É por isso que Deus gera esta contradição: os que creem Nele padecem de uma fome imensa pois Ele não existe, não se vê, não tem forma, e são como uns esfomeados sem comida, esfomeados com fome infinita; outros, que não creem nele, não reparam, não veem, pelo simples motivo de que ele está em todo o lado, como a pobreza em Calcutá. E assim o brahmin vai andando com as pernas afastadas para não ficar cheio de comichão no interior das coxas.

Rosa chega cansada à aldeia da inglesa, pois teve de caminhar mais de seis quilômetros sob o sol da tarde. Um gato desfaz um pombo. Rosa olha para o animal a comer a carne ensanguentada cheia de penas à volta. O hindu diz-lhe:

— O gato quer voar, mas é como os homens que, para entender as coisas, matam-nas, abrem-nas. Querem voar e para isso engolem coisas. Andamos todos errados, somos como os gatos, a comer pássaros para voar. Em vez de arranjarmos maneira de ser como eles, de compreender os pássaros. De abrir os braços em vez de abrir a boca. É preciso compreender o outro.

Rosa diz-lhe: — Anda tudo a comer tudo. É mesmo assim.

— Mas não devia ser — diz o indiano.

— Se fosse como diz, tal como o gato deveria abrir as patas e voar, o pombo deveria aprender a ter dentes e a devorar os gatos. É preciso compreender o outro.

O brahmin fica uns momentos parado, a pensar. Depois dá uma palmada na cabeça de Rosa.

Os sinos tocam, mas as badaladas têm dificuldade em atravessar o calor da tarde.

Rosa caminha até à casa de Miss Whittemore. Sente o chão a agarrar-se-lhe

aos pés, como se andasse a terra e as suas pernas estivessem paradas. Ana Maria abre-lhe a porta e manda-a esperar no salão que é um verso, o Verso Maior. Rosa senta-se numa cadeira de forro branco, demasiado branco para a sujidade da sua saia, que pinta o assento de terra. Tenta sacudir o pó, um pouco desajeitada, mas acaba por fazer pior e o forro, tão imaculadamente branco, fica com uma sujidade que parece uma pincelada arrastada, expressionista. Rosa sente-se mal e esfrega os dedos com tanta força no tecido que chega a queimar-se.

Quando morre alguém, a inglesa abre um Porto do ano do nascimento da pessoa a ser enterrada e bebe-o com os familiares. Miss Whittemore tem uma cave absolutamente fascinante no que respeita a vinhos. Todos os habitantes que, por acaso ou circunstância, veem os vinhos deitados — a descansar na garrafeira secular —, temem-nos, como temem a morte e a dor da perda. Quando olham para as prateleiras com vinhos do ano do seu nascimento, veem a sua própria efemeridade ali guardada, uma vida tapada por uma rolha de cortiça. E receiam, caso a inglesa abra, por algum motivo, um vinho do seu ano, que possam cair fulminados, atingidos pelo destino.

Enquanto Rosa tenta apagar a nódoa que a sua saia provocou no forro branco, a inglesa entra a beber um Porto que, na verdade, é a morte do padeiro.

Miss Whittemore senta-se, mas Rosa só consegue pensar no forro que era branco e agora está sujo. Tenta tapar, com o corpo, a nódoa maior, mas sabe que não consegue esconder tudo. Além disso, imagina o que irão pensar dela depois. Mexe-se, nervosa, na cadeira e Miss Whittemore pergunta-lhe o que pretende. Rosa diz-lhe que deseja apenas agradecer-lhe por tudo o que está a fazer pela sua avó. Enaltece o ato altruísta e esclarece: ficarei a dever-lhe a vida.

Os raios de sol entram pela janela e Miss Whittemore protege os olhos semicerrando-os. Rosa pensa: é melhor continuar a falar, se não tenho de me levantar e a inglesa perceberá o que fiz neste forro tão branco. Não me posso calar.

Rosa desfaz-se em agradecimentos e quando estes se tornam impossíveis de prolongar, decide falar do professor, das suas ideias, do que professa. A discussão alonga-se e adensa-se. Rosa coça a cabeça, pois para ela o mundo é mais complicado do que todos aqueles pensamentos que só servem para tornar as coisas simples. E as coisas não são simples, são difíceis. O mundo é uma grande dificuldade. Aliás, é uma nódoa num forro branco.

— E o professor — pergunta Miss Whittemore — seria capaz de dar a sua vida pelas suas teorias, pelas suas ideias? Eu acho que sim, mas o que é que isso tem a ver com a biologia de que ele tanto fala? É ela que nos ordena o sacrifício, dirá o professor. Mas e os monges que abdicam da reprodução carnal para se dedicarem a fertilizar o espírito. Muitos de nós fazem o mesmo com as ideias. Não morremos só pelos nossos filhos, não morremos só pelos nossos genes. O nosso Eu não é o sistema imunitário, nem uma bolinha com ácido impronunciável, identificamo-nos com as nossas ideias e isso é o nosso Eu. Mas o professor não concorda, diz-me que uma pessoa se prolonga nessas direções para mostrar a sua generosidade. Gostamos, diz ele, de reconhecer pessoas inteligentes e capazes e, acima de tudo, generosas. Serve esta bonomia apenas o propósito de acasalar, de escolher o melhor parceiro, alguém capaz de dar a vida pela família, pela prole. Mas e quando decidimos morrer por essa bonomia? O professor garante que é um defeito da biologia, mais uma prova de que Deus não existe: a natureza está longe de ser perfeita. Mas eu, Rosa, que nunca tive filhos e tenho asco a tudo o que é carnal, não penso assim e daria a vida por outras coisas que não dependem da minha compaixão para com a

humanidade, mas sim com o perpetuar de uma alma, de uma ideia. Um pensamento em vez de uns genes. Se me perguntares, sob tortura, o que quero que sobreviva de mim, digo-te: é um pensamento. Não é mais nada. Este corpo é miserável, envelhece e acumula cheiros, mucos e tudo o que nos envergonha. Até as plantas fazem melhor, tão paradas que elas são, mas são capazes de perfumar. Nenhum animal é capaz disso, o nosso corpo é uma fonte de tragédias. Se me perguntares, é a ideia que quero salvar e não o corpo. Mas não é isso que faz o professor, embora não o admita? Ele anda a pintar o meu muro. Quer, com isso, perpetuar os seus genes antiquados? Está velho demais para isso. O que pinta nas paredes é a sobrevivência da sua cabeça e não a do seu corpo.

— Não sei — diz Rosa. — Só vinha cá agradecer, mas já que me diz isso, também lhe quero dizer uma coisa que me disse Harold Estefania, capítulo quatro de A morte não ouve o pianista, uma coisa que pode ser isso que me está a dizer, mas com a qual eu não quero concordar para que a vida não se torne simples: “O homem é a estrada entre o pôr do sol e o cavalo que ele monta. O cavalo é o corpo, o homem é a sua alma, o sol é o destino.” Mas não julgue, Miss Whittemore, que isto explica alguma coisa, não é isso. A vida deve continuar muito complicada. Estas explicações só servem para nos fazer doer a alma e os pés e a cabeça e para nos fazer envelhecer a mijarmo-nos pelas pernas abaixo. Posso ser burra, mas não sei do que falo. O Gil Fazeres morreu a partir do momento em que começou a perceber as coisas quando batia com a cabeça nas lâmpadas. Pumba, ficou maluco, era tudo simples, tinha percebido tudo. Um dia, disse-me (enquanto puxava a pele da maçã de adão): já percebi isto tudo. Tudo o quê? Perguntei eu. As searas? Não, disse-me ele, mais do que isso, o universo. Eu dei-lhe a mão e comecei a chorar porque isso era uma coisa muito triste. E tinha razão, porque ele morreu pouco tempo depois.

— Está tudo preparado para receber a sua avó.

— Era isso que eu queria agradecer.

— Estive com Miss Whittemore, para lhe agradecer...

— A inglesa tem uma fortuna enorme, enfim, tem tudo aquilo de que uma pessoa precisa para ser infeliz.

Rosa olha para o professor com vontade de o matar, algo que lhe surge espontaneamente, como uma borbulha depois de comer chocolate. Sente paixão, mas também a sente misturada com a morte. E arrepia-se. Credo, diz ela para si, reprimindo o gesto da bênção, mas fazendo-o mentalmente, a mão a ir à testa e, de seguida, à ponta do esterno, ao seu ombro esquerdo, depois ao direito, terminando com um beijo no indicador e polegar.

Rosa olha para o professor, que anda delirante, e os seus anos todos parecem ser os anos todos de uma criança e não de um velho. Ele abraça Rosa sempre que pode e que ninguém os vê. Beija-a com dedicação, passa-lhe as mãos pelo corpo com a urgência de um adolescente. Passa horas enlevado a olhá-la.

— Que foi? — pergunta ela.

— Nada — responde ele, com um sorriso cercado de barbas.

O professor encosta a cabeça ao peito dela e molha-o com duas ou três lágrimas sentidas. Ela, apesar de a maior parte das vezes não o suportar, comove-se com aquela cabeça de cabelos grisalhos e dá-lhe um beijo na testa como se fosse mãe dele. O tempo, nas relações, não anda necessariamente de trás para a frente, do passado para o futuro. É fácil verificar que uma mulher nova pode ser muito mais velha do que um velho, e que um homem de idade impressionante pode ser uma criança. Nas relações, o tempo comporta-se de maneira diferente. O único relógio que mede o passar destes tempos são os sentimentos.

O professor lembra-se de quando se casou, de como tudo se alterou, de como a sua casa de solteiro se transformou num lar. Viu, de um dia para o outro, uma santa em cima da televisão e um canário em cima da máquina de lavar roupa. A varanda tornou-se marquise.

— Um empreiteiro constrói uma casa, Rosa, mas só uma mulher constrói um lar — diz o professor, recordando o brilho metálico do alumínio da marquise.

A cadeira de rodas de Venâncio está quase nova. Venâncio morreu dois dias depois de a receber. Agora, quem se senta nela é Antónia, com um lenço na cabeça e uma careta. Não gosta de ser transportada numa cadeira de rodas porque parece uma inválida, apesar de não se importar de ser transportada até à igreja num carrinho de mão. Vai refileando com o caminho enlameado que vai da porta do monte até à estrada, que fica a cerca de trezentos metros. Há um carro à espera dela para a levar ao aeroporto. O professor empurra a cadeira e Rosa vai ao lado da avó, a tentar acalmá-la, passando de vez em quando as mãos pelos ombros dela, gestos que a deixam ainda mais nervosa e contrariada. Alípio sai do carro para ajudar a sentar Antónia no banco. A tarefa não é fácil e Alípio comenta que a velhice pesa como o caraças, que os novos são mais levezinhos. O professor manda-o calar, que só diz asneiras. Rosa pega nas pernas da avó, brancas e azuladas das veias (parecem rios vistos do cimo de uma montanha, pensa Rosa) enquanto Alípio a segura pelos sovacos. O professor já está sentado no lugar da frente, ao lado do condutor, a fumar um cigarro. Vai dando conselhos, dizendo como se deve enfiar uma velha num carro. O percurso até ao Avião demora vinte e sete minutos, mas o professor obriga Alípio a fazer um desvio para o prolongar um pouco mais. Fica mais realista assim, diz ele.

Chegam por fim, depois de algumas discussões, e o carro é estacionado junto a um cedro. Antónia acha estranho que haja ali um avião no meio do campo, aquilo não lhe parece um aeroporto. O professor explica, a gritar para conseguir fazer-se ouvir, que foi obra do governo, que estava preocupado com o isolamento, com a desertificação, e assim decidiu construir aquele aeroporto, ainda que modesto. Alípio ri-se e o professor dá-lhe uma cotovelada nas costelas. Miss Stela desce do avião a correr e chega junto ao carro no preciso momento em que Rosa e Alípio pousam Antónia na cadeira de rodas. Miss Stela usa um vestido azul, camisa branca e umas asas na lapela do casaco. Tem um chapéu da mesma cor da farda e parece realmente uma hospedeira. Faz questão de ser ela a empurrar a cadeira até ao avião. Mais uma vez, Rosa tira a avó da cadeira segurando-lhe nas pernas enquanto Alípio a alça pelos braços. O homem sobe as escadas de costas e, apesar de ser um esforço relativamente grande, parece a ambos bastante mais fácil do que o que dependeram para a meter e tirar do carro. Sentam-na numa cadeira e Antónia mostra-se impressionada com o avião, diz que até parece um restaurante.

— São as comodidades das modernas aeronaves — explica Miss Stela.

— O quê? — pergunta Antónia. E Rosa grita:

— SÃO AS COMODIDADES DAS MODERNAS AERONAVES.

O professor informa Miss Stela de que terá de gritar para se fazer ouvir.

— VOU SERVIR-LHE UM CHÁ — grita a stripper.

O professor acompanha-a enquanto ouve Antónia perguntar a Rosa se ainda falta muito para partir e se não vai mais ninguém no voo. Miss Stela e o professor entram na cozinha e ela serve dois whiskys. Bebem-nos de um trago e fazem umas caretas. Miss Stela tira uma cafeteira, põe-na ao lume e enquanto a água aquece tira uma saqueta de chá e um pacote de açúcar de dentro de um cesto de verga.

— E os comprimidos? — pergunta ela.

— Estão aqui — diz o professor, tirando um saquinho de plástico de dentro do bolso do casaco.

Rosa está sentada ao lado da avó, que está muito nervosa.

— Quantas horas são de viagem?

— São muitas — responde Rosa, pegando-lhe na mão. — Ah, já aí vem o chá.

Antónia usa as mãos magras e ossudas e leva a chávena à boca, sopra, e beberica. Diz que não gosta do chá, que chá é aquele, pergunta. Mas vai bebendo e quando acaba adormece. De cansaço, ainda antes de os comprimidos fazerem efeito.

Rosa e o professor têm de esperar que escureça para tirarem Antónia do Avião. Chegam os primeiros clientes, o bar abre às seis. Uma hora depois, já há gente demasiado bêbeda. Antónia continua a dormir enquanto Miss Stela faz o seu primeiro show.

— Vocês adoram ver-me despida de hospedeira — diz para a plateia, composta por um ganadeiro, um comerciante de enchidos, um motorista e dois empreiteiros.

O professor está em pé, junto ao balcão, a beber cerveja com abafado. José Manso, comerciante dos melhores chouriços de carne e linguiça alentejana, está na mesa mesmo ao lado de Antónia e de Rosa. Por vezes olha para o lado, intrigado.

— Passa-se alguma coisa com a velhota?

— Está tudo bem — garante Rosa.

— Também se vai despir?

— Quem, eu?

— Sim, a menina.

— Não!

— Mas olhe que deve ter jeito.

Rosa vira-se para a frente, puxa a saia com as duas mãos para tapar os joelhos, um gesto que diz que não quer continuar a conversa. Manso insiste que ela teria jeito, mas depressa volta a concentrar-se em Miss Stela, que está nesse momento de gatas a dar palmadas no próprio rabo. Os homens aplaudem e ela sai pela porta ao lado do balcão, a correr, com os braços abertos como se fosse um avião. A pausa é propícia a mais umas rodadas. Lurdes, a empregada de Miss Stela, sai do balcão com um tabuleiro cheio de whisks e vodkas e vinho. Lurdes é nova, tem pernas fininhas, braços magros e quase não tem queixo. É, como defesa, demasiado antipática para os clientes que, obviamente, não se sentem minimamente intimidados e que, sempre que podem, lhe passam as mãos pelo corpo e soltam umas piadas sobre a sua falta de peitos. A música está demasiado alta e toda a gente fala aos berros. Miss Stela surge da porta por onde saiu a correr de braços abertos, vestida com umas calças de ganga e um casaco cor-de-rosa sem mais nada por baixo. Vai para trás do balcão e ajuda Lurdes a aviar os pedidos.

O professor conversa animadamente com um carpinteiro chamado Arménio.

— És um saudosista — diz-lhe.

— Dantes havia o Jacinto, que ressuscitava os mortos. E o ruivo, que perdeu tudo a jogar à lerpa. Agora é só engenheiros. Dantes, se não conseguias matar um sapo, ele escondia-se debaixo da tua cama e assim definhavas e morrias. Agora são espécies não sei quê e não se lhes pode tocar. O tabaco enrijecia o peito e dava-nos voz para lutarmos aos berros. Foi-se tudo, não foi? Gritávamos o nome de Deus enquanto sangrávamos do nariz e dos lábios e éramos mesmo Deus, ou não éramos? Ainda há dez anos era tudo diferente. Lembras-te do Luís da barba de bode? Era teso como o Inverno e quando se irritava não ia votar noutro partido, como se faz agora. Partia era a cara do patrão e depois ia às putas. Tenho saudades do tempo em que as bengalas não serviam só para apoiar a velhice, mas para desancar os canalhas. Agora plantam-nos os campos de oliveiras espanholas regadas gota a gota, como as mulheres finas. Dantes era sequeiro. Dizem-nos para poupar no banho e depois regam as oliveiras, que nunca foram regadas desde que Deus criou o mundo. Nós não nos podemos molhar, mas as putas das árvores podem encharcar-se como peixes. E depois temperamos os tomates com aquele azeite aguado, que é o que aquelas oliveiras dão, de tanta água que bebem. Dizem que é a competitividade. Mas um gajo quer competir em quantidade ou em qualidade? Eles que

produzam mundos aguados que nós ficamos com os frutos a saber a suor e a sangue e a terra. Que se fodam todos, mais o tempo, mais o século. Lembras-te do António Samarra? Morreu com uma braçada de um eucalipto na cabeça. Hoje serram os plátanos todos os anos, não é? Têm medo das árvores, têm medo que cresçam. São bichos perigosos, as árvores. Nem se mexem, mas são perigosos. Que mundo! São as alergias dos plátanos, são os ramos dos plátanos. Acabem com a natureza que isto só nos faz é mal. É só ervas e bichos selvagens, letais como as cobras e as árvores. Os meus avós, os meus pais, a minha mulher, eu e os meus filhos comemos debaixo de um plátano gigante, brincamos debaixo de um plátano gigante, rimos debaixo de um plátano gigante... Se nos cair um tronco em cima, se nos matar a todos, é melhor do que a puta de um cancro. Foram gerações inteiras a usufruir da felicidade de estar debaixo de uma árvore. Sabes o que isso quer dizer? Que vivíamos, que gostávamos do que fazíamos, que sangrávamos dos tomates e das costas e dos ossos, que chorávamos e ríamos sem precisar de uma telenovela ou de um comediante na televisão. Era assim que vivíamos. Debaixo das árvores.

O professor concorda, mexendo a cabeça, e bebe tudo o que tem no copo.

— Já é noite — interrompe Miss Stela. — Não é melhor levar a velha?

— Acho que sim.

— Como é que fazem agora?

— Pomo-la no carro e esperamos que acorde. Depois levamo-la para a aldeia da

inglesa.

— E se ela acorda agora?

— Não me parece. Os comprimidos são para cavalos.

— E se ela não acorda?

O dia acorda e Antónia também. Olha em volta e comenta que parece o Alentejo. O professor explica:

— É mediterrânico, é tudo parecido, são sobreiros, péssima economia e oliveiras e queijos de ovelha e cabra. Deus sabia o que era bom e fez-se encarnar num lugar que tivesse desrespeito pelo trabalho e pela escravidão, pelas finanças, essas coisas. Deus faz tudo pelo melhor e jamais pensaria em ser alemão.

— O quê?

— É PARECIDO.

— É igual.

— Praticamente.

— O quê?

Rosa senta-se ao lado da avó e encosta a cabeça, passando-lhe o braço esquerdo pelos ombros. A avó vira-se para ela, parecendo desorientada, mas acaba por sorrir. Encosta a cabeça ao ombro da neta e adormece de novo. Sonha com corujas e com felinos. E os dois vêm comer nos seus sonhos, porque é aí que a vida se alimenta. Caçam, cada um à sua maneira, uns de noite e outros de dia, preenchendo todos os sonhos, os a dormir e os acordados. Antónia voa muitas vezes, mas não faz como os pássaros, é como se subisse escadas, pondo os pés nos degraus do ar. É um processo mais lento, mas mantém a sua verticalidade, que é um assunto muito humano. Muitas vezes leva migalhas para a cama para dar de comer aos pardais dos seus sonhos, os únicos que ela tolera. E Rosa aparece por vezes, como uma joaninha ou como uma vara de ferro ou como um padre distante ou uma borboleta morta. Antónia acorda, desorientada, olha para a neta e sente a vida toda misturada, sonho e realidades.

O professor senta-se ao volante e liga a ignição.

— Alugamos este carro, igualzinho ao outro para a senhora não estranhar — diz o professor a Antónia.

Ela não ouve e Rosa grita exatamente a mesma coisa que Borja acaba de dizer ao ouvido da avó.

— Ah! — diz ela por fim.

O carro estremece, como se estivesse emocionado, e começa a viagem para a Terra Santa. O professor está entusiasmado ou assim aparenta: aponta para a esquerda e grita Jericó (JERICÓ), aponta para a direita e grita Belém (BELÉM). Quando passam por uma pequena ponte sobre um riacho seco, para explicar que aquilo é o rio Jordão, seco pelos pecados dos homens, mas que aquela ponte assinala o local onde São João Batista batizou Cristo. É um local sagrado. Repete tudo aos gritos até conseguir fazer-se entender. Antónia quer atirar uma moeda com um desejo e o professor gaba-lhe a atitude.

Borja está entusiasmado e nem sente a mentira. Na verdade, acha que todas as geografias se sobrepõem. O sagrado está em todo o lado. Não tanto pelo valor intrínseco, mas pelo valor que lhe damos. Se uma aldeia do Alentejo pode ser Jerusalém, é porque é Jerusalém.

Rosa dá água à avó e a viagem prossegue. Diz Rosa:

— Já chegamos à Terra Santa. A cidade fica logo ali.

— O quê?

— JÁ CHEGAMOS.

— Parece o Alentejo.

Os elementos da ordem macedônia, fardados em vez de despidos, percorrem as ruas a dizer coisas em esperanto, poemas, primeiro da seqüela da Odisseia, depois uma oração escrita pelo poeta Petar Stamboliski:

Ouvi, Senhor, eu queria dar-vos o campo cheio de

trabalho,

a transbordar das suas sementes e a crescer cereais

até ao céu.

Pois é assim que a terra cresce, para cima

Primeiro com frutos e termina em pássaros.

Queria dar-vos

os nomes de todas as coisas já frutificados,

queria dar-vos, em vez de árvores, frutos,

em vez de cônjuges, crianças,

em vez de mar, peixes amanhados.

Queria dar-vos o espaço que não acaba

dentro de uma caixa de sapatos

e o nosso ódio desfeito em amor,

a escorrer-me pelas mãos como água.

Os homens usam kipah, outros chapéu de feltro, todos usam caracóis nas patilhas e camisa branca. Mas também há árabes e cristãos (os que não quiseram disfarçar-se) e turistas (os lisboetas que têm casa de fim de semana nas redondezas). Há um ou outro músico de filarmônicas que tocam melodias orientais, abusando da escala árabe.

O caseiro Rato está vestido de padre ortodoxo, obrigado a esse papel por Miss Whittemore, todo solene e com barbas enormes — parece o professor Borja —, balandrau preto e cinto de couro com uma grande fivela de metal. Dá as boas-vindas, que Antónia não percebe mas agradece com os braços estendidos.

O professor aponta para a rua principal e diz que foi por ali que Nosso Senhor levou a cruz aos ombros. Aponta para uma esquina e diz que foi ali que lhe deram vinagre a beber.

— Quero ver uma missa — diz Antónia, invulgarmente desperta.

— Muito bem, vamos ver uma missa ortodoxa.

— Ortodoxa? — pergunta o padre disfarçado, o caseiro Rato.

— Completamente — garante Borja.

— Não faço ideia de como é isso.

— Temos de cantar — diz o professor. — Chama o nigeriano e o hindu, que eles podem fazê-lo nas suas próprias línguas. Qualquer língua estrangeira dá um bom grego. O pão não é como as nossas hóstias, é pão levedado. Qualquer pão salioio serve. O resto inventa-se. Eu fico ao pé de ti para servir de ponto.

Rosa empurra a avó pela rua acima até à igreja. O professor esbraceja para que as pessoas se aproximem e venham assistir à missa.

O caseiro Rato chega com o feiticeiro iorubá e com o hindu, que se sentam ao lado do altar. O nigeriano canta, enquanto bate palmas, uma música tradicional em que o pênis de Sango queima a terra com a sua virilidade. Depois é a vez do hindu, que entoia uma melodia mais calma, arrastada, dedicada a Indra. O professor manda o caseiro erguer

os braços e dizer qualquer coisa. O outro obedece, mas passados uns minutos já lhe falta a inspiração. Um dos elementos da ordem macedônia, que assiste à missa, faz um esforço para evitar um ataque de riso. E diz:

— Professor, conte-nos aquilo das minhocas, que o Lacerda não acredita que o professor escreveu um livro que fala sobre os cagalhões das minhocas.

— Excelente ideia — diz o professor, que se levanta para falar no púlpito, não sem antes esclarecer Antónia de que é costume, em Jerusalém, os visitantes dizerem o sermão.

— Quereis então — pergunta o professor em tom profético, — ouvir falar da minhoca e dos seus dejetos? A mais útil trampa, a rainha das fezes, aquela de que ninguém pode negar a importância?

Faz uma pausa teatral antes de continuar:

— Fiquem sabendo que, no antigo Egito, a pena de morte era o castigo para quem maltratava a minhoca. Cleópatra não era burra nenhuma. Quem é que fertilizava o vale do Nilo? A resposta assoma aos vossos lábios, vejo as vossas bocas a fecharem-se para pronunciarem o “m” de minhoca. Sim, meus caros ex-alunos, é o verme rastejante que pisamos sem qualquer misericórdia, é esse que fertiliza. Não eram os egípcios, felás ou nobres, nem os escravos hebreus, nem nenhum egiptólogo. Era a minhoca, louvada seja.

A guedelha do professor, rarefeita e desgrenhada por um vendaval de emoção, ondula sem regra, oblíqua aos seus pensamentos.

— A minhoca é o grande fertilizante da natureza. Come matéria orgânica em decomposição, refastela-se com a nossa morte, adora cadáveres e vai adorar, tenho a certeza que vai, os vossos. Estes seres não se ufam da sua grande obra, esse opus magnum, pelo contrário, subtraem-se aos nossos olhos, rastejam aos nossos pés.

O professor aponta para os seus pés. Os sapatos estão a precisar de graxa, pensa. Depois explode:

— E são puras, não têm doenças, não transmitem doenças. O verme rastejante é puríssimo, apesar do parentesco com o verme parasita e, especialmente, essoutro que gosta de habitar as nossas entranhas, a lombriga.

É uma espécie de êxtase. O professor é o profeta da minhoca. Longas barbas, braços estendidos para o céu como uma súplica e mocassins a precisar de graxa. Os raros cabelos despenteiam-se em estranhos padrões que lhe refazem a moldura do rosto a cada esbracejar.

— Humilíssimas! Escondem-se debaixo de um aspecto repugnante, como tantas coisas boas e belas desta vida. Há tanta coisa bela que se esconde debaixo de pelos. É debaixo de um dragão que encontram um tesouro. Quando vos cheirar a podre, procurem aí. Chafurdem nessa lama!

— O padre da minha aldeia diz exatamente a mesma coisa — diz alguém da assistência.

— Não me insultem, isto é ciência, não é astrologia. Os padres é que pensam no céu. Aqui estamos a falar da terra e do que ela encerra. A minhoca não se alimenta do que vive, mas do que é morto e, milagre!, caga verdadeiras riquezas. Transforma dejetos em húmus, que é dejetos ele próprio. Já se sabe, a vida nasce da merda. E às vezes é ela própria uma merda. Não é demais lembrar que “húmus” tem a mesma raiz da palavra “homem”. Entre um e outro, só a minhoca os separa: “Eu disse à podridão: tu és o meu pai; e aos bichos: vós sois minha mãe e minha irmã”, disse Job, concordando comigo.

A assistência aplaude e Antónia também, apesar de não ter ouvido quase nada e

de não ter percebido o pouco que ouviu.

— Rosa, ele falou em minhocas? — pergunta ela à saída. — A hóstia soube-me a pão alentejano, igual ao de cabeça.

O salão da casa de Miss Whittemore está soberbamente decorado, num exagero de cores e brilhos. O lustre de teto que ilumina o espaço tem dimensão suficiente para albergar uma pequena família e deita uma luz suave e amarelada, como um doente a morrer num hospital. Há cortinas e panos pendurados, de várias cores e tecidos. As mesas estão cheias de comida de todo o tipo, doces empilhados a querer chegar ao teto, cabritos e borregos assados, sopa dourada, vinhos, e toda a espécie de doçaria conventual. Na mesa junto à janela virada para Poente, ensaia-se uma Última Ceia: a companhia de teatro arranjou doze apóstolos e um Cristo. Têm a mesa mais austera, para não atrapalhar a estética do momento.

Do outro lado do salão, uma banda filarmônica de metais toca músicas levantinas, mesmo junto à mesa onde se senta Miss Whittemore com o sábio hindu e o feiticeiro iorubá.

Antónia está maravilhada com o salão e com as decorações. Borja explica-lhe, aos gritos, que irá ser apresentada uma encenação da Última Ceia, que o banquete é a coisa mais importante da religião, foi o próprio Jesus Cristo que o disse ao mandar repetir o ritual e tornar o ato de nos sentarmos à mesa no maior sacramento da Santa Madre Igreja. A religião deve fazer-se à volta da mesa. Ao comer enquanto se conversa, dá-se carne às palavras e elas ganham corpo. A comida entra-nos no estômago ensopada em histórias. Há um casamento das palavras com a salada, das histórias com o bife, das conversas com o vinho. Antónia não o ouve, os olhos andam perdidos pelos panos tecidos por viúvas iranianas, pela pedraria do lustre, pelo enorme crucifixo de madeira que está pendurado no salão, como um anjo a voar. Rosa sorri, pois sente a felicidade da avó.

O professor agarra as mãos de algumas pessoas e obriga-as a dançar em roda, cruzando as pernas, com a variante fugaz de se dirigirem ao centro e levantarem as mãos. Vai buscar Antónia e empurra a cadeira para o meio do salão, e todos começam a girar à volta dela. A velha ri-se como há muito não fazia e Rosa também se sente feliz. De repente, a meio de uma dança, Borja caminha para a mesa onde se desenrola a Última Ceia e manda retirar o vinho, pois é um erro histórico. O Cristo está impávido, mas São João acha que não faz sentido e afasta o seu copo do alcance do professor, que começa a discursar:

— Ninguém sabe, caros Jesus Cristo e seus apóstolos, por que razão o homem se sedentarizou, já que está provado que ser nômade dá muito menos trabalho. Então porque sucedeu essa mudança radical? Muito simples, vou explicar-vos, queridos apóstolos e Nosso Senhor: foi a cerveja. Para ter cerveja era preciso cultivar. E assim nasceu a sociedade como a conhecemos. Graças à cerveja, temos hospitais e bibliotecas. Não existiriam livros se não fosse a cerveja. Não existiriam escritores nem ciência. Os nômadas não têm prisões nem conhecem o castigo, mas por outro lado não têm bibliotecas. Os nômadas não têm nada disto, porque andam de um lado para o outro e as prisões não podem ser transportadas, tal como as tipografias e os hospitais e as livrarias. E tudo isso se deve ao fato de alguns povos terem querido beber cerveja e, para isso, precisarem de se sedentarizar. No tempo de Cristo, no vosso tempo, andavam todos a beber cerveja. Na verdade, as bebidas alcoólicas confundiam-se entre si, pois era normal juntar frutos a bebidas de cereais e cereais a bebidas de frutos. Mas o que é certo é que o Egito tinha inúmeras cervejeiras e exportava grandes quantidades para a Palestina. O que se bebia no espaço geográfico em que Cristo habitava era cerveja. O vinho era uma bebida de romanos, dos invasores. Cristo não iria beber a bebida dos ricos, dos opressores, como

a inglesa que nos governa, mas a dos pobres, das putas e dos pecadores. Isso é que era a cerveja, um símbolo do povo. Jesus Cristo bebia cerveja, que sempre foi chamada de pão líquido, pois é verdadeiramente pão com água. É a mesma levedura a transformar o cereal. Fouqueret dizia que a cerveja deveria substituir a hóstia, pois é um pão vivo, que borbulha, não é essa coisa insípida e espalmada e sem fermento que os padres espetam na boca dos fiéis. Em verdade, em verdade vos digo que se o grão não cair na terra e morrer não dará fruto. A cerveja é a ressurreição dos grãos, a sua nova vida. É preciso morrer para isso, é assim que se inicia a fabricação da cerveja. O grão apodrece e transforma-se em malte, que depois se torna álcool, que os antigos chamavam espírito. Deviam acabar com essas porcarias achatadas e dar às pessoas algum motivo de alegria. Deus não esconde a sua inexistência nessas coisas por levedar.

O caseiro Rato, vestido de padre ortodoxo, manda calar Borja: — Calem-no! — e sobe para cima de uma cadeira e tira o dente que traz sempre consigo. É o dente que ele partiu ao professor Borja, quando eram miúdos. O professor corre para ele, mas agarram-no no preciso instante em que chega o padre Teves, de braços abertos como um crucificado. Manda parar a música e sobe para cima de uma mesa. Parece possesso. Tem de acabar com a farsa, que não se brinca com coisas daquelas. Grita para que Antónia o ouça, diz que aquilo não é Jerusalém, que ela foi enganada e que ele não pode permitir isso.

Rosa corre para perto da avó, que dorme profundamente, de boca aberta e queixo encostado ao peito, mesmo no meio do salão. O padre tenta aproximar-se, mas barram-lhe a passagem. Miss Whittemore expulsa-o e ameaça chamar a polícia.

— Não é preciso — diz o padre. — Que Deus vos castigue pelas mentiras monstruosas que criaram.

— Platão também não gostava de ficção, padre — diz o professor. — É a única coisa em que eu não concordo com ele.

A partir desse momento, a calma instala-se, a banda recomeça a tocar, o barulho dos talheres sobrepõe-se ao das vozes e a Última Ceia continua como tinha começado: com cabrito e vinho tinto.

Já no final da noite, cheio de vinho tinto, o professor grita, antes de cair completamente bêbedo: Jesus bebia cerveja!

Mas nem aquele grito, dado mesmo ao lado de Antónia, a acorda. Nem sequer os membros da ordem macedônia a correr todos nus pelo salão a gritar poesias de Stamboliski.

Acorda com um sabor seco na boca amarga. Não compreende muito bem o que vê ao espelho, é como se fosse um diário econômico, indecifrável. O seu reflexo é sempre muito mais feio do que o original, julga ele. Os seus raros cabelos despenteiam-se ao longo da face, dando-lhe um ar de flor com pétalas murchas. Passa as mãos pelos olhos, esfrega-os, volta a olhar-se. Como é que uma pessoa tão bonita tem um reflexo tão feio?, pergunta o professor a si mesmo.

O café cheira a África ou a Timor, e ele bebe-o com calma, ensimesmado nas suas tentativas de ideias. Acha que teve uma ou outra e levanta-se com lentidão. Aproxima-se da janela e, com toda a nostalgia que consegue reunir no meio da ressaca em que está, olha para o infinito, que é um lugar que vive encostado ao lado de fora das janelas.

Vai até ao quarto de Antónia e Rosa para as levar a visitar as maravilhas de Jerusalém e arredores. Rosa empurra a cadeira e começam por passear na aldeia. Caminham um pouco pela periferia e depois pelos campos. Atravessam todos os lugares que o professor recorda da Bíblia. Sobem a um montículo e Borja diz que estão em cima do Ararat, onde a Arca de Noé atracou. Justifica a falta de altura com um problema de erosão. Aponta depois para uma barragem: o mar Morto! Antónia vai de boca aberta, empurrada por Rosa. O calor é difícil de suportar.

Nunca deixamos de ser macacos, pensa o professor Borja, o que aconteceu foi que o macaco afundou para dentro de nós e agora vive cá dentro, a fazer caretas, macacadas, peludo, com os tomates azuis. Temos de impedir este naufrágio, destes macacos todos que se afogam dentro de nós. Pois é isso um homem: uma série de macacos a afogarem-se. Mas havemos de nos vingar. Antónia olha para ele e Borja sente-se na obrigação de criar Jerusalém com palavras, pois é assim que se cria a matéria:

— Em relação às pirâmides, que não se veem daqui, os egípcios apenas pretendiam ficar na história por criar uma estupidez tão grande como a pirâmide de Quéops. Imaginaram que haveria gerações e gerações a interrogar-se e a formular as mais intrincadas teorias sobre um assunto tão ingenuamente piramidal. Os egípcios eram geniais. Mas isso quase não se vê, pois há demasiada umidade. De resto, ninguém quer ver mistérios cuja resolução é o próprio mistério.

Ao dobrar uma esquina, Borja aponta para uma casa que outrora ficava a uns duzentos metros. Diz:

— Ali viveu o violinista judeu que dava de comer ao violino. Punha uma taça de leite, todas as noites, junto ao instrumento, como se este fosse um gato. Dizem que não havia quem não chorasse ao ouvi-lo tocar, mesmo os mais brutos e insensíveis, inclusive uma delegação das Nações Unidas. Em baixo vivia Ibrahim, um beduíno do Sudão que fazia anéis de prata e de cobre decorados com motivos geométricos que dizem conter a explicação para a existência do mal e para a entropia. Jerusalém sempre foi um mundo feito de inúmeros mundos, — uma história de dois gêmeos que nunca se encontram, pois quando um está acordado o outro está a dormir. E se alguém, de repente, acordar um deles, o outro adormece como se desmaiasse. A vida de um é o sonho do outro e vice-versa. O mais curioso é que estes gêmeos existiram mesmo, viviam a uns quilômetros daqui, em Belém, no mesmo lugar onde Cristo nasceu. Um dos gêmeos era muçulmano e o outro era judeu. Morreram os dois ao mesmo tempo, um acordado e o outro a dormir. Isto acontece, diz uma lenda cristã, porque certas vezes dois corpos podem ter apenas uma alma, da mesma maneira que um só corpo pode ter várias almas.

Tal como um rico pode ter inúmeras propriedades, enquanto um pobre terá de dividir o pouco que tem com outros pobres iguais a ele.

A seguir, o professor aponta para um descampado pontuado por umas pedras de alguma antiga construção:

— Foi aqui, neste terreno vazio onde outrora existiu uma mansão ao estilo europeu, que morreu o cristão copta Abanoub Moussa, que foi o último proprietário da Pulga de Deus. Parece que, entre todas as relíquias, esta seria a mais perigosa, pois a Pulga encontrada nas vestes de Cristo alegadamente continha o seu sangue. A Pulga foi preservada durante séculos, praticamente até aos nossos dias, passando pelas mãos dos valentinianos, depois dos bogomilos, depois dos valdenses, depois dos Bórgia, depois dos Orsini, depois de uma seita romântica devota do Santo Guilherme Blake. Pertenceu, posteriormente, a um governante da Sublime Porta antes de ser adquirida pelo próprio Sultão Mehmed Murad V, que governou apenas noventa e três dias. O rasto da Pulga perdeu-se até à queda do Império Otomano, quando reapareceu em Jerusalém como propriedade de um abastado comerciante copta. No princípio do século XX, outro cristão, irracionalmente católico, resolveu adquirir a Pulga de Deus usando argumentos bélicos. A casa de Abanoub Moussa acabou em chamas com ele lá dentro e com a Pulga de Deus fechada no cofre do salão.

A minha avó não ouviu nada, pensa Rosa.

Então deparam-se com uma fonte, com todas as características alentejanas, mas sem se desmascarar o professor discursa:

— A fonte que se diz ter dado aos homens a capacidade de ver aquilo que não acontece no futuro. Por mais que imaginemos o que irá suceder, o futuro nunca acontece como pensamos. Mesmo que apenas difira num pequeno pormenor. Adão bebeu desta fonte e passou esta característica aos homens, fato que veio a tornar a nossa vida muito mais interessante e misteriosa. Curiosamente, as coisas que imaginamos que irão ser o futuro, e jamais o serão, existem mesmo, mas num universo ao lado deste, coladinho a este. Deus fez muitos, como folhas de um livro, e não desperdiça imaginação nenhuma e tudo o que pensamos acaba por acontecer, mas noutro lado a que não temos acesso. Somos como aquelas pessoas que encontram uma porta, julgando ser a saída, que diz: proibida a entrada a estranhos.

Almoçam em casa da inglesa. Rosa diz que está cansada e, mal termina a refeição, empurra a cadeira da avó e vão as duas para o quarto. Passado pouco tempo, ouve bater à porta. O professor diz-lhe para deixar Antónia a dormir:

— Vamos para o meu quarto.

Rosa diz que não, mas o professor insiste. Puxa-a pela mão e leva-a para o quarto. Ele deita-se na cama e ela fica em pé, com as mãos juntas, caídas à frente do corpo. Ele manda-a sentar-se ao lado dele e ela obedece.

— Vivo sozinho — diz o professor Borja. — Às vezes vivo tão sozinho que nem me apetece chorar. Fico seco da solidão.

Rosa deixa que ele a abraça, mas faz uma careta. Rapidamente, o abraço torna-se outra coisa e já estão os dois despidos.

— Sou um Heróstrato — diz o professor.

— Quem?

— Um Heróstrato. Aquele que deitou fogo ao templo de Diana, uma das sete maravilhas da Antiguidade.

Rosa revira os olhos.

— Far-te-ei arder esse templo de Artemisa.

— Não era Diana?

— São a mesma deusa, Rosa. Uma romana, outra grega, mas nos céus lá de cima são o mesmo arquétipo. Os arquétipos não percebem nada de geografia, para eles Roma e Atenas sobrepõem-se como um mapa dobrado. Como esta Jerusalém sobre o Alentejo.

— ...

— Rosa, Rosa...

— Professor...

— Heróstrato, chama-me Heróstrato.

— Heróstrato, Heróstotro... Hetós...

— Heróstrato.

No início da sua relação, algum tempo depois de o professor lhe ter oferecido o anel, Rosa perguntou-lhe:

— Ama-me, professor?

— Só posso amar a ciência, a matemática. O meu coração só tem espaço para a exatidão — respondeu ele, porque achou charmoso colocá-la em segundo plano.

Rosa ficou maravilhada. Aquele homem só ama a ciência. Existe coisa mais bonita? E soltou uma lágrima. Agora, não percebe como foi capaz de se ter, sequer, comovido.

Uma corda estica até ao seu comprimento, mas pode passar uma vida dobrada sobre si mesma, enrolada para dentro. Uma corda comprida pode não passar de um pequeno rolo. A nossa vida também é assim, como uma corda. Por vezes estende-se sobre o abismo, por vezes está enrolada na arrecadação. Pode unir dois lugares distantes ou ficar arrumada, dobrada sobre si mesma.

— Quem tem filhos não morre, dizem os árabes.

Rosa ouve o professor com atenção.

— Eu, por vezes, sinto-me vazio. A minha ciência é desprezada. O conhecimento não interessa para nada. Os conhecimentos é que são importantes. Isto é um país de amigos onde, curiosamente, todos são meus inimigos. Ninguém se digna a perder tempo a ler o que ponho no mundo com toda esta sabedoria que me caracteriza. A sociedade é feita de dinheiro. A carne dela são cotações, cheques, cartões de crédito. Vende-se o que dá dinheiro. O que importa não importa. É o fim dos tempos, o homem volta a ser um macaco. Volta a olhar o porco, cara a cara, e a sentir que se olha ao espelho. É isso o homem. Uma espécie de suíno que, momentaneamente, esqueceu a sua condição orwelliana. Somos todos uns porcos que chafurdam na banca e na economia. A vida não passa de um gráfico de barras, umas estatísticas, probabilidades, projeções. E neste mundo somos todos escravos de notas de todas as línguas.

— Deus deveria dar-lhe a fama.

— Não me fales em Deus, Rosa. Deus tem um jardim, que é onde vive. Nós temos um inferno. Foi o que ele nos deu. Ele é um dos patrões que mais andam por aí. Um pai, se o filho passa fome, é o primeiro a privar-se de comida para que os seus filhos possam comer. Deus deveria andar a passar fome e a sofrer todas as dores. Aquela cruz não dá para nada. Olha à tua volta: um dirigente, quando quer sacrificar, fá-lo sacrificando o povo, mas que pai faria isso aos seus filhos? Qualquer pai estaria disposto a sacrificar-se a si antes de sacrificar os filhos e é isso que faz um líder e é isso que faria o verdadeiro Deus, se existisse. Se queres encontrá-Lo, procura-O no maior indigente, no maior sofrimento. Essa é a sua única hipótese de existência. Os líderes que vemos a governar os nossos países são apenas criminosos, iguais ao Deus católico. Quando se portarem como um pai a tomar conta dos seus filhos, serão verdadeiros estadistas. Deus não está no céu, está na barriga dos esfomeados. É um punho fechado, peludo, a gritar de agonia dentro do estômago.

— Mesmo assim, o professor deveria ser famoso.

— A fama é o modo como as pessoas célebres se dão a conhecer. Já dei, à fama, um protagonismo maior. Para os romanos, era um monstro cheio de olhos e bocas, com asas. Andava sempre acompanhada pelo Boato e pela Credulidade. Diz a verdade com umas bocas ao mesmo tempo que, com outras, mente. Um monstro.

— Um dia, as pessoas hão-de citá-lo e recitá-lo.

— É como sempre digo: uma inteligência limitada é de uma estupidez infinita. E é disto que a sociedade é feita, essa puta da Babilónia.

Rosa está nua na cama do professor. Ele veste-se calmamente, puxa as calças pelas pernas acima, ajeita a camisa branca, entala-a nas calças afiambradas.

— Enquanto Heróstrato, aquele que fez arder o templo de Artemisa, perseguia a fama a qualquer preço, eu persigo a verdade. Ele incendiou o templo de Diana porque queria ficar famoso, conhecido no mundo inteiro. Pensou que, se destruísse uma das obras mais maravilhosas da Antiguidade, o seu nome jamais seria esquecido. Esta leviandade é

pérfida, mas por vezes precisamos de chegar a um lugar onde nos possam ouvir, para o bem de todos, pela vida. Isto apesar de considerar que a fama, bem, a fama já não é como dantes, mas continua a ficar bem em estátuas e a poder ser um corredor para a verdade. Se um desconhecido disser a verdade, é uma idiotice; mas se alguém famoso disser uma palermice diz a verdade. No fundo, seria capaz de mostrar um certo apreço pela verdade, apenas para exaltar os meus genes e fazer alguma coisa pela nossa espécie. Porque é disso que se trata.

Rosa sente que o professor é cheio de palavras, é fraco e não sabe fazer o destino dobrar-se à sua passagem, como fazia Harold Estefania. Ele dava uns tiros e o caminho abria-se à sua frente. Ele nem ligava a isso, e quando lhe diziam que era um herói, ele encolhia os ombros: "Sou apenas um cobarde que fugiu para o lado errado." Rosa percebe que o professor nunca será assim, é incapaz de dar tiros. Pinta paredes, mas o destino exige sangue. Ele não é capaz de se sacrificar pelo que ama. Mas ela, Rosa, é capaz de tudo. Um dia, pensa, incendiarei o templo de Diana ou Artemisa. A que aparecer primeiro.

— Às vezes é preciso um sacrifício como fez Nosso Senhor. Ou como se faz cerveja. Morrer para renascer. Ser capaz de tudo, não é?

— Não, não seria capaz de tudo — admite Borja. — Eu autoproclamei-me Heróstrato apenas porque te incendeio o ventre, Rosa. Não imaginaria deitar fogo a coisa nenhuma para fazer vingar a minha sabedoria. Se as pessoas não me reconhecem o talento, problema delas. Faria quase tudo pela ciência, mas não brincaria com o fogo.

A fraqueza que Rosa detecta no professor dá-lhe um certo asco. Faz uma careta de desconforto, que dura apenas uns segundos. Quando Borja olha para ela, já está a sorrir. Pensa: o professor deveria matar-me, destruir o tal templo, ficar famoso, fazer das suas teorias coisas populares como os brindes da feira, como os ursos de pelúcia, como os relógios despertadores e os anéis de plástico. Viver para sempre dentro de ideias e deixar o corpo que apodrece enterrado nos cemitérios, como as cinzas da lareira depois de contadas as histórias. Diz Rosa:

— A inglesa diz que a alma é que é um corpo sério e duradouro, não é isto (Rosa segura as ancas, os peitos). Não é isto, pois não? Coisas que apodrecem. Devia matar-me, enfiar uma faca dentro do meu corpo para fazer nascer as suas ideias. É como fazer amor, não é?

— Que loucura é essa, Rosa, que loucura é essa?

Ele devia matar-me e eu servia para alguma coisa, pensa Rosa. Sente que é preciso que o professor mate por amor, que morra por amor — que é o que as pessoas gostam de ler — para que viva pela eternidade. Mas não pode ser um mero suicídio — isso não serve o propósito — é preciso uma comédia romântica para que as pessoas olhem para as ideias. Ou queimar um templo, ou qualquer coisa que sirva para apontar para o essencial. E o professor terá um filho, mas feito de pensamentos. Como Jesus Cristo que ressuscita dos mortos.

Quando acabam de jantar, Borja fica na mesa a olhar para o modo como Rosa se mexe para longe dele com as duas pernas e os cabelos negros como a cegueira absoluta. Bonita, pensa ele e não nota que, apesar de estar muito próximo dela, ela está muito longe dele. Funciona assim a distância entre as pessoas. De um lado é perto, do outro é longe. Mesmo quando Borja se deita em cima de Rosa, esta relação das distâncias mantém-se. Ele penetra-a com o seu pênis antiquado e, todavia, apesar de estar dentro dela, está muito longe. O professor Borja tira um charuto do bolso e acende-o com a claridade de um fósforo.

Ana Maria, a criada de Miss Whittemore, prepara a infusão que a patroa costuma beber ao deitar: de jasmim importado com uma gota de leite de burra e outra de porca. O professor entra na cozinha e pergunta se há sais de frutos, pois ficou com o estômago embrulhado do jantar. Ana Maria olha para ele, virando a cabeça muito lentamente. Sai da cozinha para ir à despensa buscar o frasco de sais. A infusão que Ana Maria prepara está em cima da bancada, numa bandeja de prata, oval, decorada com folhas de videira. O professor tira uma caixinha, abre-a e atira o seu conteúdo para dentro da infusão de jasmim importado de Singapura. O pó branco dissolve-se imediatamente, encontrando o seu caminho por entre a gota de leite de burra e a gota de leite de porca. Deve ser suficiente para fazer adormecer um cavalo, pensa o professor. Ana Maria volta com o frasco de sais de frutos e pousa-o na mesa da cozinha, tira um copo do armário, e diz que a água está na bilha. O professor serve-se, junta os sais, e fica a vê-los borbulhar. Bebe de um trago enquanto Ana Maria sai com a bandeja para a levar à patroa.

De volta ao seu quarto, o professor deita-se de costas na cama, sentindo-se bem, sorrindo para o teto com as mãos atrás da cabeça. Espera por Alípio, que chega passados minutos. Vem nervoso, mas o professor não sabe notar essas coisas, está concentrado em si mesmo, nas suas ideias, no seu plano para essa noite. Alípio pousa a lata de tinta no chão e tira um pincel do bolso do casaco. O professor sorri, dá-lhe umas palmadas nas costas.

— Ficas aqui um bocadinho, como combinamos? — pergunta o professor a Alípio. — Uma hora deve chegar até eu voltar. Deves andar de um lado para o outro para que te vejam de lá de fora. Estás mesmo parecido comigo, com essas barbas postiças. Dás uma boa silhueta e um álibi perfeito.

Alípio está nervoso, sentado na cama. Os cortinados estão fechados para que não se perceba quem está lá dentro. Alípio quer dizer ao professor que não vá pintar o muro, que vai ser apanhado, mas as palavras não lhe saem da boca. Abraça-o como se ele fosse morrer. O professor afasta-o.

— O que se passa contigo? Vou só pintar umas coisas na parede. Não te esqueças de, mal eu saia, abrir os cortinados e deixar o candeeiro da mesinha de cabeceira aceso. Tem de ser esse, para dar pouca luz e ficar a ver-se apenas a silhueta.

A noite está calma, deitada pelo chão, e é fácil chegar ao muro sem ser visto. O pastor Ari contorna-o, vê um carro da guarda estacionado, evita-o e trepa o portão. Do outro lado ouve os cães a ladrar, mas sabe que estão presos. Caminha até à casa e tenta abrir uma janela. Tenta uma segunda e consegue uma terceira. Os quartos são no andar de cima, por isso Ari sobe as escadas, silenciosamente, com os seus pés minúsculos. Sabe exatamente em que quarto está o professor. Quando estava lá fora, viu a luz por cima do muro, a silhueta meditada e as barbas infinitas. O destino não poderia ser mais benevolente consigo, tudo lhe parece fácil.

O corredor da casa da inglesa tem uma passadeira verde e uma escada ao fundo.

Junto ao muro da casa da inglesa está um carro parado, da guarda. Lá dentro está o sargento Oliveira, com o nome que lhe assenta como uma árvore, e o caseiro Rato. Há um nevoeiro incompreensível, denso como ódio, e o muro continua branco.

— Tens a certeza de que era hoje? — pergunta o caseiro Rato.

— A certeza absoluta. O Alípio bufou-se por todos os lados. O gajo vai pintar o muro esta noite.

O sargento tinha, naquela tarde, agarrado Alípio pelos colarinhos. Estamos na Páscoa, disse ele, tem de haver um Judas. Vais ser tu. Alípio disse que não tinha medo dele e o sargento agarrou-o pela garganta e levantou-o no ar. Alípio ficou vermelho, com as pernas a mexerem-se freneticamente, a cara quase a rebentar. Afinal, tinha medo dele. O sargento perguntou-lhe o que é que ia pintar com aquela lata de tinta e Alípio disse que era para o professor.

— Isso sei eu — disse o sargento e deixou-o cair no chão. — O que eu quero saber é quando é que ele vai pintar.

— Hoje à noite — disse Alípio sem hesitar. — Hoje à noite.

— Muito bem. Deves fazer tudo o que combinaste com ele e se, por acaso, isto correr mal, vou achar que me traíste a mim em vez de traír o outro. Compreendes?

— Vai tudo correr bem, vai tudo correr bem.

No entanto, visto dali do carro, o professor continua no quarto, a andar de um lado para o outro, sem se decidir a pintar o muro. O caseiro está impaciente, o sargento também, mas tenta disfarçar.

— Está tudo controlado — diz. — Vamos apanhá-lo, é preciso paciência.

O pastor bate à porta do quarto do professor e aparece-lhe um homem de barbas. Ari tem um arame na mão para estrangular o professor. Quando vê aquele homem à sua frente, sente os joelhos a tremer e a vacilar. Larga o arame e Alípio leva-o para dentro do quarto. Fá-lo sentar-se, abre o frigobar e tira uma garrafinha de rum que despeja pela boca do pastor.

Lá de fora, o sargento vê uma visita, não compreende o que se passa, mas quer manter uma certa postura junto do caseiro, por isso diz-lhe:

— É normal. Aquele há-de sair e depois apanhamo-lo.

O pastor está inconsolável.

— Onde está o professor? — pergunta, quase a chorar.

Alípio encolhe os ombros.

— Deve estar hospedado noutro quarto, esta casa é um labirinto.

Ari faz que sim com a cabeça, o mundo é um labirinto.

Bate na porta três vezes. Rosa abre e vê o professor. Ele entra, está histérico. Diz que tem de sair.

— Onde vai, professor?

— Vou escrever na parede do quarto dela, da inglesa. Tenho vivido à margem dessa possibilidade, mas agora estou aqui ao lado. Fi-la adormecer com os comprimidos do veterinário e vou entrar no quarto dela e pintar a tinta preta, sobre a parede branca, a verdade. Mesmo no seio do patronato, no coração de tudo o que está errado na sociedade: os ricos bebem chás importados do Oriente enquanto outros não têm um rabo de pão para molhar na água temperada com azeite.

— Então não vai escrever no muro?

— No muro? Não. Vou ao coração das coisas.

— Vai pintar na parede do quarto da inglesa?

— Isso.

Rosa sorri e o professor canta-lhe:

— “Se eu morrer nesta luta, enterra-me à sombra de uma flor!”

— E o que vai escrever?

— Versos de Diógenes de Oenoanda, é claro.

— Posso pedir um favor?

— Faça. Tudo o que pedires, Rosa, tudo.

— Pinta também a última frase do meu livro favorito, A morte não ouve o pianista.

— Qual é a frase?

— “Morro por amor, sem isso não vale a pena estar vivo. A minha vida foi feita para se entranhar na tua, como uma faca espetada no coração.”

O professor repete aquela frase até a decorar. Três, quatro vezes. Rosa vai corrigindo, vai repetindo com ele: como uma faca espetada no coração.

O professor sai, com as suas barbas intensas, com a lata de tinta na mão esquerda, fechando com cuidado a porta atrás de si. Olha para um lado e para o outro e não vê ninguém. Sorri para dentro e dirige-se para o quarto de Miss Whittemore. Com calma, abre a porta e entra. O espetáculo é impressionante: o quarto imenso, com mais de vinte metros de comprimento, tem uma ossada de baleia a servir de dossel da cama, um leito com cerca de três metros. O professor debruça-se sobre Miss Whittemore para ter a certeza de que ela dorme, depois dirige-se para a parede branca de topo e abre a lata de tinta. Molha o pincel e começa a pintar a parede com versos de Diógenes de Oenoanda, ou seja, a verdade. Enquanto está de costas para a porta, concentrado na sua missão clássica, de grego antigo, Rosa entra no quarto. Traz uma faca de cozinha na mão.

Sempre houve quem desse a vida por ideias, em vez de manter o Eu fechado dentro do corpo, sempre houve quem amasse alguém que não partilha o mesmo sangue, como um cão, ou uma amante estéril, ou um vinho especial, ou um pensamento. Dar a vida por uma destas coisas faz com que a sua identificação, o seu Eu, esteja fora de si e não se limite a uma prisão genética. Rosa pensa nisto mas com as mãos, pensa nisto de um modo prático, pensa nisto com uma faca.

A vida não são só os filhos, pensa Rosa, enquanto esfrega o ventre. Há coisas depois disso, como existe campo à volta da nossa casa. Gostei do que a inglesa me disse: Deus é um gesto. Deve ser possível abrir o ventre de um homem e fazê-lo viver, tirar-lhe um filho, não da sua carne, mas do seu espírito. Mas para quê, pergunta Rosa a si mesma, se não o amo? Para quê fazê-lo viver para lá da sua bolinha genética, sobreviver através das suas ideias? Rosa sente vontade de agir, deve ser Deus, deve ser o mesmo impulso que fez aquele veado que ela viu em pequena, ferido de morte, esticar a língua para comer o milho.

Quando Rosa entra no quarto da inglesa, que dorme cheia de sedativos que fariam acordar cavalos, o professor escreve na parede, concentrado. Rosa agarra a enorme faca de cozinha com uma frieza de profissional. O professor continua de costas a pintar a parede, com a sua arma, o pincel e a tinta, a mais perigosa de todas as armas. Junto à cama, Rosa vê-o pintar o último verso, depois a frase de Harold Estefania, do livro A morte não ouve o pianista. Vê os caracteres negros a aparecerem na parede como uma confissão, como uma faca espetada no coração.

“Morro por amor, sem isso não vale a pena estar vivo. A minha vida foi feita para se enranhar na tua, como uma faca espetada no coração.”

O professor não ouve a lâmina a entrar no peito de Miss Whittemore. Apesar de a inglesa estar deitada numa poça de sangue, o professor não repara. Quando se vira, vê Rosa. Fica surpreendido, mas baixa o pincel e abraça-a. Pergunta: o que fazes aqui? Ela sente-se uma parteira e ele, de repente, parece sentir uma coisa molhada a entrar-lhe pelo corpo dentro, como se fizesse Inverno dentro do estômago. Sente uma espécie de solidão e pensa: sempre estive tão sozinho, mas agora as coisas vão mudar, há a Rosa e o nosso filho. Há tempo, ainda há tempo, para me sentar no alpendre a ver uma criança correr no meio das ervas. Rosa segura a faca, toda cheia de metal, contra o seu esterno, por ali adentro, até à morte. Enterra bem a lâmina e deixa-a ficar pendurada no peito do professor, como um quadro pendurado na parede. Ele começa a tombar muito devagar em direção ao chão — um movimento que continuará até debaixo da terra — e estica a mão numa súplica. Rosa afasta-se pois julga que ele quer apalpar-lhe o sexo. Como o veado que, a morrer, a esvair-se em sangue, ainda esticava a língua para comer o milho.

Depois, baixa-se, pega nas mãos do professor e coloca-as à volta do cabo da faca. Começa a gritar: **ESTÁ MORTO, ESTÁ MORTO!**

Quando o sargento Oliveira entra no quarto e vê aquela tragédia, toda cheia de sangue espalhado, fica imóvel, sem saber o que fazer. Que raio se passa aqui, pergunta ele para si mesmo.

Rosa chora e grita, treme descontrolada, ajoelhada por cima do cadáver, cheia de sangue por todo o lado. O sargento chama-a, ela levanta-se e vira-se para ele, repetindo que o professor está morto, que se matou. O sargento tira o casaco e pousa-o nas costas dela, abraçando-a e dizendo para se acalmar.

O corpo de Miss Whittemore estendido na cama, o corpo do professor estendido

no chão, ambos à sombra de dois versos de Diógenes de Oenoanda e de uma confissão saída de um western.

O depoimento de Ana Maria, a velha criada de Miss Whittemore, garante que a patroa e o professor tinham um caso, pois, certa vez, ao entrar no salão para servir um chá ou um porto — já não se lembra — a inglesa estava com os cabelos esvoaçantes, algo que nunca acontecia. Os seus cabelos estavam sempre presos e aquele momento de liberdade não lhe deixou qualquer dúvida: o professor andava a meter o Diabo no Inferno, eles tinham uma relação.

Amanhece, e da janela do quarto de Antónia vê-se o local onde o rio se ajoelha no vale. Rosa passou a noite na esquadra a prestar depoimento e chega cansada, cheia de olheiras, com os olhos inchados de tanto chorar. Alípio, bem como o pastor, também passaram a noite por lá. Tinham muito que explicar, mas tinham um álibi perfeito: durante os homicídios, ambos estavam no quarto do professor, vigiados por um sargento da guarda.

Antónia está num dos seus momentos de lucidez. Olha para a neta, que se estende na cama, exausta. Antónia sabe que não está na Terra Santa. Pensa: mas é como se fosse, Rosa, é como se fosse.

O padre contou-lhe o plano da neta numa tarde em que a visitou no monte. Disse que estava preocupado com Rosa, disse que o plano de Jerusalém era uma estupidez, um pecado, uma mentira. Que Antónia não o deveria permitir e precisava de saber o que a neta arquitetava com aquele professor. Antónia, no entanto, calou-se ao ver a felicidade nos olhos de Rosa. E que importa? Sente-se verdadeiramente na Terra Santa, sente que a cidade sagrada está sentada em cima da aldeia da inglesa, que Jerusalém é o esforço de Rosa. Nós não somos nós, somos o que damos. A cabeça começa a pender, perde o fio do raciocínio. Volta a pensar tudo outra vez: Jerusalém está sentada em cima da aldeia alentejana, a Terra Santa é... A cabeça descai mais um pouco, fica pendurada sobre o ombro. Antónia faz um esforço, há uma pergunta que quer fazer. Levanta a cabeça, levando um fio de baba atrás do queixo.

— Conta-me, Rosa: o que é que aconteceu ontem à noite?

— O professor matou-se.

— Valha-me Deus.

Antónia tenta benzer-se, mas as mãos não lhe obedecem. Tremem no seu colo, são dois gatos a ronronar.

— Morreu pela verdade. Morreu por amor.

— Tal qual Nosso Senhor Jesus Cristo.

Rosa come um rabo de pão velho com um fio de azeite e bebe café, depois vai a correr para a rua para vomitar. Agarra-se com uma mão à parede enquanto o café se dirige para o chão, salpicando a parede branca. Entra em casa e limpa a boca ao pano da cozinha. A avó está deitada na cama, ainda dorme. Dantes acordava muito cedo, mas à medida que foi perdendo algumas faculdades foi acordando cada vez mais tarde.

Rosa sai em direção à vila, uma hora e meia a pé, e para no largo da igreja. Mete-se por uma rua estreita e para em frente de uma montra com roupas de bebê. Não pode comprar nada, porque não tem dinheiro e porque se comprar roupa para bebê toda a gente ficará a saber que está grávida. Limita-se a imaginar que entra na loja, que passa as mãos e os olhos por todas aquelas roupinhas e decide comprar uns sapatinhos de lã. Imagina comprar uns azuis, porque tem a certeza de que é um rapaz. Já fez o teste com uma agulha pendurada numa linha a servir de pêndulo. Tinha rodado para a direita, era rapaz de certeza absoluta, as agulhas não rodam para a esquerda quando se trata de meninas. Fora a sua prima Milene (que é uma hipócrita) que lhe ensinara, há alguns anos, essa ciência e outras magias.

Rosa caminha até à periferia da vila e sobe um morro. O céu é muito grande em lugares como aquele. Rosa começa a descer para o rio. Lembra-se de todas as vezes em que se encontrou com o pastor e do cheiro das margaridas e das macelas e das camomilas. Tira uma pedrinha do bolso e põe-na na boca. Vêm-lhe duas ou três lágrimas aos olhos enquanto sai do caminho de terra batida. Segue pela encosta, sobe um morro e apanha arruda, um molho dela.

Em casa, depois de beber a infusão, sente uma agonia difícil de suportar. O sangue escorre-lhe entre as pernas e ela deixa-se estar assim, dobrada sobre si mesma, agarrada à barriga. A morte procura sempre o lugar mais baixo, como a água, como as árvores que caem, como os caixões, como o sangue, como o futuro que escorre pelas pernas abaixo até aos pés, até ao chão, até.

E assim é destruída a bolinha genética do professor Borja, que agora é apenas um punhado de teorias científicas que ressuscitarão graças ao crime cometido por Rosa. Não há carne nenhuma envolvida.

Rosa lembra-se da inglesa a discutir com Borja:

— O nascimento é a morte da vida intrauterina — dizia Miss Whittemore. — Também esta vida é um útero para a que virá.

— Pelo contrário — rebatia o professor —, não há nada depois disto. A sobrevivência física, chamemos-lhe assim, consegue-se através dos filhos. Somos como os frutos, temos esta carne toda, esta polpa, mas é só para carregar as sementes.

“As pessoas não morrem, emigram”, disse Harold Estefania ao apontar a arma a um bandido. E, de certo modo, será isso que ela fará. Emigrará para Lisboa porque, como diz a avó, o Alentejo é um cemitério.

Rosa olha para Antónia, olha para ela pela última vez. Vai abandoná-la, vai para Lisboa. Deixa um bilhete em casa de Amélia. Espera que ela trate da avó ou a ponha num lar. Tanto faz. Sente-se vazia, como se tivesse perdido uma série de vidas, algumas fora dela, uma dentro dela.

Deixar a avó para conseguir ter uma vida é como matar o professor para que este se torne cinzas e fogo, como a lenha. A morte é a combustão. O corpo fica todo torcido a misturar-se na terra e nos vermes, enquanto o espírito, o fogo, caminha para os tops das livrarias. Deixar a avó a morrer é o sacrifício necessário para conseguir viver. Do

mesmo modo que levá-la a Jerusalém havia sido o sacrifício necessário para fazê-la feliz. Sente-se outra vez uma parteira: abandona a sua bolinha genética, a única ligação biológica que ainda tem, em prol de uma vida robusta na capital, em Lisboa, aquele lugar que Antónia identifica com a vida — enquanto o campo é a morte. Do abandono da sua avó, sabe Rosa instintivamente, como um veado a morrer, nascerá uma nova vida, algo que lhe tem estado vedado.

A avó tem as rugas a comer-lhe o corpo como predadores, tem a cabeça pendurada, e os seus momentos de lucidez são cada vez mais raros. Troca os nomes das pessoas que vê, troca os nomes das coisas, já não distingue o som do azinho a queimar na lareira do som da lenha de oliveira, já não se lembra das histórias que o fogo obriga a contar, já não consegue pentear o cabelo ou levar a comida à boca. “Fica aqui”, escreveu Rosa no bilhete que deixou à sua vizinha Amélia, “a minha avó”. Foi só isso. Poderia ter escrito as palavras de Harold Estefania: “As pessoas não morrem, emigram. Desaparecem da nossa vista: umas para dentro de um caixão, outras para lugares distantes. No fundo, vão todas para lugares distantes. E, ao ouvir isto, o bandido perguntou: Vais disparar sobre um homem indefeso? O meu revólver não tem balas. E então Harold Estefania disparou dois tiros, rebentou-lhe o tórax, e disse: Toma as tuas balas.”

Um dia, Rosa está lá na terra, a cavar a horta, a semear e a plantar, no outro, dirige-se para Lisboa. Quando pouça a mala de couro, na estação rodoviária da capital, ganha de imediato rugas na testa. É o que faz o ar das cidades. Apesar disso, a sua complexão não deixa de cheirar a terra e a sua voz dá a mesma sombra que os sobreiros ao fim da tarde.

No primeiro ano em Lisboa, sente muitas saudades da terra e procura o seu cheiro em todos os lugares a que vai. Leva o azeite ao nariz para sentir o pastor, mas não lhe cheira a sexo, porque a refinação industrial arruina as memórias. Tenta encontrar expressões e sotaques. Ouve a senhora do quiosque dos jornais dizer que foi a bruxaria que o matou.

— Quem? — pergunta Rosa.

A mulher vira-se para ela, apoia a cabeça na mão com o cotovelo pousado no balcão e responde:

— O meu cunhado, que gastava o dinheiro todo numa bruxa da Amadora. E foi ela que lhe estragou a vida.

Rosa aquiesce, enquanto tenta perceber se alguma palavra é dita como as palavras das suas memórias, mas é tudo pronunciado de forma urbana, não são palavras, são cimento e carros e o sabor a cloro da água da torneira. Já não ouve o que a senhora do quiosque diz e olha para o infinito. A senhora do quiosque também desvia o olhar na mesma direção, curiosa com o que se poderia passar ao fundo, mas os seus olhos não veem tão longe quanto os olhos de campo de Rosa, não veem o horizonte com uma azinheira recortada, não chegam ao infinito.

— Estás a pensar no quê? — pergunta a senhora.

Rosa gagueja e diz que não pensa em nada e despedem-se.

Rosa começa a tornar-se muito parecida com a sua mãe, com as mãos frias como a porcelana das santas. Vai-se esquecendo de tudo o que importa, como a Mãe de Deus, que esqueceu que veio do céu. Rosa continua a viver mais ou menos morta. Um dia, um magala pede-lhe qualquer coisa e ela dá-lhe. Aos poucos, vai dando tudo, estremando a sua generosidade, não só com magalas, mas com um leque muito alargado da população viril, algumas mulheres e até alguns animais. E dar, dar constantemente — São Francisco que nos perdoe — dá-lhe cabo da pele, dos lábios, do rabo redondo, do sexo peludo. O corpo dela começa a entristecer profundamente. Os anos passam e ela vai ganhando anos, envelhecendo até aos trinta, até aos quarenta. As pernas engordam e o rabo parece que se debruça numa varanda — e receia cair no chão de tão curioso pelo que se passa lá em baixo. As mamas fazem o mesmo. Começam a sua peregrinação para a barriga. Uma para cada lado, coladas ao corpo com dois mamilos que parecem pratos de sobremesa atirados contra o peito. Vive só por viver, dia após dia, um a seguir ao outro, até uma espécie de velhice — feita mais de cansaço do que de anos — a encontrar na esquina onde se prostitui. Pensa muitas vezes nos árabes — que dizem que quem tem filhos não morre — e cita livros de cowboys, além de um ou outro verso de Diógenes de Oenoanda ou um pensamento de Nicolau de Cusa, ou alguma teoria aparentemente científica, dessas que tantas vezes ouviu enquanto esfregava o seu corpo contra o do professor. Os clientes, por vezes, ouvem-na dizer estas coisas enquanto se deitam em cima dela.

A sua alma era uma casa em cima de um monte, uma casa caiada de branco e com rodapé cor de vinho. Era bom sentarmo-nos na sala à lareira e sentir o cheiro dos orégãos na cozinha a vir do corredor como um pássaro. E pousar os dedos numa manta de lã, com motivos geométricos e cores azedas, passar a mão pelo gato a dormir ao colo, sentir o cheiro da lareira a entranhar-se na roupa, os dias a tornarem-se mais compridos do que os nossos pensamentos e os barulhos que batem contra a porta, o barulho dos besouros contra a madeira. Era assim a alma de Rosa, como uma casa a precisar de ser caiada. Longe, depois daquilo que somos, há um campo florido, cheio de macelas e camomila, onde todas as pessoas que nunca se encontraram nos seus pensamentos cruzam as suas pernas e as suas palavras. Longe, depois de todas as nossas diferenças, há um campo de flores onde nos sentamos a beber vinho. Mas Rosa esqueceu-se de tudo e, ao migrar para a cidade, desertificou-se como o Alentejo. Esqueceu os cheiros das margaridas esmagadas e o modo como as pegas lhe provocavam asco. É uma santa que se esqueceu do céu.

Rosa morre num quarto desalugado, velha — mas com apenas quarenta e dois anos. Leva consigo a verdade do que se passou naquela noite na aldeia da inglesa. O professor não teria tido coragem de fazer uma coisa daquelas, de matar para fazer perpetuar as suas ideias, não sabia amar até à morte. Ela fê-lo por ele, por Borja e pela sua ciência, a custo de duas vidas. Duas não, três, porque a dela também se perdeu nesse dia, apesar de, aos olhos dos que por aqui andam, ela parecer ter continuado viva. No entanto, era apenas um caixão onde os homens depositavam a sua luxúria.

Por vezes, Rosa era assolada por dúvidas: será que cometera um ato hediondo por motivos altruístas? Ou teria sido porque, no fundo, odiava o professor? Talvez aquele plano fatal não passasse de uma racionalização para desculpar a vileza do ato de matar por ódio.

De resto, não criou um filho como os árabes dizem ser garantia de eternidade, mas criou alguma fama à volta de Borja, apesar de ter sido demasiado efêmera, pois as ideias dele não se susteriam sem o crime passionai. Os livros do professor venderam alguma coisa, saíram do anonimato, mas morreram pouco depois, como um corvo sem terra para pousar.

É certo e sabido que o final feliz é uma invenção humana, uma necessidade de obliterar a morte. A vida nunca acaba bem. Porque todas as histórias de seres vivos acabam misturadas com a terra, acabam no caixão. Esta não é exceção, porque é fiel ao fatalismo da nossa condição de mortais com pretensões a outras coisas. À vida eterna, entre outras coisas.

Rosa viveu mais vinte anos após a morte do professor. No seu momento derradeiro, no seu leito de morte (que é a mesma cama em que ganhava a vida), ela, que já havia morrido há duas décadas, deixa-se morrer levada por uma doença de Vênus. Ninguém morre só uma vez, disse Harold Estefania, e Rosa sabe disso muito bem. Nesse instante de morte, no umbral da porta, encosta-se a sua senhoria, uma mulher de cinquenta e cinco anos, com cheiro a carne guisada, muita gordura no corpo e cabelos brancos presos em cima da cabeça. Pergunta-lhe se quer que chame um médico, mas Rosa limita-se a insultá-la. A senhoria mantém-se ali, a vê-la morrer, com uma placidez notável. Tem as mãos enfiadas nos bolsos da bata e de vez em quando assobia uma canção popular.

Rosa pronuncia, quando expira e por mera coincidência, as mesmas palavras que Goethe disse ao morrer: Mais luz. A senhoria apressa-se, meio contrariada, a acender a

lâmpada do teto e a do corredor. Rosa repete ainda mais uma vez:

— Mais luz!

— Está acesa! — protesta a senhoria.

No derradeiro momento, Rosa vê o pastor Ari com a sua lanterna e corre para ele com os braços abertos e um sorriso emoldurado pela sua alma do campo.